

BURITI MAIS

ARTE

4^o
ANO

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Categoria 2: Obras didáticas por
componente ou especialidade
Componente: Arte

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida,
desenvolvida e produzida pela
Editora Moderna.

Editora responsável:
Flávia Delalibera Rossi

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 1
Código da coleção:
0027 P23 01 02 000 060





MODERNA

BURITI MAIS ARTE

4^o
ANO

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Flávia Delalibera Iossi

Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas
pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Atuou como professora de Ensino Fundamental
na rede estadual de São Paulo. Editora.

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2021

Elaboração dos originais:

Catarina São Martinho

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Artista, professora e pesquisadora, com ênfase nas áreas de teatro, dança e interlinguagens artísticas.

Lígia Aparecida Ricetto

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Autora de livros didáticos e paradidáticos, arte-educadora. Editora.

Francione Oliveira Carvalho

Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciado em Educação Artística, com habilitação na disciplina de Artes Cênicas, pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Concluiu o pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo. Atua no Ensino Superior na formação de professores.

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco

Edição de texto: Olívia Maria Neto, Regina Soares e Silva

Assistência editorial: Beatriz Hrycylo

Revisão técnica: Felipe Pagliato (Música)

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Narjara Lara

Capa: Aurélio Camilo

Ilustração: Brenda Bossato

Coordenação de arte: Aderson Assis Oliveira

Edição de arte: Ricardo Yorio

Editoração eletrônica: Grapho Editoração

Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani

Revisão: Cecília Kinker, Cesar G. Sacramento, Denise Morgado, Fausto Barreira, Janaina Mello, Lilian Xavier, Márcio Della Rosa, Sirlene Prignolato

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Lourdes Guimarães, Marcia Sato, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buriti mais arte : manual do professor /
organizadora Editora Moderna ; obra coletiva
concebida, desenvolvida e produzida pela Editora
Moderna ; editora responsável Flávia Delalibera
Iossi. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021. --
(Buriti mais arte ; v. 4)

4º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou
especialidade
Componente: Arte
ISBN 978-65-5779-748-8

1. Arte (Ensino fundamental) I. Iossi, Flávia
Delalibera. II. Série

21-63036

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_11) 2602-5510
Fax (0_11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2021
Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Esta coleção foi planejada não apenas para auxiliar os estudantes a refletir sobre os fenômenos artísticos e a viver a experiência artística como prática social, mas também para oferecer a você, professor(a), possibilidades de encaminhamento do conteúdo curricular, por meio de atividades e sugestões elaboradas por professores com vivência em sala de aula.

Sabemos que trabalhar o ensino de conhecimentos relacionados à Arte, de maneira que contribua para a formação de cidadãos que atuem e reflitam sobre o mundo, requer estudo e aprofundamento em teorias e experiências educacionais. Por isso, compartilhamos algumas estratégias que provavelmente aparecerão nos trabalhos dos estudantes, com o intuito de auxiliá-lo durante a observação da execução das atividades e das discussões coletivas, além de propostas concretas e sugestões de intervenção. Acreditamos que, quanto mais informado você estiver sobre o modo como o estudante consegue resolver as situações, mais produtiva será sua intervenção pedagógica.

Embora o livro didático seja um material de uso individual, destacamos a importância da interação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Por essa razão sugerimos que, em algumas atividades, eles trabalhem em duplas, em pequenos grupos ou coletivamente.

Na reprodução comentada das páginas do Livro do Estudante pretendemos ampliar seus conhecimentos de referência e, conseqüentemente, auxiliá-lo nas intervenções em sala de aula, propondo, além disso, possibilidades de acompanhamento da aprendizagem e de avaliação que auxiliarão os estudantes em sua formação. Esperamos que este material contribua para sua prática pedagógica, identificando oportunidades de aperfeiçoamento constante.

Seção introdutória	MP005
1. Ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental	MP005
O componente Arte e as áreas do conhecimento.....	MP005
Objetivos do ensino de Arte.....	MP005
O ensino de Arte nos anos iniciais.....	MP006
2. Proposta pedagógica da coleção	MP006
O trabalho com competências e habilidades.....	MP006
Quadro de competências gerais e competências específicas de Arte e de Linguagens.....	MP007
Quadro de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades.....	MP011
A abordagem de Temas Contemporâneos Transversais.....	MP012
As práticas artísticas e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).....	MP012
Avaliação e acompanhamento da aprendizagem.....	MP013
3. Principais práticas pedagógicas	MP014
4. Organização da coleção	MP016
Livro do Estudante.....	MP016
Manual do Professor.....	MP016
Seções que estruturam os volumes.....	MP016
Índice de conteúdos e sugestão de planejamento.....	MP017
5. Referências bibliográficas comentadas	MP019
Seção de referência do Livro do Estudante	MP021

1. Ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental

● O componente Arte e as áreas do conhecimento

O componente Arte está inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área de Linguagens e suas tecnologias. O documento reconhece esse componente em sua especificidade e conhecimentos próprios a serem construídos, mas sublinha, ao mesmo tempo, a importância de sua compreensão de maneira integrada a outros componentes curriculares, na condução dos processos de ensino e aprendizagem. De acordo com a BNCC, essa integração propicia aos estudantes, nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

[...] participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.

(BRASIL, 2018, p. 63)

Nesse sentido, as quatro linguagens da arte destacadas na BNCC – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – devem ser vistas em diálogo entre si e com outras áreas do conhecimento. Por isso, nesta coleção, existe a preocupação em articular as práticas pedagógicas específicas a saberes como a literatura, promovendo o estímulo à leitura, com propostas de atividades de compreensão leitora e de escrita, o acesso ao conhecimento das tradições e da cultura brasileira e de outros povos, entre diferentes saberes que envolvem as demais áreas do conhecimento.

Essa integração visa contribuir para a aprendizagem integral, voltada ao desenvolvimento de competências estéticas e artísticas nas diferentes linguagens e também de valores relacionados à cidadania, como o protagonismo, a valorização da diversidade, a reflexão crítica, a postura investigativa própria das ciências e a promoção do diálogo entre culturas e etnias para que os estudantes possam agir no mundo de maneira consciente e propositiva.

● Objetivos do ensino de Arte

O processo de criação artística tem ganhado destaque e valorização na contemporaneidade, com a trajetória criativa percorrida pelo artista estando intimamente ligada à obra em seu estado final. Profissionais de diferentes linguagens costumam compartilhar seus procedimentos com o público, lançando mão de encontros presenciais ou virtuais, publicações em diversas plataformas, exposições que incluem materiais processuais como cadernos de artista, entre outros recursos. Nesse contexto, o processo é visto em posição de igualdade com o produto, sendo indissociável da obra. Essas experiências estão em consonância com as novas abordagens metodológicas que valorizam o **processo de desenvolvimento** dos projetos do educando tanto quanto as **produções**.

Segundo a BNCC, mais do que valorizar o aprendizado de técnicas e códigos, é preciso valorizar os processos de criação dos estudantes, que são tão relevantes quanto os produtos finais.

A compreensão desses processos passa necessariamente pelas seis dimensões do conhecimento em arte, descritas pela BNCC:

- **Criação:** envolve o fazer artístico e está necessariamente relacionada à ação intencional e à postura investigativa do estudante. Ela se revela na materialização estética, individual ou coletiva, podendo resultar nas mais variadas produções possibilitadas pelas linguagens.
- **Crítica:** envolve as impressões capazes de impulsionar os sujeitos em novas direções e depende do estudo, pesquisa e experiência do indivíduo.
- **Estesia:** refere-se à experiência sensível como forma de conhecer-se e conhecer o mundo, tendo o corpo em suas sensações e percepções como protagonista.
- **Expressão:** significa a possibilidade de o indivíduo exteriorizar sensações, sentimentos e pontos de vista, manifestando-se por meio da arte.

- **Fruição:** envolve o prazer diante da participação na prática artística ou cultural, mas também o estranhamento, revelando a disponibilidade do sujeito em se sensibilizar.
- **Reflexão:** implica construir argumentos e ponderações sobre as fruções, experiências e processos criativos desenvolvidos pelos estudantes.

Tais dimensões não têm ordem hierárquica, tampouco sequencial. Elas perpassam todas as linguagens e aparecem de modo complexo e indissociável no processo de aprendizagem, podendo ser mais ou menos enfatizadas, dependendo da prática pedagógica em desenvolvimento. Ao criar, o estudante expressa, frui, percebe, avalia e reflete; ao fruir, ele amplia seu repertório e suas capacidades expressivas, e assim por diante.

Alinhada a esses princípios, esta coleção se apresenta como material que deve subsidiar o desenvolvimento de processos em sala de aula, de maneira contínua e integrada. Por meio da investigação das diferentes linguagens artísticas, norteada por temas específicos apresentados a cada capítulo, os estudantes são estimulados a se aproximar de conceitos e conteúdos, refletir sobre a relação das obras com seu contexto pessoal, experimentar materialidades de maneira autônoma e criativa, e propor soluções conjuntas em projetos coletivos. Para que os estudantes sejam contemplados em sua diversidade sociocultural e para que o processo de aprendizagem seja favorecido de maneira integral, a obra fornece estratégias pedagógicas variadas de modo articulado e progressivo.

● O ensino de Arte nos anos iniciais

Para que a formação integral da criança se realize de maneira plena, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, torna-se essencial a articulação do componente curricular aos processos de alfabetização e ao desenvolvimento da literacia, bem como ao conhecimento, ao acesso e à possibilidade de exploração dos meios digitais, que ampliam as formas de expressão e de criação.

Nesse sentido, o domínio das linguagens passa também pelas práticas de leitura e escrita, para alcançar seu potencial pleno, e deve estar ligado a experiências sensorio-motoras e contextualizado em propostas pedagógicas que respeitem a cultura infantil, ampliem o repertório artístico e cultural, valorizem a diversidade de saberes e envolvam a comunidade escolar, acolhendo e incentivando a participação das famílias dos estudantes. Esta coleção baseia-se nesses princípios, propondo atividades de leitura verbal e visual e de escrita, bem como práticas artísticas individuais e coletivas, que possibilitam a expressão criativa dos estudantes, por meio da ludicidade, contextualizando conteúdos relevantes pertencentes à cultura e à arte nacional e internacional, com o intuito de promover processos significativos de ensino e aprendizagem.

2. Proposta pedagógica da coleção

● O trabalho com competências e habilidades

A BNCC promove uma atitude inclusiva ao definir um conjunto de aprendizagens essenciais que os estudantes devem, de forma progressiva, desenvolver durante a Educação Básica. Espera-se que eles tenham, ao longo de todas as etapas, a possibilidade de desenvolver competências gerais que assegurem o direito de aprendizagem e de crescimento integral para atuar na sociedade de forma justa e participativa. Nesse documento competência é definida como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que possam preparar os estudantes para o exercício da cidadania e do trabalho. São dez as competências gerais que perpassam todos os componentes curriculares. Elas se desdobram em competências específicas para cada componente da área de conhecimento, evidenciando suas especificidades. O desenvolvimento dessas competências é realizado por meio de um conjunto de habilidades relacionadas a conteúdos, conceitos e processos organizados em unidades temáticas.

Nesta coleção, todas as atividades e conteúdos foram elaborados com o objetivo de desenvolver todas as competências e habilidades da BNCC referentes ao componente curricular Arte. Isso pode ser observado na **Seção de referência do Livro do Estudante**, junto dos tópicos e atividades desenvolvidos.

A seguir, apresentamos um quadro com as competências gerais da Educação Básica e as competências específicas do componente Arte e de Linguagens, mostrando a ocorrência mais relevante nos capítulos do Livro do Estudante.

Quadro de competências gerais e competências específicas de Arte e de Linguagens

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Volume 1 - capítulo 1 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulos 2, 3 e 4	1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	Volume 4 - capítulos 1 e 4	2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.	Volume 1 - capítulo 1 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 4 Volume 5 - capítulo 5
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1, 2 e 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulo 1 e 2 Volume 5 - capítulos 1 a 5	3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1, 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2, 4 e 5 Volume 5 - capítulos 2, 4 e 5	3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulos 3 e 5 Volume 4 - capítulo 5 Volume 5 - capítulo 2

Continua

Continua

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	Volume 1 - capítulos 1 a 3 Volume 2 - capítulos 1, 2 e 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - Capítulos 1 a 5 -	4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.	Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	Volume 1 - capítulos 2 e 4 Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulos 1 e 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 1	5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.	Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 1	5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5

Continua

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1, 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5	6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.	Volume 2 - capítulo 2 Volume 3 - capítulos 1 e 3 Volume 4 - capítulo 2 Volume 5 - capítulo 5	6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.	Volume 2 - capítulo 4 Volume 3 - capítulo 3 Volume 5 - capítulo 1
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.	Volume 1 - capítulos 2 e 4 Volume 2 - capítulo 3 Volume 3 - capítulo 3	7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 3 - capítulo 3 Volume 4 - capítulo 2		
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.	Volume 1 - capítulo 2 Volume 3 - capítulo 3 Volume 5 - capítulo 3	8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5		

Continua

Competências da Educação Básica	Momentos da coleção	Competências específicas de Arte	Momentos da coleção	Competências específicas de Linguagens	Momentos da coleção
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 e 4 Volume 3 - capítulos 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2, 3, 4 e 5 Volume 5 - capítulos 2, 4 e 5	9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 1 a 5 Volume 4 - capítulos 1 a 5 Volume 5 - capítulos 1 a 5		
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	Volume 1 - capítulos 1 a 4 Volume 2 - capítulos 1 a 4 Volume 3 - capítulos 3, 4 e 5 Volume 4 - capítulos 2 e 5 Volume 5 - capítulos 2 e 5				

Ao ingressar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a organização da aprendizagem, antes estruturada por campos de experiência na Educação Infantil, passa a ser estruturada por componentes curriculares inseridos em áreas de conhecimento. Para que o desenvolvimento das competências específicas desse componente seja garantido, é estabelecido um conjunto de habilidades que correspondem a objetos de conhecimento organizados em unidades temáticas. Segundo a BNCC:

[...] as **unidades temáticas** definem um arranjo dos **objetos de conhecimento** ao longo do Ensino Fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento, assim como cada objeto de conhecimento se relaciona a um número variável de habilidades [...]

(BRASIL, 2018, p. 29)

Para que fique claro esse agrupamento, no quadro a seguir, você poderá observar a relação entre as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades do componente curricular Arte desenvolvidos nesta obra no ano letivo em questão, capítulo a capítulo.

Quadro de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades

	Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Capítulo 1	Artes visuais	Contextos e práticas Elementos da linguagem Materialidades Processos de criação	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.). (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Música	Elementos da linguagem Materialidades Notação e registro musical Processos de criação	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical. (EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados. (EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional. (EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
	Artes integradas	Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.
Capítulo 2	Artes visuais	Contextos e práticas Materialidades Processos de criação Sistemas da linguagem	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais. (EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
	Dança	Elementos da linguagem Processos de criação	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Capítulo 3	Artes visuais	Contextos e práticas Materialidades	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Música	Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Teatro	Processos de criação	(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, criativo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
	Artes integradas	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Capítulo 4	Artes visuais	Contextos e práticas Elementos da linguagem Matrizes estéticas e culturais Materialidades	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.). (EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Música	Elementos da linguagem Materialidades Processos de criação	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/ criação, execução e apreciação musical. (EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados. (EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
	Teatro	Processos de criação	(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
	Artes integradas	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Capítulo 5	Artes visuais	Contextos e práticas Matrizes estéticas e culturais Materialidades	(EF15AR01) identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR03) reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (EF15AR04) experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), Fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Teatro	Processos de criação	(EF15AR20) experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. (EF15AR21) exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
	Artes integradas	Patrimônio cultural Arte e tecnologia	(EF15AR25) conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (EF15AR26) explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) Nos processos de criação artística.

● A abordagem de Temas Contemporâneos Transversais

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCT) têm como objetivo complementar e dar contemporaneidade aos objetos de conhecimento apontados na BNCC. A inserção desse documento nos currículos escolares visa superar a fragmentação na abordagem dos conhecimentos. A proposta de abordagem dos Temas Contemporâneos Transversais considera:

Educar e aprender são fenômenos que envolvem todas as dimensões do ser humano e, quando isso deixa de acontecer, produz alienação e perda do sentido social e individual no viver. É preciso superar as formas de fragmentação do processo pedagógico em que os conteúdos não se relacionam, não se integram e não se interagem.

[...]

Dentre os vários pesquisadores que investigam e discorrem sobre a relevância e responsabilidade da educação, parece ser consenso que, para atingir seus objetivos e finalidades há que se adotar uma postura que considere o contexto escolar, o contexto social, a diversidade e o diálogo.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC*. Brasília, DF: MEC, 2019.

Para que a formação integral dos estudantes ocorra, é importante que a aprendizagem seja contextualizada e que faça sentido em relação à realidade e à vivência deles. Por isso, a transversalidade dos temas não só auxilia a integração dos diferentes componentes curriculares, garantindo que esses objetos de conhecimento ganhem significado para a vida dos estudantes, como também insere esses conhecimentos em um contexto social mais amplo, contribuindo para a reflexão e a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Espera-se que essa abordagem possa suscitar a reflexão dos estudantes sobre meio ambiente, multiculturalismo, cidadania e civismo, saúde, ciência e tecnologia e economia.

Nos volumes desta coleção você encontrará na reprodução do Livro do Estudante ícones indicando a abordagem de temas de relevância suscitados pelos objetos de conhecimento de Arte trabalhados, com sugestões de encaminhamento no Manual do Professor, ao lado da reprodução da página do Livro do Estudante.

● As práticas artísticas e a Política Nacional de Alfabetização (PNA)

As diretrizes que fundamentam a Política Nacional de Educação (PNE), na qual se insere a Política Nacional de Alfabetização (PNA), reconhecem que as práticas artísticas, incluindo as experiências motoras, a musicalização e a expressão dramática, contribuem para a alfabetização e a literacia. Desse modo, estabelece-se não somente a consonância entre o aprendizado artístico e o aprendizado linguístico, como também se reconhece o caráter dinâmico e integrado entre os desenvolvimentos cognitivo, motor e socioemocional.

De acordo com as evidências de pesquisas em ciência cognitiva da leitura, que se ocupa em estudar os processos linguísticos, cognitivos e cerebrais envolvidos nessa aprendizagem, a aquisição da leitura e da escrita não é um movimento natural e espontâneo como o ato de aprender a falar. Portanto, essa aquisição precisa ser ensinada de modo explícito e sistemático (BRASIL, 2019, p. 20, *apud* DEHAENE.S, 2011).

Por isso, torna-se importantíssima a participação da escola e da família no auxílio à aquisição de habilidades de leitura e escrita pelo estudante.

O processo de alfabetização é definido como o ensino das habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético. No entanto, o conceito de literacia vai além da aquisição de um sistema de representação gráfica dos sons e das letras:

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento.

(BRASIL, 2019, p. 21, *apud* MORAIS, 2014)

Dessa forma, entendendo a importância de uma ação integrada dos vários componentes curriculares para a consolidação da alfabetização e da literacia, esta coleção de Arte também assume o papel de promover práticas pedagógicas que possibilitem diminuir a diferença entre níveis de alfabetização e ampliar o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita. Por isso, em todos os volumes, no Livro do Estudante, a obra propõe:

- leitura com a ajuda do professor;
- atividades orais para que os estudantes possam desenvolver o repertório oral;
- leitura compartilhada;
- atividades orais e escritas em grupos e duplas a fim de que possam compartilhar conhecimentos em leitura e escrita;
- tarefas de leitura em casa com a ajuda de familiares (estímulo à literacia familiar).

Essas atividades estão sinalizadas com ícones, na **Seção de referência do Livro do Estudante**, e com orientações no Manual do Professor, junto dos tópicos e atividades desenvolvidos.

Para atender também ao disposto na PNA quanto à consolidação das habilidades voltadas à alfabetização e à literacia, esta obra apresenta atividades que levam em consideração os quatro eixos de compreensão de leitura:

- localizar informações explícitas nos textos;
- fazer inferências diretas;
- interpretar e relacionar informações;
- analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais.

As tarefas de casa propostas nos volumes desta coleção também têm papel de destaque para a consolidação das aprendizagens, pois os estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental sofrem forte influência do ambiente familiar. Em virtude disso, é importante que o professor estimule os pais ou familiares a desenvolver com eles as atividades propostas, que são diversificadas e podem mobilizar habilidades orais e escritas, entre elas, leitura compartilhada com familiares, leitura em voz alta, entrevista com pequenas anotações, ensaio de peça teatral com a ajuda de um adulto, entre outros exemplos que visam estabelecer um compromisso dos familiares com o desenvolvimento da literacia nas crianças.

● Avaliação e acompanhamento da aprendizagem

A avaliação em Arte deve estar de acordo com os mesmos princípios que regem as práticas pedagógicas, levando-se em consideração o caráter processual do fazer artístico, a diversidade de experiências e de saberes de cada estudante e o contexto sociocultural em que está inserido. Não somente o fazer artístico é visto de maneira processual, singular e contextualizada, como também os percursos de aprendizagem de cada um dos estudantes. Neste sentido, é imprescindível levar em consideração o caráter formativo dos processos de acompanhamento e verificação de aprendizagens.

A avaliação formativa engloba todos os recursos de monitoramento do processo pedagógico, tendo como premissa a continuidade e a progressão das observações, em todas as etapas do ensino, e privilegiando aspectos qualitativos em relação aos quantitativos. Tal continuidade tem como um de seus objetivos apoiar a aprendizagem e auxiliar o professor no planejamento do curso, em curto, médio e longo prazos. Neste sentido, é interessante salientar que essa metodologia, central no Ensino Fundamental, em especial no componente de Arte, não pretende ser um instrumento classificatório e muito menos punitivo. Ao contrário, ela deve estar integrada às demais práticas, constituindo-se como mais uma etapa da aprendizagem, e colaborando para que os estudantes continuem aprendendo.

Segundo o sociólogo suíço e pesquisador em educação Philippe Perrenoud (1999, p. 183), toda avaliação é formativa quando auxilia o estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, quando participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo.

De acordo com Perrenoud, no processo de avaliação formativa, devem ser consideradas algumas características essenciais nesse processo:

- A avaliação só inclui tarefas contextualizadas.
- A avaliação refere-se a problemas complexos.
- A avaliação deve contribuir para que os estudantes desenvolvam mais suas competências.
- A avaliação exige a utilização funcional de conhecimentos disciplinares.
- A tarefa e suas exigências devem ser conhecidas antes da situação de avaliação.
- A avaliação exige uma certa forma de colaboração entre pares.
- A correção leva em conta as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos.
- A correção considera erros importantes na ótica da construção das competências.
- A autoavaliação faz parte da avaliação.

(PERRENOUD, 2002, p. 25)

As avaliações diagnósticas são um importante instrumento nesse processo, pois permitem analisar os estudantes, individual e coletivamente, em seu ponto de partida para a trajetória que se inicia. Nessa etapa, o professor avalia se as competências e habilidades dos estudantes são suficientes para o prosseguimento da aprendizagem ou se é preciso interferir nesse processo para que superem defasagens ou mobilizem habilidades que lhes possibilitem prosseguir.

Apesar de a avaliação formativa ocorrer ao longo de todo o processo da aprendizagem, privilegiamos alguns momentos de avaliação que podem servir como parâmetros. No início de cada volume, a seção intitulada *Para começar* propõe uma avaliação diagnóstica com o intuito de auxiliar o professor a verificar os conhecimentos prévios dos estudantes em relação aos temas que serão desenvolvidos durante o ano. A importância dessa etapa não é apenas constatar se os estudantes conhecem determinado conteúdo ou se dominam alguma habilidade, mas também identificar o repertório pessoal de cada um e observar os vínculos que apresentam com os temas e seu interesse em conhecê-los. Esses últimos aspectos, tanto quanto os primeiros, são fundamentais para que as aprendizagens sejam significativas, por levar em conta aspectos sensíveis e socioemocionais.

As atividades ao longo de cada capítulo também são ferramentas que possibilitam a observação contínua feita pelo professor de cada integrante da turma. Com a gradação do nível de dificuldade das questões, os estudantes devem expressar a maneira como compreendem e relacionam os conteúdos a experiências pessoais, em direção ao desenvolvimento das competências e habilidades exigidas em cada etapa. É importante observar seu envolvimento com as atividades, a intencionalidade de suas criações e proposições, além de sua disposição para aprender coletivamente, colaborando com o professor e os colegas. Para que isso aconteça, é fundamental que o professor planeje momentos de conversa em que todos possam elaborar oralmente seus aprendizados, suas dúvidas e interesses em relação aos conteúdos aprendidos.

Somam-se a tais ferramentas as avaliações de processo estruturadas na seção *O que aprendemos*. Embora a avaliação deva ser contínua, esta seção apresenta-se como um momento privilegiado de observar o que foi desenvolvido e o que ainda permanece como desafio para o professor e as turmas, após um conjunto de capítulos. Ela deve formalizar uma etapa de aprendizagem, permitindo tanto ao professor quanto aos estudantes verificar e dialogar sobre aquilo que descobriram, as relações que estabeleceram e as habilidades e competências que foram desenvolvidas.

Ao final de cada volume, a seção *Para terminar* configura-se como um instrumento de avaliação de resultado, retomando os principais conteúdos e competências desenvolvidos durante o ano. Esse é um momento em que o professor deve observar se os objetivos que foram planejados e alcançados ao longo das etapas, durante o ano, se consolidaram. Além disso, este material prioriza a reflexão dos estudantes sobre seu processo particular propondo uma autoavaliação, a fim de estimulá-los a apropriar-se de maneira crítica e autônoma de seus aprendizados e dos desafios que ainda devem enfrentar.

Ainda como forma de suporte ao professor, na conclusão de cada capítulo no Manual do Professor, há uma ficha de avaliação relacionando as habilidades trabalhadas aos conteúdos desenvolvidos. Esse instrumento pode ser usado como meio para a observação dos estudantes durante todo o processo, permitindo que a avaliação não esteja restrita a determinados momentos, mas seja, de fato, contínua. Ao fazer isso, o professor tem mais condições de verificar as aprendizagens, compreendendo e respeitando as singularidades e o tempo de cada estudante.

O desenvolvimento das habilidades e competências no componente Arte, com suas especificidades, também deve colaborar para a alfabetização e literacia, preparando os estudantes para as avaliações externas de larga escala. Tais avaliações são fundamentais para o diagnóstico da educação em âmbito nacional, contribuindo para a construção contínua de políticas públicas realmente efetivas.

3. Principais práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas no componente Arte devem enfatizar a processualidade do fazer artístico, valorizar as singularidades dos estudantes, ampliar o repertório cultural e promover a reflexão crítica. Tais objetivos devem ser atingidos com metodologias que priorizem a cultura infantil, lançando mão da ludicidade para o desenvolvimento de ações criativas que explorem o universo simbólico e as potencialidades sensorio-motoras dos estudantes.

Um dos aspectos fundamentais do ensino e aprendizagem em Arte é a **fruição**. As reproduções de obras de arte, presentes nesta coleção, constituem um material profícuo para o desenvolvimento de habilidades e

competências relacionadas à leitura de elementos, contextos e narrativas visuais. As propostas de atividade, respondidas de maneira oral e/ou escrita, apoiam o processo de ensino e aprendizagem apresentando diferentes caminhos para a compreensão das imagens e estimulando a fruição artística.

Dessa maneira, a fruição é acompanhada sempre da **reflexão** e da **crítica**, estimulando os estudantes a falar ou escrever sobre o que observam, comparando aquilo que descobrem com o próprio repertório.

São vastas as oportunidades apresentadas ao longo dos cinco volumes desta coleção, e devem ser utilizadas de maneira contínua pelo professor, podendo ser retomadas e comparadas sempre que necessário. Contudo, enfatizamos que essas oportunidades ocorrem especialmente na abertura de cada capítulo e também na seção *De olho na imagem*.

Outro aspecto central desse processo é a **criação**. O fazer artístico, seja ele individual ou coletivo, é peça-chave para o desenvolvimento de potencialidades do educando e favorece a aprendizagem significativa e integral. A coleção apresenta uma diversidade de práticas de exploração de materiais, de experimentação espacial, corporal e sonora. Tais práticas devem ser conduzidas com foco na postura investigativa dos estudantes e na habilidade de traduzir esteticamente os conteúdos aprendidos, comparando aquilo que já sabiam com aquilo que aprenderam recentemente.

Não se espera que os estudantes executem técnicas específicas em um nível especializado, mas que se apropriem dos procedimentos apresentados, de acordo com suas possibilidades, desenvolvendo a motricidade a favor de sua expressão. Na **Seção de referência do Livro do Estudante**, junto das atividades, o docente encontra informações para a realização das práticas propostas que indicam caminhos para a condução das atividades e para a discussão em sala de aula. As práticas de criação aparecem em diversos momentos, assumindo uma posição relevante em todos os capítulos. Os momentos em que é dedicada mais atenção a elas correspondem à seção *Mãos à obra* e à seção *Musicando*. Esta tem a especificidade de aprofundar conceitos, temas e práticas de composição musical.

Toda prática artística acontece em um contexto histórico, geográfico, social e cultural que tece uma rede de pressupostos, símbolos e condições materiais que possibilitam que a obra aconteça de determinada maneira e seja compreendida e apreciada por uma comunidade. A compreensão do contexto é fundamental para a reflexão e o exercício crítico, bem como para a valorização das diferentes culturas, matrizes estéticas e patrimônios culturais. Com esse intuito, a coleção apresenta diferentes recursos visuais e textuais para subsidiar a aprendizagem dos estudantes.

Embora não estejam restritas a elas, as práticas de leitura e escrita são fundamentais para a **alfabetização** e a **literacia** e para o desenvolvimento dos conteúdos do componente Arte. Os textos e as atividades do livro são pensados de maneira a colaborar com a progressão dessas habilidades, enfatizando aquelas que colaboram para o desenvolvimento dos quatro processos gerais de compreensão de leitura e para a consolidação de aprendizagens significativas. Com essa perspectiva, orientamos a realização da leitura dialogada dos textos presentes no livro, alternando práticas de leitura individual silenciosa e as coletivas em voz alta, que podem ser feitas pelo professor e/ou por integrantes da turma. Tais leituras devem ser realizadas respeitando o tempo dos estudantes e com pausas para que cada um tenha a oportunidade de sanar dúvidas, compartilhar suas impressões e fazer comparações com suas experiências e conhecimentos prévios. Dessa maneira, espera-se que o exercício da leitura e da escuta sejam feitos em paralelo, assim como o desenvolvimento das linguagens oral e escrita.

As atividades de leitura, na coleção, também contribuem para consolidar os quatro processos gerais de compreensão textual, organizando de maneira progressiva as habilidades de localização de **informações explícitas**, a realização de **inferências diretas**, **interpretação e relação de ideias e informações**, e a **análise e a avaliação** de conteúdos e elementos textuais. A obra apresenta, ainda, atividades para serem realizadas em casa, dando espaço para a **literacia familiar** e o envolvimento de diferentes atores da comunidade no processo educativo.

Em alguns capítulos, o livro traz também propostas de atividades práticas coletivas, em que os estudantes são estimulados a rever seus aprendizados e a dialogar com os colegas em uma construção conjunta. Essas atividades pretendem consolidar os conteúdos e aprofundar o trabalho com as competências gerais e específicas, estimulando a autonomia, a colaboração, o diálogo e a reflexão sobre temas relevantes.

Por fim, é dada aos estudantes a oportunidade de serem acompanhados em sua aprendizagem, ao longo do processo, trabalhando atividades que possibilitam ao professor fazer avaliações diagnósticas, avaliações de processo e avaliação de resultados. Nessa ação contínua, os estudantes têm o papel de coautores em seu processo de aprendizagem, pois fornecem subsídios para que o professor possa retrair rumos, de acordo com seu desenvolvimento.

4. Organização da coleção

● Livro do Estudante

O Livro do Estudante pretende subsidiar processos de ensino e aprendizagem que garantam aos discentes o desenvolvimento de habilidades e competências de modo significativo e trazendo os conteúdos de maneira clara, didática e lúdica, contemplando o universo infantil e possibilitando sua utilização de maneira autônoma.

● Manual do Professor

O material destinado ao professor oferece suporte ao docente por meio de indicações para a condução e a avaliação das práticas, além de sugestões de atividades com o objetivo de preparar uma sequência de práticas pedagógicas, consolidar e avaliar conteúdos por meio de sugestões de fichas de acompanhamento da aprendizagem e remediar dificuldades nos processos de aprendizagem e atividades de campo. As sugestões de atividades são um elemento que deve ser utilizado em caráter eletivo, com base na avaliação feita pelo professor do contexto de cada turma, observando a necessidade de aprofundar um tema ou de retomar uma prática por meio de uma abordagem diferente para contornar uma dificuldade. Já as atividades de campo devem ser planejadas em conjunto com a equipe pedagógica e os familiares dos estudantes, envolvendo os diferentes atores do ensino e da aprendizagem em uma experiência que fomente o contato com os conteúdos e a reflexão sobre contextos, promovendo vivências na conexão entre escola e comunidade.

● Seções que estruturam os volumes

A coleção está organizada em cinco volumes que correspondem aos anos iniciais do Ensino Fundamental, concebidos de maneira sequencial e progressiva. Cada volume reúne capítulos que partem de temas específicos para gerar oportunidades para os discentes desenvolverem as competências e habilidades da BNCC e os processos de literacia de acordo com as bases da PNA.

Cada capítulo apresenta um enfoque específico e busca estabelecer relações entre as linguagens artísticas e entre a Arte e outros componentes, em especial os de linguagens. As seções que aparecem ao longo dos livros colaboram para o aprofundamento de conteúdos e práticas, bem como para as abordagens interlinguagens e interdisciplinares.

● **Abertura dos capítulos:** propõe a leitura de uma imagem que sintetiza ou representa o tema central abordado, além de apresentar questões que visam à avaliação dos saberes prévios dos estudantes sobre o assunto.

● **De olho na imagem:** seção que apresenta telas de artistas ou fotografias, acompanhadas de textos e perguntas norteadoras com o intuito de auxiliar os estudantes na contextualização e na leitura das imagens, promovendo o exercício visual crítico.

● **Mãos à obra:** a seção propõe práticas de pesquisa e criação relacionadas ao tema do capítulo, podendo aprofundar a linguagem central abordada ou criar diálogos com outras linguagens.

● **Conheça o artista:** apresenta uma breve biografia de um artista relacionado ao tema em questão, com o intuito de ampliar o repertório cultural dos estudantes e contextualizar as obras.

● **Glossário:** quadro com palavras que subsidiam a ampliação do vocabulário dos estudantes e apoiam a leitura do texto de modo autônomo. É preciso destacar que as palavras contidas no glossário podem ter mais de um significado, contudo, por razões didáticas, apresenta-se no livro aquele que mais favorece a compreensão do texto pelo estudante.

● **Musicando:** seção que apresenta conteúdos de música e aborda aspectos técnicos e criativos de maneira lúdica, organizados de modo progressivo e contínuo ao longo de toda a coleção.

● **Para fazer com os colegas:** aparece sempre duas vezes em cada volume e finaliza um bloco de dois ou três capítulos com temáticas ou objetivos congruentes, organizando uma sequência de aprendizagens em torno de uma prática autoral e coletiva.

O livro apresenta atividades ao longo de todo o percurso, que devem ser acompanhadas e avaliadas de maneira contínua, e também conta com seções específicas para auxiliar alguns momentos da avaliação formativa. São elas:

- **Para começar:** seção que apresenta questões e atividades de caráter diagnóstico.
- **O que aprendemos:** auxilia a consolidação dos conteúdos e subsidia a avaliação de processo.
- **Para finalizar:** retoma os principais assuntos do ano, incluindo questões que avaliam as competências da BNCC trabalhadas no livro, amparando a avaliação de resultado.

Índice de conteúdos e sugestão de planejamento

O quadro a seguir apresenta um panorama dos conteúdos abordados neste volume, página a página, associando-os às práticas pedagógicas e à trajetória de aulas, que serão retomadas na **Seção de referência do Livro do Estudante** deste Manual. O quadro também indica momentos sugeridos para a realização de etapas da avaliação de aprendizagens e a distribuição de aulas do ano letivo.

Índice de conteúdos e cronograma anual				
Observações: em geral, as disciplinas de artes acontecem uma vez por semana no ensino fundamental I, portanto aula equivale a semana neste índice. As aulas podem corresponder a um número maior ou menor de páginas, dependendo da quantidade e complexidade das atividades correspondentes.				
Aula	Páginas	Capítulo	Seção ou título	Conteúdo
1	p. 8	1	Para começar	Avaliação diagnóstica abordando conhecimentos prévios em relação ao conteúdo referente ao ano
	p. 9		Continuação de Para começar	Avaliação diagnóstica abordando conhecimentos prévios em relação ao conteúdo referente ao ano
2	p. 10		Abertura do capítulo Um olhar para a natureza	Leitura de imagem e atividade preparatória
	p. 11		Continuação da abertura do capítulo Um olhar para a natureza	Leitura de imagem e atividade preparatória
3	p. 12		Natureza-morta	Gêneros da pintura, natureza e composição
	p. 13		Continuação de Natureza-morta	Gêneros da pintura, natureza e composição
	p. 14		Natureza-morta: Atividades	Gêneros da pintura, natureza e composição
4	p. 14		Continuação de Natureza-morta: Atividades	Composição
5	p. 15		O uso das cores	Elementos constitutivos das artes visuais: cores primárias e secundárias
	p. 16		Continuação de O uso das cores e Mãos à obra	Elementos constitutivos das artes visuais: cores primárias e secundárias
6	p. 17		Círculo cromático	Elementos constitutivos das artes visuais: círculo cromático
	p. 18		Mãos à obra	Elementos constitutivos das artes visuais: círculo cromático
7	p. 19		Círculo cromático Atividades	Elementos constitutivos das artes visuais: cores complementares
	p. 20		Continuação de Círculo cromático Atividades	Elementos constitutivos das artes visuais: cores
	p. 20		Mãos à obra	Gêneros da pintura e composição
8	p. 21		Continuação de Mãos à obra	Gêneros da pintura e composição
9	p. 22		De olho na imagem e Conheça o artista	Leitura de imagem, atividades e repertório cultural: biografias
	p. 23		Marinha	Gêneros da pintura, natureza e cores
	p. 24		Marinha: Atividades	Gêneros da pintura, natureza e cores
	p. 25		Continuação de Marinha: Atividades e Mãos à obra	Materialidades, gêneros da pintura, natureza e cores
	p. 25		Continuação de Mãos à obra	Materialidades, gêneros da pintura, natureza e cores
11	p. 26		Musicando	Sons longos e curtos
	p. 27		Mãos à obra	Sons longos e curtos
12	p. 28		2	Abertura do capítulo A transformação do espaço
	p. 29	Continuação do capítulo A transformação do espaço		Leitura de imagem e atividade preparatória
13	p. 30	Arte que vem da natureza		Materialidades e técnicas da escultura
	p. 31	Continuação de Arte que vem da natureza		Materialidades e técnicas da escultura
14	p. 32	Arte que vem da natureza: Atividades		Materialidades e técnicas da escultura
	p. 33	Mãos à obra		Corpo, espaço e movimento
15	p. 34	Os museus e as mídias		Museus, TV e exposições virtuais
16	p. 35	Arte em defesa do meio ambiente		Arte e meio ambiente
	p. 36	Arte e meio ambiente: As obras tridimensionais de Frans Krajcberg e Conheça o artista		Arte e meio ambiente e Repertório cultural: biografias

Continua

Continua

17	p. 37	2	Mãos à obra	Coleta, materiais naturais e composição	
18	p. 37		Continuação de Mãos à obra	Coleta, materiais naturais e composição	
19	38-39		Para fazer com os colegas	Organização, exposição e apreciação coletiva de trabalhos	
20	38-39		Continuação de Para fazer com os colegas	Organização, exposição e apreciação coletiva de trabalhos	
21	p. 40		O que aprendemos	Avaliação processual	
	p. 41		Continuação de O que aprendemos	Avaliação processual	
22	p. 42	3	Abertura do capítulo Arte pré-colombiana	Leitura de imagem e atividade preparatória	
	p. 43		Continuação da Abertura do capítulo Arte pré-colombiana	Leitura de imagem e atividade preparatória	
23	p. 44		As civilizações pré-colombianas	História da América Latina	
	p. 45		Maias, astecas e incas e Atividades	Culturas e povos latino-americanos	
	p. 46		Continuação de Maias, astecas e incas	Culturas e povos latino-americanos	
	p. 47		Continuação de Maias, astecas e incas e Atividades	Culturas e povos latino-americanos	
	p. 48		Continuação de Maias, astecas e incas	Culturas e povos latino-americanos	
	24		p. 49	Astronomia nas civilizações pré-colombianas	Saberes, técnicas e objetos culturais latino-americanos
p. 50			Continuação de Astronomia nas civilizações pré-colombianas	Saberes, técnicas e objetos culturais latino-americanos	
25	p. 51		Instrumentos musicais pré-colombianos	Instrumentos musicais	
	p. 52		Continuação de Instrumentos musicais pré-colombianos e Atividades	Instrumentos musicais	
26	53		Mãos à obra	Narrativas e teatralidades	
27	53	Continuação de Mãos à obra	Narrativas e teatralidades		
28	p. 54	4	Abertura do capítulo Arte pré-colonial	Leitura de imagem e atividade preparatória	
	p. 55		Continuação da Abertura do capítulo Arte pré-colonial	Leitura de imagem e atividade preparatória	
29	p. 56		Civilizações pré-coloniais	Pintura rupestre	
	p. 57		Civilizações pré-coloniais: Atividades e Parque Nacional Serra da Capivara	Elementos constitutivos das artes visuais: movimento	
	p. 58		Continuação de Parque Nacional Serra da Capivara	Preservação e patrimônio cultural	
	p. 59		Continuação de Parque Nacional Serra da Capivara: Atividades	Preservação e patrimônio cultural	
	30		p. 60	Tintas pré-coloniais	Materiais naturais
			p. 61	Mãos à obra	Materiais naturais
31	p. 62		Continuação de Mãos à obra	Materiais naturais	
	p. 63		As civilizações pré-coloniais brasileiras	Culturas e povos do território brasileiro	
32	p. 64		A cerâmica pré-colonial brasileira	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos do território brasileiro	
	p. 65		A cerâmica marajoara	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos do território brasileiro	
	p. 66	Continuação de A cerâmica marajoara e Atividades	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos do território brasileiro		
33	p. 67	A cerâmica santarém e A magia dos sapos	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos do território brasileiro		
	p. 68	Sapos na arte, Atividades e Mãos à obra	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos de território estrangeiro		
34	p. 69	Musicando	O ritmo		
35	p. 70	5	Abertura do capítulo Arte indígena brasileira	Leitura de imagem e atividade preparatória	
	p. 71		Continuação da abertura do capítulo Arte indígena brasileira	Leitura de imagem e atividade preparatória	
36	p. 72		Tradições culturais indígenas: Cerâmica	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos indígenas	
	p. 73		Tradições culturais indígenas: Cestaria e Arte Plumária	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos indígenas	
	p. 74		Atividades	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos indígenas e identidade cultural	
37	p. 75		Tradições culturais indígenas: Pintura corporal e Música e dança	Saberes, técnicas e objetos culturais de povos indígenas	
	p. 76		Instrumentos musicais indígenas e Atividade	Instrumentos musicais	
38	77		Para fazer com os colegas	Criação cênica coletiva	
39	77		Continuação de Para fazer com os colegas	Criação e apresentação cênica coletiva	
40	p. 78		O que aprendemos	Avaliação processual	
	p. 79		Continuação de O que aprendemos	Avaliação processual	
	p. 80		Para terminar	Avaliação de resultado	

5. Referências bibliográficas comentadas

- ANDRADE, C. R.; GODOY, K. M. A. *Dança com crianças: propostas, ensino e possibilidades*. Curitiba: Appris, 2018.
Por meio de experiências próprias, as autoras buscam fornecer ferramentas para que o docente possa incluir a dança no processo de ensino e aprendizagem das crianças, no componente Arte, despertando seu potencial criativo e ampliando suas possibilidades de expressão.
- ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
A obra aborda métodos e aplicações do ensino de Arte no Brasil no início do século XXI e o modo como esse componente pode ser trabalhado na escola, com dicas práticas, indicações de atividades e fontes de pesquisa.
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
O livro de Ana Mae Barbosa, autora nacionalmente conhecida, trabalha a importância do ensino de Arte no Brasil e as mudanças que ele tem sofrido ao longo dos anos. Leitura fundamental para professores e escolas.
- BARBOSA, A. M. (org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
Organizada por Ana Mae Barbosa, a obra apresenta materiais sobre interdisciplinaridade e História da Arte e artigos sobre cultura e avaliação.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília: Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.
Essa lei norteia todas as decisões a serem tomadas e os caminhos a serem seguidos por escolas e docentes para alcançar o objetivo educacional no país.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 1º jul. 2021.
Documento de caráter normativo que determina o conjunto orgânico e progressivo das aprendizagens essenciais que devem ser contempladas nos currículos da Educação Básica no Brasil.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de implementação da Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2020.
Esse guia tem como objetivo auxiliar escolas municipais, estaduais e demais instituições de ensino a repensar métodos e encaminhar a implementação das propostas curriculares para a Educação Básica no Brasil, a saber, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.
- BRASIL. Ministério da Educação. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: *propostas de práticas de implementação*. Brasília: MEC, 2019.
Com esse documento, busca-se preparar o aluno para compreender temas importantes para sua vida em sociedade, indo além das quatro paredes da escola.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/SEALF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
O caderno explicita os princípios, objetivos e diretrizes da Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto no 9.765/2019. Entre os destaques do caderno, está a explicitação dos chamados componentes essenciais para a alfabetização: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de textos e a produção de escrita.
- CAVALLEIRO, E. *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.
O livro faz uma análise dos sinais de racismo e antirracismo presentes na sala de aula e na Educação como um todo, além de promover uma reflexão sobre mudanças que podem e devem ocorrer nesse ambiente formativo.
- COHN, C. *Antropologia da criança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Coleção Ciências Sociais passo a passo).
Esse livro aborda conceitos relativos a criança e infância em diversas culturas, abrindo, assim, um debate sobre a importância da antropologia.
- COLL, C.; TEBEROSKY, A. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.
Especialistas em didática e psicologia apresentam conteúdos relevantes para professores de Arte.
- COSTA, C. *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
O livro aborda não só o papel da arte na sociedade, como também a função social do artista, além de fornecer orientações para o ensino da Arte, levando em conta aspectos sociais e sua importância para a sociedade.
- COSTA, D. S.; BASSANI, T. S. (org.). *Arte na Educação Básica: experiências, processos, práticas contemporâneas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. (Série Estudos Resumidos, v. 57).
Esse livro aborda discussões sobre as diversas linguagens artísticas do ponto de vista dos educadores, que destacam essa experiência como agentes transformadores da aprendizagem.

- COSTELLA, A. F. *Para apreciar a arte: roteiro didático*. 4. ed. São Paulo: Senac, 2010.
O autor e artista plástico busca incentivar a apreciação artística e despertar um olhar crítico, mas não normativo, para as obras de arte.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
Essa obra oferece uma base teórica e metodológica para que os professores possam viabilizar o ensino de Arte nas escolas.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. *Metodologia do ensino de Arte: fundamentos e proposições*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
Promove a reflexão sobre novas abordagens das práticas do ensino de Arte nas escolas e o modo como o educador pode intermediar o contato dos estudantes com essa linguagem.
- GAINZA, V. H. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.
Essa obra apresenta uma fundamentação teórica para a relação entre a psicologia, a pedagogia e o ensino da música.
- JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
Nesse livro, é abordada a importância da interdisciplinaridade, que ultrapassa a ideia de método, constituindo um fator fundamental para a construção da identidade e a valorização da diversidade.
- LIMA, M. A. M.; SOUSA, A. C. G. (org.). *Epistemologias para a avaliação educacional: fundamentos e aplicações*. Curitiba: CRV, 2019.
Qual é o papel da avaliação nos dias atuais? E, principalmente, como a avaliação é realizada na Educação Básica? Essas indagações são temas desse livro, que levanta questionamentos e convida o leitor a realizar uma reflexão.
- MACHADO, N. J. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
O autor trata de um tema importante entre as práticas de ensino e os métodos dos diferentes campos de conhecimento, passando por questões pontuais da área e mais gerais da formação do indivíduo.
- MASCELANI, A. *O mundo da arte popular brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/Mauad Editora, 2009.
Essa obra riquíssima apresenta imagens das obras de arte do Museu Casa do Pontal, um dos mais importantes museus populares do país, reunidas ao longo de mais de trinta anos.
- MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
Esse trabalho busca aproximar educadores do Ensino Superior aos do Ensino Fundamental por meio de produções artísticas e registros do cotidiano docente.
- PERRENOUD, P. *Avaliação – da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
O livro analisa questões cruciais que permeiam o processo de avaliação e suas complexidades.
- PERRENOUD, P. et al. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
O livro traz textos das apresentações realizadas por autores que participaram de um ciclo de conferências realizados no Brasil em agosto de 2001. Os assuntos abordados são relevantes e subsidiam discussões e tomadas de decisões por aqueles que desejam um trabalho diferenciado e construtivo na escola de Ensino Fundamental.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. 4. ed. São Paulo: LTC, 2010.
Uma obra fundamental entre as publicações e análises psicológicas de Piaget, repassando a formação da personalidade infantil com seus mistérios e características que definirão a vida adulta.
- SILVA, J. F. *Avaliação formativa: pressupostos teóricos e práticos*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.
Com sua experiência na prática docente, o autor apresenta reflexões sobre a formação do professor e das políticas educacionais e de avaliação. Destaca também o papel do educador no desenvolvimento dos estudantes.
- SPOLIN, V. *Jogos teatrais na sala de aula*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
Material amplamente utilizado nas escolas, reforça a contribuição do uso de jogos para a prática artística e sua importante função pedagógica.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
Seleção de ensaios fundamentais de autoria de Vygotsky sobre a teoria do desenvolvimento elaborada por ele.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
Uma das principais obras do autor, trata da importância da relação entre pensamento e linguagem para o desenvolvimento cognitivo e intelectual do ser humano.

BURITI MAIS ARTE

4^o
ANO

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Flávia Delalibera Iossi

Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas
pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Atuou como professora de Ensino Fundamental
na rede estadual de São Paulo. Editora.

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

1ª edição

São Paulo, 2021

 **MODERNA**

Elaboração dos originais:**Catarina São Martinho**

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Artista, professora e pesquisadora, com ênfase nas áreas de teatro, dança e interlinguagens artísticas.

Lígia Aparecida Ricetto

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Autora de livros didáticos e paradidáticos, arte-educadora. Editora.

Francione Oliveira Carvalho

Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciado em Educação Artística, com habilitação na disciplina de Artes Cênicas, pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Concluiu o pós-doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo. Atua no Ensino Superior na formação de professores.

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco

Edição de texto: Olívia Maria Neto, Regina Soares e Silva

Revisão técnica: Felipe Pagliato (Música)

Assistência editorial: Beatriz Hrycylo

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Narjara Lara

Capa: Aurélio Camilo

Ilustração: Brenda Bossato

Coordenação de arte: Aderson Oliveira

Edição de arte: Ricardo Yorio

Editoração eletrônica: Grapho Editoração

Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani

Revisão: Cecília Kinker, Cesar G. Sacramento, Fausto Barreira, Janaina Mello, Lilian Xavier, Sirlene Prignolato

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Lourdes Guimarães, Marcia Sato, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buriti mais arte / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Flávia Delalibera Iossi. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021. -- (Buriti mais arte ; v. 4)

4º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte
ISBN 978-65-5779-747-1

1. Arte (Ensino fundamental) I. Iossi, Flávia Delalibera. II. Série.

21-63035

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

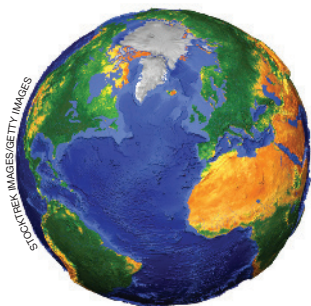
Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2021

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que é o mundo?

O mundo é o que você coloca nele:

Amigos

Sorrisos

Cores

Flores

Brincadeiras.

E quem sabe também

Fantasia, música, dança...

O mundo pode ficar bem melhor

Com um pouco mais de arte!

Desenhe nesse espaço como você quer que seja o mundo.



Conheça seu livro

Veja como está organizado seu livro de Arte.

Para começar
O que aprendemos
Para terminar

Nessas seções, você poderá acompanhar o desenvolvimento de seu conhecimento em arte: o que já sabe, o que ainda pode aprender e o que aprendeu ao chegar ao final do ano.

Abertura

Você vai observar e apreciar reproduções de pinturas, esculturas e fotografias.



O que vejo

Você vai perceber o que sabe sobre o assunto.

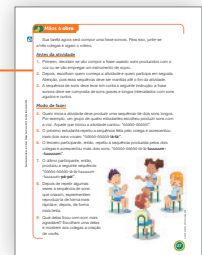


Glossário

Você vai aprender o significado de palavras ligadas à arte e aos assuntos estudados.

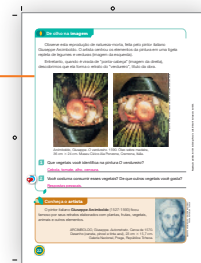
Mãos à obra

Você vai fazer atividades artísticas, sozinho ou com os colegas.



De olho na imagem

Você vai apreciar fotografias e reproduções de obras de arte e conhecer um pouco mais sobre elas.



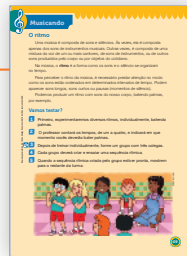
Conheça o artista

Você vai conhecer a biografia de alguns artistas.



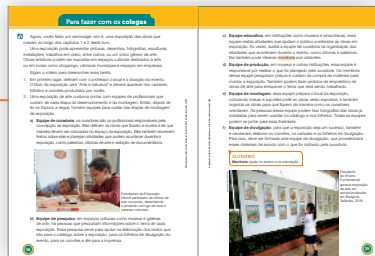
Musicando

Você vai ampliar seus conhecimentos sobre música e sons.



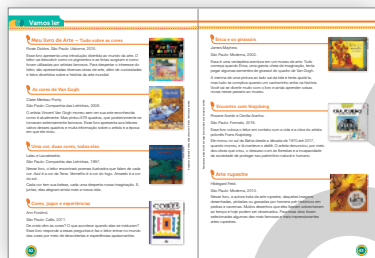
Para fazer com os colegas

Você e os colegas vão fazer atividades artísticas juntos.



Vamos ler

Você vai ampliar seus conhecimentos com a leitura dos livros que recomendamos.



Ícones utilizados

Ícones que indicam como realizar algumas atividades:



Atividade oral



Desenho ou pintura



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade extraclasse/Para casa

Ícones que indicam trabalho com temas transversais:



Sumário

Para começar 8

CAPÍTULO 1 Um olhar para a natureza 10



CORTESIA DE OUBREIRO VARELA, BIENAL DO 2005 DE CAZES OUBREIRO PARA O GÊNERO EM BRUNSEN, MUSEU VALENTIN PATTA, EUA

Natureza-morta 12

O uso das cores 15

Mãos à obra 16

 Círculo cromático 17

Mãos à obra 18

Mãos à obra 20

De olho na imagem 22

Conheça o artista 22

Marinha 23

Mãos à obra 25

 • Musicando 26

Mãos à obra 27

CAPÍTULO 2 A transformação do espaço 28

Arte que vem da natureza 30

Mãos à obra 33

Os museus e as mídias 34

Arte em defesa do meio ambiente 35

 As obras tridimensionais de Frans Krajcberg 36

Conheça o artista 36

Mãos à obra 37

 • Para fazer com os colegas 38

O que aprendemos 40

CAPÍTULO 3 Arte pré-colombiana 42

PHOTO: SCALA, FLORENÇA, MUSEU DE ARTE METROPOLITANO, NOVA YORK, EUA



As civilizações pré-colombianas 44

Maias, astecas e incas 45

 Astronomia nas civilizações pré-colombianas 49

 Instrumentos musicais pré-colombianos 51

Mãos à obra 53

6

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO
4

Arte pré-colonial 54



Civilizações pré-coloniais	56
Parque Nacional Serra da Capivara	57
Tintas pré-coloniais	60
Mãos à obra	61
As civilizações pré-coloniais brasileiras	63
A cerâmica pré-colonial brasileira	64
A cerâmica marajoara	65
A cerâmica santarém	67
A magia dos sapos	67
Sapos na arte	68
Mãos à obra	68
• Musicando	69

CAPÍTULO
5

Arte indígena brasileira 70

Tradições culturais indígenas	72
Cerâmica	72
Cestaria	73
Arte plumária	73
Pintura corporal	75
Música e dança	75
Instrumentos musicais	76
• Para fazer com os colegas	77
O que aprendemos	78
Para terminar	80
Vamos ler	82
Referências bibliográficas comentadas	86

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO



Para começar

Avaliação diagnóstica

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR02; EF15AR04

1. A natureza será um dos temas trabalhados neste ano letivo. Observe de que maneira os estudantes se relacionam com as questões referentes ao ambiente. Verifique o vocabulário da turma sobre o assunto e peça aos estudantes que reflitam se eles se sentem parte da natureza. Observe também se eles estabelecem alguma relação entre a natureza e a arte.
- 2 e 3. Com base em uma questão sobre o gosto pessoal em relação às cores, verifique se os estudantes conhecem a classificação das cores em primárias e secundárias e o que sabem sobre o assunto. Permita que troquem ideias para começar a construir um entendimento sobre o assunto e peça que se expressem em voz alta. Fique atento ao repertório e ao vocabulário utilizado por eles.
4. A leitura e as questões de interpretação do trecho do poema servem para desenvolver alguns quesitos do PNA, como fluência na leitura, localização de informações e inferências. Aproveite para analisar o modo como os estudantes utilizam as cores no desenho que vai ilustrar o poema, observando como eles ocupam o espaço da página. Verifique se ocuparam todo o espaço disponível com um único desenho, ou se fizeram figuras grandes ou pequenas. Observe também se foi pensado um fundo para o desenho e se foi utilizada apenas uma cor para ilustrar o poema.

Para
começar

Olá! Vamos fazer algumas atividades e descobrir o que você já sabe?

- 1 Como você define a natureza? Qual é a importância da natureza na nossa vida?

Respostas pessoais.

- 2 Quais são suas cores preferidas?

Resposta pessoal.

- 3 Você sabe o que são cores primárias e secundárias?

Sim

Não

Respostas pessoais.



Conte para a turma e o professor o que você sabe sobre esse assunto.



- 4 Leia o trecho do poema a seguir e faça um desenho para ilustrá-lo.

Azuis

Disse um astronauta
Que a Terra é azul.
Então, azul na Terra
Não falta.

Manhãs são azuis,
Assim como azuis
São as almas.
As pétalas das flores raras,
Assim como azuis
São os olhos de muitas caras. [...]

LALAU e LAURABEATRIZ. *Uma cor, duas cores, todas elas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.



DIXONSHUTTERSTOCK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Desenho pessoal.

Avaliação diagnóstica

a) Qual é o assunto do poema?

A cor azul.

b) Quais são os elementos descritos nesse trecho do poema que têm a mesma cor?

O planeta Terra, as manhãs, as almas, as pétalas das flores raras, os olhos de muitas caras.

c) O que você conhece que também tem essa cor?

Resposta pessoal. Sugestões: a água do mar, o céu, penas de pássaros, roupas, brinquedos, balas etc.

5 Como você nomeia a obra de arte da fotografia? Escreva na linha.

- Explique com suas palavras essa forma de manifestação das artes plásticas.
Resposta pessoal.



Escultura

6 A natureza costuma estar presente em lendas e mitos de várias culturas. Escreva resumidamente uma lenda que você conhece sobre algum elemento da natureza.

Resposta pessoal.

7 Faça um desenho em uma folha avulsa sobre um tema relacionado à natureza. Utilize as cores que você citou na atividade 2. **Desenho pessoal.**

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR01; EF15AR04

- Verifique o conhecimento prévio dos estudantes sobre artes visuais. Permita que expliquem com as próprias palavras utilizando exemplos. Se achar pertinente, peça que se expressem em voz alta e na forma de gestos para mostrar a relação das esculturas com o espaço.
- Peça a cada estudante que conte para os colegas, em voz alta, uma das lendas que conhece. Verifique se eles contam e escrevem a história com começo, meio e fim. Perceba como selecionam e organizam as informações mais importantes para relatar ao interlocutor. Se notar que apresentam dificuldade nesta questão, auxilie-os realizando perguntas sobre a história.
- Novamente, observe de que maneira o espaço destinado ao desenho foi utilizado e se o estudante soube se apropriar do tema. É importante que ele tenha utilizado somente as cores mencionadas na atividade 2.

Capítulo 1: Um olhar para a natureza

Introdução

O capítulo aborda dois gêneros das artes visuais que representam elementos da natureza e paisagens naturais: a natureza-morta e as marinhas. A natureza-morta abre o capítulo propondo um olhar para a composição de elementos da natureza no contexto do cotidiano. As marinhas se apresentam como possibilidade de exploração e contemplação da paisagem.

As atividades propõem uma aproximação dos estudantes em relação a dois elementos constitutivos das artes visuais: a composição (no âmbito das relações espaciais) e as cores (cuja abordagem é feita via círculo cromático).

No final do capítulo, os estudantes terão a oportunidade de apreender o conceito de ritmo realizando uma atividade musical prática de exploração e composição sonora.

Objetivos do capítulo

- Conhecer a classificação das cores em primárias e secundárias, abordando conhecimentos referentes ao campo artístico e ao mundo físico.
- Compreender o conceito de composição por meio de criações individuais e coletivas, aprendendo a valorizar e respeitar a opinião dos colegas.
- Observar e valorizar os elementos da natureza em diferentes esferas e no cotidiano.

Competências favorecidas

Competências gerais

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência específica de Linguagens

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Competências específicas de Arte

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR02)** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- **(EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

- (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
- (EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
- (EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
- (EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
- (EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
- (EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
1	1	Apresentação dos estudantes. Realização da avaliação diagnóstica. Conversa com a turma.	p. 8-9
	2	Realização da atividade preparatória. Realização da atividade complementar (opcional).	p. 10-11
	3	Leitura dialogada do texto "Natureza-morta". Realização das atividades 1 e 2 do livro. Realização da atividade complementar (opcional).	p. 12-14
	4	Realização da atividade 3.	p. 14
	5	Leitura dialogada do texto "O uso das cores". Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização da atividade complementar (opcional).	p. 15-16
	6	Leitura dialogada do texto "Círculo cromático". Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 17-18
	7	Realização das atividades do livro. Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização da atividade complementar (opcional).	p. 19-20
	8	Finalização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 21
	9	Realização da atividade da seção De olho na imagem . Leitura dialogada do texto "Marinha". Realização de atividades do livro.	p. 22-24
	10	Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização da atividade complementar (opcional).	p. 25
	11	Leitura dialogada e realização de atividades da seção Musicando . Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização da atividade complementar (opcional).	p. 26-27

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

As atividades de abertura têm por objetivo promover o aquecimento sobre o tema do capítulo, focar o olhar dos estudantes na imagem e levantar os conhecimentos prévios de cada um sobre o tema e a arte em geral. Não são esperadas respostas corretas neste momento. A intenção é deixá-los à vontade para se expressarem, de acordo com o próprio nível de conhecimento.

Faça a leitura da imagem com eles. Pergunte o que mais lhes chama atenção na pintura e peça que criem hipóteses sobre o tema escolhido. Questione: “O que levou esse artista a reproduzir uma imagem de frutas no quadro?”.

Explore com os estudantes o significado da expressão “natureza-morta”. Leve-os a refletir sobre a imagem a que o termo se refere, continuando com as perguntas: “O que é representado nesse gênero de pintura?”; “Por que o nome ‘natureza-morta’?”; “Existe alguma relação com as cores empregadas nesse estilo de pintura ou o nome diz respeito ao que é retratado na obra?”.

Em seguida, organize-os em grupos. Comente que, além do gênero natureza-morta, eles estudarão neste capítulo alguns elementos das artes visuais e outros gêneros de pintura. Peça que localizem a palavra “tonalidade”, em um dos boxes de glossário do capítulo.

Capítulo

1

Um olhar para a natureza

JEAN-BAPTISTE DEBRET - MUSEU MAGNIN, DIJON, FRANÇA



DEBRET, Jean-Baptiste. *Natureza-morta com frutas do Novo Mundo*. Sem data. Óleo sobre tela, 76 cm × 113 cm. Museu Magnin, Dijon, França.


10

- ▶ Peça aos estudantes que leiam em voz alta o significado da palavra “tonalidade” e conversem com os colegas para verificar o nível de compreensão. Se quiserem, podem utilizar o texto e os exemplos presentes na mesma página para auxiliar no entendimento. Depois, eles deverão fazer um desenho, escolhendo uma ou mais cores, para trabalhar o conceito. Eles podem optar por trabalhar o tema da natureza-morta. Os desenhos serão individuais, porém, a ideia é que haja colaboração entre os integrantes do grupo, sugerindo ideias e conversando sobre o assunto. Ao final, peça a todos que compartilhem seus trabalhos e promova uma conversa coletiva para comentar as escolhas, de modo a valorizar as diferenças nas produções.

Orientações e comentários das atividades

1. A resposta depende da vivência dos estudantes.
2. A expressão “Novo Mundo” foi criada pelos europeus para se referirem às terras do continente que compõe a América, que, até o tempo das Grandes Navegações, era uma parte do mundo desconhecida por eles.
3. Os estudantes poderão reconhecer bananas, abacaxi, coco, cana, laranja, mamão, caju, pinhão.

O que eu vejo

 Converse com os colegas.

1. Você já ouviu falar em “natureza-morta”?
2. O que significa a expressão “Novo Mundo” no título da pintura?
3. Quais das frutas representadas na imagem você conhece?

1 e 3. Respostas pessoais.

2. A expressão “Novo Mundo” faz referência ao continente americano, ao qual os europeus chegaram no ano de 1492, em uma expedição liderada por Cristóvão Colombo.

**Sugestão de atividade complementar**

Selecione alguns modelos de natureza-morta para mostrar aos estudantes. Podem ser obras de Caravaggio, Paul Cézanne, Fernand Léger, entre outros. Apresente as imagens e pergunte a eles o que essas obras têm em comum e o que têm de diferente.

As primeiras obras de natureza-morta produzidas no Brasil são do pintor holandês Albert Eckhout, no século XVII. No século XIX, surgiram os artistas Agostinho da Motta e Estêvão Silva, e, na primeira metade do século XX, destaca-se a produção de Pedro Alexandrino Borges. Outros artistas de destaque desse gênero pertencem ao Núcleo Bernardelli e ao Grupo Santa Helena, formados nas décadas de 1930 e 1940 e, nos anos 1950, Milton Dacosta, Maria Leontina e Iberê Camargo, entre outros.

Natureza-morta

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Chame atenção dos estudantes para a importância da variedade de gêneros na pintura, como a natureza-morta, o retrato, a paisagem e as cenas históricas, re-presentando um fato histórico, religioso ou uma cena do cotidiano de determinada época.

Comente que a natureza-morta é um gênero de pintura no qual são representados seres inanimados, que em geral fazem parte do cotidiano, como alimentos e utensílios de cozinha, ou outros objetos, dispostos sobre uma mesa ou outra peça de mobília.

Aproveite para perguntar se na obra *Natureza-morta com instrumentos musicais*, de Pieter Gerritsz van Roestraten, eles reconhecem os instrumentos retratados. Na pintura *Natureza-morta com flores*, de Ambrosius Bosschaert, espera-se que reconheçam algumas flores e alguns insetos representados.

Natureza-morta

A pintura reproduzida na abertura deste capítulo pertence a um gênero de arte visual chamado **natureza-morta**. Objetos como livros, instrumentos musicais, louças e garrafas, arranjos com flores, frutas, legumes e animais, são as imagens mais representadas nas naturezas-mortas.

A **composição** é um dos principais elementos de uma natureza-morta. Em *Natureza-morta com frutas do Novo Mundo*, o pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) distribuiu no espaço da tela as imagens das frutas considerando seus diferentes tamanhos e cores. O mesmo acontece nas obras reproduzidas nesta página.

VAN ROESTRATEN, Pieter Gerritsz.
Natureza-morta com instrumentos musicais. Cerca de 1690. Óleo sobre tela, 118,9 cm × 106,8 cm. Museu Municipal de Haia, Haia, Países Baixos.



PIETER GERRITZ VAN ROESTRATEN - MUSEU MUNICIPAL DE HAIA, HAIA, PAÍSES BAIXOS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 6.610 de 19 de fevereiro de 1998.



AMBROSÍUS BOSSCHAERT, O VELHO - MUSEU J. PAUL GETTY, LOS ANGELES, EUA

GLOSSÁRIO

Gênero: cada uma das categorias em que são classificadas as obras de arte, segundo o estilo e a técnica; natureza-morta e retrato são dois exemplos de gênero.

Composição: forma pela qual o artista organiza os componentes em uma obra de arte.

BOSSCHAERT, Ambrosius (o Velho).
Natureza-morta com flores. 1614.
Óleo sobre cobre, 30,5 cm × 38,9 cm.
Museu J. Paul Getty, Los Angeles, EUA.

A natureza-morta não é representada apenas na pintura, como muitas pessoas pensam. Esse gênero também pode ser apreciado em fotografias e em esculturas, por exemplo.

Observe a reprodução de duas outras naturezas-mortas, uma retratada na fotografia e a outra em forma de escultura.



SVIRIDOV, Alexander. *Cardeais e chapins em natureza-morta – A festa dos pássaros*. 2017. Fotografia, sem dimensões. Coleção particular.



OLDENBURG, Claes; VAN BRUGGEN, Coosje. *Natureza-morta com peras e nectarinas*. 2002. Escultura em plástico reforçado com fibra e epóxi fundido e tinta automotiva, 2,6 m × 7,6 m × 11,3 m. Museu Alto de Arte, Atlanta, EUA.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Peça a opinião dos estudantes sobre a escultura *Natureza-morta com peras e nectarinas*, reforçando que justifiquem seus comentários. Pergunte a eles se conseguem imaginar o tamanho de cada uma das frutas representadas na escultura, indicando elementos da fotografia que possam ajudá-los a reconhecer a dimensão dos objetos. Cite os bancos de cimento no fundo da sala ou a relação entre as paredes de vidro e o teto.

Incentive-os a descrever a maneira como os elementos estão distribuídos no espaço, perguntando: “Como as frutas estão posicionadas? Perto ou longe umas das outras?”; “Há frutas agrupadas?”; “Alguma delas está separada?”; “Há frutas sobrepostas ou empilhadas?”.

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que separem alguns materiais escolares, como lápis, borracha, estojo e régua. Na própria carteira ou em alguma mesa, eles deverão explorar diferentes formas de organizar esses materiais. Retome as perguntas feitas sobre a escultura, de modo que eles pensem em muitas possibilidades de agrupar esses objetos. Conceda um tempo para a exploração e, em seguida, peça a eles que escolham a disposição de que mais tenham gostado. No final, convide-os a circular pela sala e apreciar as diferentes composições dos objetos sobre as mesas.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR05; EF15AR06

Orientações e comentários das atividades

1. Pergunte aos estudantes se eles costumam visitar exposições de arte, como mostras de pinturas ou esculturas, e se eles têm o costume de observar as obras com atenção. Pergunte também se conhecem alguma feira de arte ou de artesanato e se eles se lembram de ter visto pinturas ou outros tipos de obras de arte semelhantes, nesses lugares.
2. Antes de responderem, retome com os estudantes os elementos principais abordados no capítulo. Eles podem citar objetos, materiais, temas e os elementos representados, além de formas de composição.
3. Converse com os estudantes sobre as formas de composição em diferentes linguagens. Comente que, além da organização dos objetos ou corpos no espaço, a composição diz respeito à organização dos sons no tempo. Depois, conduza a atividade, seguindo as orientações a seguir. Não é esperado que os estudantes dominem o conceito completamente, mas que explorem possibilidades a partir de uma proposta lúdica. Fotografe o processo para utilizar os registros posteriormente.

Orientações

Disponibilize alguns objetos do cotidiano para a atividade, como tecidos, roupas, baldes, bolas, entre outros. Eles devem ser pequenos e médios, sem pontas, para não apresentar riscos. Em um espaço grande, como o pátio, a quadra ou a sala de aula com as carteiras afastadas, faça um quadrado médio no chão, usando fita-crepe ou giz. Se possível, envolva os estudantes nessa parte da preparação.

Comente que eles farão um jogo de composição, brincando com a organização dos objetos no espaço. Quem começar a brincadeira deverá pegar um dos objetos e colocá-lo, da maneira que quiser, dentro do quadrado. ▶

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

1. Você já havia visto alguma obra de arte do gênero natureza-morta como as apresentadas no livro? Se já viu, descreva-a e conte se gostou dela.

Resposta pessoal.

2. O que um artista deve levar em conta ao criar uma natureza-morta? Explique sua resposta.

Espera-se que os estudantes citem o uso de objetos do cotidiano, flores, vegetais, animais ou a composição desses elementos na obra de arte.



3. Você e seus colegas trabalharão em conjunto em uma composição. Depois, cada um registrará a experiência com um desenho.

Desenho pessoal.

- ▶ O segundo estudante deverá incluir outro elemento que tenha relação com o primeiro, e assim por diante, até todos participarem. Os objetos podem ser colocados longe, perto, lado a lado, sobrepostos, formando uma linha etc. Incentive-os a observar e utilizar os objetos de diferentes formas. Uma roupa pode ser esticada, dobrada ou amassada, por exemplo. Um balde pode estar deitado, virado para cima ou virado para baixo. Peça que observem e comentem cada vez que houver uma alteração no quadrado. No final, pergunte como foi a experiência e quais foram as dificuldades. Converse sobre a composição coletiva e sobre possíveis desconfortos que tenham surgido, indagando se perceberam a diferença entre fazer uma composição individual e fazer uma em grupo.

O uso das cores

A tela do artista holandês Vincent van Gogh (1853-1890), reproduzida a seguir, é uma pintura bem colorida.

Além de usar cores fortes, Van Gogh explorava outros recursos **cromáticos** em seus trabalhos.

GLOSSÁRIO

Cromático:
referente a cor.



VAN GOGH, Vincent. *Quarto em Arles*. 1889. Óleo sobre tela, 73,6 cm × 92,3 cm. Instituto de Arte de Chicago, Chicago, EUA.

Para conseguir criar em suas obras os efeitos desejados, o artista precisa conhecer as características das cores. Por exemplo, o amarelo, o vermelho e o azul são chamados de **cores primárias**, pois não necessitam de nenhuma outra cor para existir nem podem ser criados a partir de outras cores.



Amarelo.



Vermelho.



Azul.

Obra *Quarto em Arles*

Sobre a primeira versão da pintura *Quarto em Arles*, Van Gogh escreveu ao irmão Theo:

“[...] As paredes são de um violeta pálido, o chão é de lajotas vermelhas.

A madeira da cama e das cadeiras é de um amarelo de manteiga fresca, o lençol e os travesseiros, limão-verde bem claro.

O cobertor, vermelho escarlata. A janela, verde.

A mesa, laranja, a bacia, azul.

As portas, lilás. [...]”

VAN GOGH. *Cartas a Theo*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 222.

O uso das cores

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR02

Comente com os estudantes que *Quarto em Arles* faz parte de uma série de três pinturas feitas por Vincent van Gogh entre 1888 e 1889, retratando o quarto alugado por ele na cidade de Arles, na França.

A primeira tela se encontra em exposição permanente no Museu Van Gogh, em Amsterdã, nos Países Baixos.

Van Gogh considerava essa obra seu melhor trabalho durante a estada em Arles.

Depois da primeira pintura, o artista revisitou o tema outras duas vezes, cerca de um ano depois, enquanto esteve internado no hospício de Saint-Rémy-de-Provence. Essas três pinturas estão entre as obras mais conhecidas do artista.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR02; EF15AR04

Depois de ler com os estudantes o texto sobre cores primárias e secundárias, fale com eles sobre as sensações que as cores podem despertar e o poder que elas têm de transmitir sentimentos e ideias. Alguns exemplos que você pode dar e que fazem parte do senso comum: branco expressa paz, pureza, claridade; preto, luto; amarelo, energia, sol; vermelho, perigo, paixão; verde, natureza; azul, mar, céu, tranquilidade; laranja, fogo, calor.

Já as cores laranja, verde e violeta são chamadas de **cores secundárias**, pois são formadas a partir da mistura de duas cores primárias, usando sempre a mesma quantidade de tinta de cada cor primária. Observe:



AEKIKUIS/SHUTTERSTOCK

Mãos à obra



Agora é sua vez de comprovar se a mistura de cores primárias, duas a duas, dá origem às cores secundárias acima. Para isso, siga o roteiro.

Materiais

- ✓ Folha de sulfite branca
- ✓ Copo plástico com água
- ✓ Régua
- ✓ Lápis
- ✓ Tinta guache nas cores amarela, azul e vermelha
- ✓ Pincel
- ✓ Papel absorvente

Como fazer

1. Com a régua e o lápis, divida a folha de sulfite em três partes iguais.
2. Usando o pincel, coloque no centro de cada divisão da folha de papel sulfite um pouco de tinta de cada uma das cores primárias.
3. Lave o pincel na água e seque no papel absorvente sempre que mudar de cor.
4. Agora, acrescente a mesma quantidade de tinta nesta ordem: no amarelo, adicione azul e misture; no vermelho, ponha amarelo e mexa; no azul, coloque vermelho.
5. Seu experimento deu certo?

16

Sugestão de atividade complementar

Prepare com antecedência papéis de cores diferentes. Os papéis usados nesta atividade poderão ser reaproveitados depois. Se não tiver papéis coloridos disponíveis, recorte folhas de sulfite tamanho A4 em quatro partes e distribua entre os estudantes, pedindo a cada um que pinte um grande círculo com uma única cor, no centro do papel. Escolha as cores para garantir que haverá papéis com todas as cores primárias e secundárias.

Proponha a eles que atribuam cores primárias ou secundárias a sentimentos e emoções. Os estudantes deverão fazer uma lista de palavras como coragem, raiva, alegria, tristeza, desânimo, medo etc., e vão relacionar cada palavra a uma cor primária ou secundária. ▶

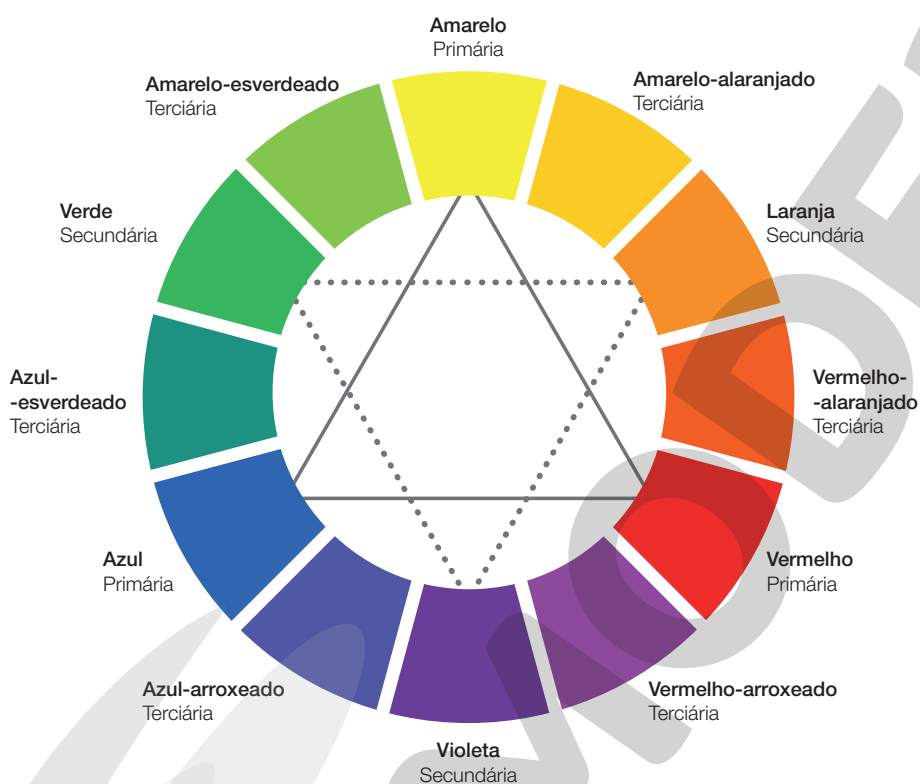
- ▶ Em seguida, organize-os em dois grupos. Um integrante de um dos grupos deverá mostrar uma cor para um integrante do outro grupo. Este deverá representar com gestos e expressão facial o sentimento que relaciona com a cor apresentada, enquanto os outros observam. Os grupos devem se revezar para que todos possam participar. Ao final, organize uma roda de conversa e pergunte a eles se foram surpreendidos com os gestos ou as expressões dos colegas. Questione, também, se eles mudaram de ideia sobre o sentimento ao observar determinada cor com atenção. Comente que, embora existam muitas teorias a respeito de sentimentos e sensações gerados pelas cores, cada pessoa tem uma percepção única sobre isso. Disponibilize um tempo a eles para que conversem sobre o que acharam da atividade, incentivando-os a respeitar e valorizar as diferentes opiniões.

Círculo cromático

O círculo cromático surgiu das cores observadas no arco-íris. Um arco-íris é formado quando a luz do sol atravessa gotas de água que ficam soltas no ar logo depois de uma chuva.

A luz solar é branca, mas é formada pela mistura de outras cores. Quando ela atravessa as gotas de água, as cores, que compõem essa luz, são separadas e formam o arco-íris, surgindo os tons vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil ou índigo e violeta.

Para efeito de estudo e para uso em pintura, essas cores, menos o anil, são representadas em um círculo cromático. Esse círculo pode ser composto de 12 cores: três primárias, três secundárias e seis **terciárias** – que são criadas pela mistura das cores primárias com as secundárias.



No círculo cromático, cada cor secundária se situa entre as duas primárias usadas em sua composição. Dentro do círculo, os fios contínuos indicam as cores primárias, e os fios pontilhados apontam as cores secundárias.

Círculo cromático

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR02

Faz parte do senso comum dizer que a luz solar é “branca”. No entanto, no século XVII, o cientista inglês *sir* Isaac Newton (1643-1727) observou que a cor branca da luz solar resulta da combinação de diferentes cores. Em um experimento, Newton verificou que quando um raio de luz branca atravessava um cristal ou um prisma óptico, era dividido em diversas cores, fenômeno que ficou conhecido como decomposição da luz.

Foi assim que Newton explicou a formação do arco-íris, que surge quando um raio de luz branca atravessa uma gota de água que, como um prisma, separa as cores que o constituem.

Quando a luz branca incide sobre uma superfície, algumas dessas cores são absorvidas e outras, refletidas. As cores refletidas são as que “dão” cor a essa superfície. Por exemplo, um objeto é verde se a sua superfície absorve todas as cores que formam a luz, menos a verde.

Esse processo também ocorre com a cor das tintas usadas em pinturas.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR02; EF15AR04

O disco de Newton é um dispositivo utilizado em demonstrações das cores que formam a luz branca.

Isaac Newton fez passar através de um prisma um feixe de luz que se decompôs nas cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta, que formam o espectro da luz branca.

No entanto, era necessário comprovar que a luz branca é realmente proveniente da soma dessas cores. Assim, Newton criou o disco que leva seu nome, pintado com as mesmas cores que compõem o espectro da luz branca, isto é, as cores do arco-íris.

Quando giramos o disco de Newton com intensidade, cada uma das cores que compõem o disco se sobrepõe em nossas retinas e a cor branca aparece uniformemente, dando a sensação de mistura.

Chame a atenção dos estudantes para o fato de que, de acordo com as cores de impressão do Livro do Estudante e/ou de acordo com as cores reproduzidas pela impressora que for utilizada, o disco de Newton poderá dar a impressão de ficar com uma coloração acinzentada, ou então esbranquiçada.

Mãos à obra

Que tal testar se a luz solar é formada pela mistura das cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta?

Materiais

- ✓ Tesoura com pontas arredondadas
- ✓ Cópia em cores da imagem ao lado
- ✓ Pedaco de cartolina
- ✓ Cola em bastão
- ✓ Lápis preto
- ✓ Fita adesiva

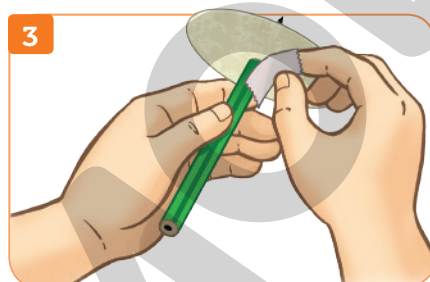
Como fazer



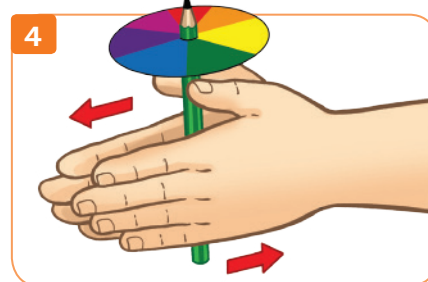
1 Recorte a cópia do disco. Cole o círculo sobre o pedaco de cartolina.



2 Recorte a cartolina e deixe secar a cola. Fure com a ponta do lápis o meio do círculo.



3 Passe o lápis pelo furo do círculo e prenda-o bem com fita adesiva na parte de baixo da cartolina.



4 Ponha o lápis entre as mãos e gire-o bem rápido.

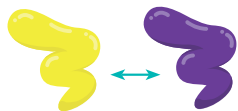
Quando você girou o lápis, o que aconteceu com as cores do círculo?

ILUSTRAÇÕES: ANDRÉ VALLE

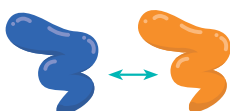
No círculo cromático, também podemos descobrir as cores **complementares**, que são as que ficam na direção oposta de cada cor primária.

Observe a seguir as duplas de cores complementares.

AERKUIS/SHUTTERSTOCK



Amarelo e violeta.



Azul e laranja.



Vermelho e verde.

Quando colocadas juntas, as cores complementares chamam a atenção pelo contraste entre elas.

Sabendo disso, os artistas usam essas cores para atrair o olhar dos observadores de suas obras.

- 1** Observe novamente a reprodução da tela *Quarto em Arles*, de Van Gogh. Que cores o artista usou para pintar essa obra?

Azul, vermelho, verde, marrom, entre outras.

Os estudantes poderão identificar outras cores e classificá-las em primárias e secundárias.

- 2** O que você sente ao olhar para essa obra? No espaço a seguir, faça um desenho que represente a sensação que você teve ao contemplá-la.

Desenho pessoal.

Orientações e comentários das atividades

- Depois de responderem, não se esqueça de comentar com os estudantes que a imagem de uma pintura impressa em um livro nem sempre reproduz as cores reais de uma obra de arte. Explique também que, com o tempo, as cores da tela tendem a desbotar e mudar de tonalidade; por isso, de tempos em tempos, passam por um processo de restauração.
- Deixe os estudantes à vontade para expressar seus sentimentos após observar a pintura de Van Gogh. Alguns podem dizer que sentem tranquilidade, enquanto outros podem afirmar que sentem alegria ou tristeza. O importante é eles perceberem que as cores são capazes de despertar variadas sensações no observador.

Relembre as conversas sobre as relações entre cores, sensações e sentimentos, caso tenha realizado a atividade da página MP038 deste Manual. Chame a atenção também para a composição mostrada na pintura de Van Gogh. Mostre os quadros fixados na parede e pergunte a eles se imaginam quem seria a pessoa que dorme naquele quarto e porque o ambiente foi representado sem a presença de pessoas.

Sugestão de atividade complementar

Proponha aos estudantes que descubram cores na sala de aula e as classifiquem em cores primárias, secundárias ou terciárias. Comente que existem diversos tons para a mesma cor. Por exemplo, quando se trata da cor azul percebemos a existência de azul-claro, azul-escuro, azul-violáceo, azul-esverdeado etc.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR02; EF15AR04

Orientações e comentários da atividade

3. Oriente os estudantes a consultar as páginas anteriores do livro, se necessário, para lembrar quais são as cores complementares. Proponha que façam no livro um rascunho do desenho e, depois de pronto, passem a limpo em uma folha avulsa. Guarde esse material para realizar o *vernissage* sugerido no final do capítulo 2 do livro.

É esperado que os estudantes consigam fixar o conceito de cores primárias e secundárias concretizado com a experiência prática da mistura das tintas na seção **Mãos à obra**. Contudo, se tiverem dificuldade em reconhecer ou lembrar a classificação em cores primárias e secundárias, proponha a realização de um jogo em duplas, para consolidar o conhecimento. Distribua cartões coloridos entre as duplas, ou solicite que confeccionem seus próprios cartões de cartolina branca, pintando um dos lados de cada cartão com uma cor do círculo cromático. Depois, eles deverão propor um desafio ao colega de dupla, dispondo na mesa uma sequência de duas cores primárias. A tarefa do colega será completar a mistura das duas cores primárias com a cor secundária correspondente. Eles também podem propor o contrário, dispondo na mesa a cor secundária para que o colega selecione os cartões com as cores primárias correspondentes à mistura. Uma terceira opção é colocar sobre a mesa uma cor primária seguida de uma secundária, desafiando o colega a descobrir a cor que falta para resultar na secundária ali exposta. Depois do jogo, peça aos estudantes que compartilhem a experiência e verifique se eles consolidaram o aprendizado.



3 Faça um desenho no espaço a seguir. Depois, pinte-o com giz de cera usando somente cores complementares. Mostre seu desenho para os colegas apreciarem e aprecie o desenho deles.

Desenho pessoal.



Mãos à obra



Agora, você vai produzir individualmente uma natureza-morta.

Em seguida, vai elaborar uma outra, em grupo. Na primeira atividade, você criará uma pintura. Na segunda, você se reunirá com o grupo para fazer uma composição fotográfica utilizando objetos do cotidiano.

Para a atividade individual

Materiais

- ✓ Cartolina ou tela de pintura
- ✓ Tinta guache de cores variadas
- ✓ Pincel
- ✓ Folhas de jornal
- ✓ Água e copo plástico
- ✓ Papel absorvente
- ✓ Lápis

20

Mãos à obra

Para a atividade **Mãos à obra**, peça com antecedência aos estudantes que tragam para a sala de aula os materiais necessários ou providencie-os você mesmo.

Na primeira parte da atividade, os estudantes farão individualmente uma composição pictórica baseada em suas memórias. Retome com eles as experiências vivenciadas até este momento lembrando as pinturas do livro e as atividades realizadas. Sugira que escolham objetos do dia a dia e decidam quais elementos querem representar. Proporcione um momento de concentração, aproveitando que essa parte da tarefa é individual. Oriente-os a pensar na composição dos elementos no espaço da cartolina ou da tela. Se necessário, forneça folhas avulsas para que façam o esboço da composição.

Como fazer

1. Forre sua carteira com as folhas de jornal.
2. Pense nas frutas que você mais gosta de comer, nas flores que acha mais bonitas ou nos objetos que mais usa. Escolha um desses elementos como tema para sua natureza-morta.
3. Observe o espaço da cartolina ou da tela e imagine onde serão reproduzidos os elementos que escolheu para pintar. Se quiser, use um lápis preto para marcar o local onde cada imagem ficará registrada.
4. Use a tinta guache para a pintura.
5. Enxágue e seque o pincel sempre que for mudar de cor.
6. Lembre-se de pintar seu nome em um canto da cartolina ou da tela.
7. Deixe seu trabalho secando com o dos colegas.

Para a atividade em grupo

Materiais

- ✓ Objetos escolhidos pelo grupo
- ✓ Materiais para criar um fundo para a fotografia
- ✓ Câmera fotográfica digital

Como fazer

1. Com a ajuda do professor, escolham e separem os materiais para compor uma natureza-morta. Vocês poderão reunir objetos do cotidiano e elementos naturais para fazer a composição.
2. Escolham e preparem um fundo para a fotografia. Ele pode ser produzido com tecidos e papéis, ou, se preferirem, vocês podem escolher um lugar no ambiente que sirva como fundo.
3. Façam montagens variadas com os objetos que querem fotografar até decidir qual será o melhor arranjo para eles. A escolha do arranjo será feita coletivamente.
4. Tirem muitas fotografias explorando vários ângulos e distâncias da composição.
5. Escolham a melhor fotografia da natureza-morta que vocês produziram para imprimir e montem um mural com todos os trabalhos da turma.

HABILIDADES DA BNCC EF15AR06; EF15AR26

Na segunda parte da atividade, os grupos produzirão uma fotografia inspirada no gênero natureza-morta utilizando objetos do cotidiano. Peça a cada grupo que compartilhe entre os integrantes as composições individuais, antes de começar. Proponha uma conversa sobre a escolha de elementos semelhantes nas composições. Eles deverão reconhecer se as cores usadas nas pinturas são parecidas e como foi utilizado o espaço da folha ou da cartolina por cada um.

Depois dessa conversa, os grupos deverão selecionar objetos para produzir as fotografias. Disponibilize na sala objetos em número suficiente e incentive os grupos a compartilhar, caso mais de um grupo queira o mesmo objeto. Sugira que revezem, durante a exploração e na hora de fazer as fotografias.

Os estudantes podem compor o fundo da fotografia com tecidos, toalhas de mesa, papel Kraft, papéis coloridos etc. Outra possibilidade é encontrar um lugar da escola que possa servir de cenário, como um gramado, uma mesa ou um canto da sala.

Oriente os grupos durante a exploração e incentive-os a testar mais de uma disposição com os mesmos objetos. Depois que escolherem a posição definitiva, estimule-os a buscar diversos ângulos e distâncias para as fotografias. Explique que o efeito de ângulos e distâncias no momento de fotografar se chama enquadramento.

- No final da atividade, organize todos os arquivos digitais com as fotografias, criando uma pasta para cada grupo. Se houver laboratório de informática na escola, agende um horário em uma aula posterior. Dedique esse tempo para a apreciação das imagens em tamanho maior (na tela do computador) e a cada grupo para que selecione a imagem de que mais gostou. A escolha é de uma única fotografia para representar cada grupo, que será usada na exposição proposta no capítulo 2 do livro. Salve as fotografias selecionadas em uma pasta, legendando cada imagem com o nome do grupo correspondente. Na ocasião da apresentação, imprima as fotografias, ou escolha algum outro meio digital para realizar a exibição.



De olho na imagem

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Explique aos estudantes que uma obra de arte reversível é aquela que, ao ser colocada na posição invertida, mostra outra imagem. É o caso da pintura desta página, que se modifica completamente quando é virada de cabeça para baixo. O apelo da obra está em surpreender o observador com uma imagem totalmente diferente da que foi visualizada inicialmente.

Em *O verdureiro*, quando a imagem é invertida, os legumes e as verduras passam a compor um rosto e a tigela se transforma em um chapéu.

Orientações e comentários sobre as atividades

1. e 2. Pergunte se reconhecem os vegetais representados na obra e se têm o hábito de comer vegetais. Caso digam que não, pergunte que alimentos eles conhecem que são de origem vegetal. É provável que eles tenham diversos alimentos vegetais na alimentação e não os reconheçam como tal, como o arroz, o feijão, o milho, a cebola, o alho, entre outros. Até mesmo o pão é feito de trigo, que pertence ao reino vegetal.

Peça a opinião dos estudantes sobre a utilização dos vegetais em obras de arte. Retome a composição dos elementos nas naturezas-mortas estudadas no capítulo em comparação com as pinturas de Arcimboldo.

Giuseppe Arcimboldo

Giuseppe Arcimboldo (1527-1593) nasceu em Milão, Itália, durante o período do Renascimento. Esse artista se notabilizou pela criação de naturezas-mortas e obras reversíveis nas quais os elementos como flores, frutas e verduras formam fisionomias humanas.

Além de *O verdureiro*, o artista produziu outras obras reversíveis. Se possível, pesquise e leve para a sala de aula a obra *Cesta de frutas* (1590) e a série *As quatro estações*, desse artista. O objetivo é que a turma analise a técnica mais detalhadamente.

De olho na imagem

Observe esta reprodução de natureza-morta, feita pelo pintor italiano Giuseppe Arcimboldo. O artista centrou os elementos da pintura em uma tigela repleta de legumes e verduras (imagem da esquerda).

Entretanto, quando é virada de “ponta-cabeça” (imagem da direita), descobrimos que ela forma o retrato do “verdureiro”, título da obra.



ARCIMBOLDO, Giuseppe. *O verdureiro*. 1590. Óleo sobre madeira, 36 cm × 24 cm. Museu Cívico Ala Ponzzone, Cremona, Itália.

1. Que vegetais você identifica na pintura *O verdureiro*?

Cebola, tomate, alho, cenoura.

2. Você costuma consumir esses vegetais? De que outros vegetais você gosta?

Respostas pessoais.

Conheça o artista

O pintor italiano **Giuseppe Arcimboldo** (1527-1593) ficou famoso por seus retratos elaborados com plantas, frutas, vegetais, animais e outros elementos.

ARCIMBOLDO, Giuseppe. *Autorretrato*. Cerca de 1570. Desenho (caneta, pincel e tinta azul), 23 cm × 15,7 cm. Galeria Nacional, Praga, República Tcheca.



22

Sugestão de atividade de campo

Se possível, planeje com a equipe pedagógica da escola uma visita a uma horta comunitária ou particular para que as crianças conheçam a diversidade de plantas comestíveis. O contato com o plantio desses alimentos possibilita a ampliação de conhecimentos e a aceitação por parte delas a experimentar diferentes vegetais na alimentação.

Antes do passeio, imprima imagens dos vegetais cultivados na horta, com o nome científico e o nome popular de cada um. Isso ajudará os estudantes a identificar as plantas quando estiverem no local. Combine antecipadamente com alguém que trabalhe na horta para que receba os estudantes e possa tirar as dúvidas e responder às perguntas durante a visita. ▶

Marinha

As telas reproduzidas a seguir ficaram conhecidas como marinhas. **Marinha** é um gênero de pintura que tem como tema as paisagens marítima e litorânea.

Nas marinhas, os artistas em geral trabalham a representação do céu e do mar. Para isso, usam várias **tonalidades** de uma mesma cor.

Observe os diferentes tons da cor azul nesta tela do pintor brasileiro Benedito Calixto.



GLOSSÁRIO

Tonalidade:
gradação de uma cor em tons claros e escuros.

CALIXTO, Benedito. *Forte do Itapema e Outeirinhos*. Sem data. Óleo sobre tela, 40 cm × 60 cm. Pinacoteca Benedito Calixto, Santos (SP).

Na tela a seguir, Tarsila do Amaral, também artista brasileira, usou cores secundárias, como o verde, terciárias, como o azul-arroxeadado, e complementares, como o rosa, que é uma gradação do vermelho, para deixar mais harmoniosa sua representação de um porto.



AMARAL, Tarsila do. *Porto I*. 1953. Óleo sobre tela, 70 cm × 100 cm. Coleção particular.

Marinha

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR02

Explique aos estudantes que as pinturas que retratam paisagens litorâneas são conhecidas como marinhas. As marinhas são consideradas um subgênero da pintura de paisagem e apareceram pela primeira vez no século XVI, nos Países Baixos, porém, nos séculos XVII e XVIII, foram se tornando mais apreciadas com a crescente especialização de alguns artistas dedicados a pintar sobre esse tema. Entre os pintores que se destacaram nesse período estão Simon de Vlieger (1601-1653) e Jan van Goyen (1596-1656).

Encaminhe o assunto de modo que os estudantes percebam que os efeitos proporcionados pelo uso das cores são fundamentais em uma pintura. As cores não são escolhidas ao acaso; servem à intenção do artista para transmitir a atmosfera da paisagem ou produzir determinado efeito sobre o observador.

Benedito Calixto (1853-1927) foi professor, pintor, historiador e ensaísta brasileiro. Nasceu em Itanhaém, no litoral paulista, e retratou muitas praias da região, incluindo o porto de Santos. É considerado um dos mais importantes pintores brasileiros do início do século XX.

Tarsila do Amaral (1886-1973) foi pintora e desenhista. Tornou-se uma das principais artistas plásticas brasileiras. Participou do movimento modernista no Brasil em 1922, com obras de temática nacional. Em 1928, pintou a tela *Abaporu*, que inspirou o movimento antropofágico, liderado por Oswald de Andrade (1890-1954) e Raul Bopp (1898-1984).

- ▶ De volta à sala de aula, para finalizar, peça aos estudantes que façam um desenho ou uma pintura explorando os vegetais que conheceram e compartilhem as produções e experiências em uma roda de conversa.

HABILIDADES DA BNCC**EF15AR01; EF15AR02**

Comente com os estudantes que, apesar do pioneirismo dos artistas dos Países Baixos com relação aos temas litorâneos, os pintores holandeses que aportaram no Brasil no século XVII, como Frans Post (1612-1680) e Albert Eckhout (1610-1666), não se dedicaram à pintura de marinhas. No século XIX, pintores viajantes como Thomas Ender (1793-1875) e Rugendas (1802-1858), quando muito, retrataram vistas de cidades litorâneas brasileiras. O primeiro artista a se dedicar às marinhas no Brasil foi o pintor italiano Giovanni Battista Felice Castagneto, também conhecido como João Batista Castagneto (1851-1900).

Orientações e comentários das atividades

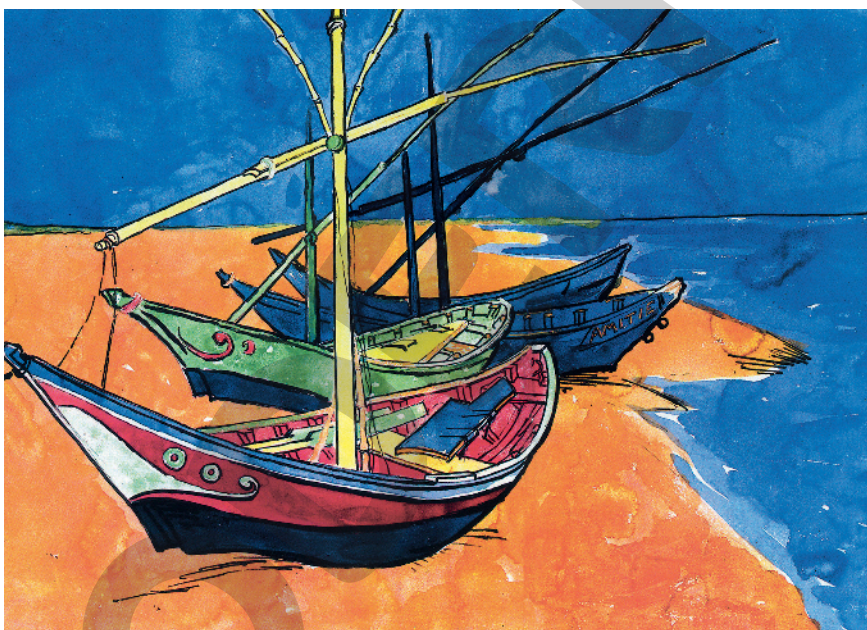
- Estimule os estudantes a contar experiências pessoais no litoral. Pergunte a eles se gostam de estar em praias e se costumam parar para observar a paisagem. Retome as pinturas da página anterior e peça que identifiquem os elementos representados nas imagens (barcos, coqueiros, fortes etc.). Chame a atenção para a opção dos artistas de representar enquadramentos em que não há presença de pessoas ou faixa de areia, focando na imagem do mar.
- Verifique se os estudantes entendem o que significa a palavra *predominar*. Encaminhe de modo que eles possam chegar à resposta. Peça que digam o nome de todas as cores que reconhecem na pintura. Depois, pergunte quais delas ocupam maior espaço e chamam mais atenção do observador.
 - Se necessário, retome os conceitos de cores primárias e secundárias, para que respondam à pergunta.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1 Você já esteve em algum lugar parecido com as imagens retratadas nas marinhas? Se esteve, onde ele fica?

Resposta pessoal.

- 2 Observe a reprodução de uma marinha criada pelo pintor Vincent van Gogh.



VAN GOGH, Vincent. *Barcos de pesca na praia em Saintes-Maries-de-la-Mer*. 1888. Aquarela, 40,4 cm × 55,5 cm. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

- a) Que cores predominam nessa obra?

Predominam tons de azul e de laranja.

- b) Há cores secundárias? Quais?

Sim. Laranja e verde.

c) Há cores complementares? Quais?

Sim. Laranja e azul, verde e vermelho.

d) O que você sente ao observar essa imagem?

Resposta pessoal.

Mãos à obra

Que tal criar uma marinha? Para isso, siga o roteiro.

Materiais

- ✓ Tampa de caixa de sapatos
- ✓ Água
- ✓ Copo plástico
- ✓ Tinta guache de cores variadas
- ✓ Folhas de jornal
- ✓ Papel absorvente
- ✓ Pincel

Como fazer

1. Pesquise e escolha uma fotografia ou uma tela de paisagem litorânea como inspiração.
2. Use a tampa da caixa de sapatos como suporte para sua pintura.
3. Observe o espaço que você tem e planeje quais elementos vai distribuir nele e quais cores vai usar. Lembre-se de que em uma marinha devem predominar as cores relativas ao mar.
4. Vá aplicando a tinta guache para compor sua obra.
5. Lave e seque o pincel antes de mudar de cor.
6. Depois que sua obra estiver pronta e seca, escreva seu nome nela. Na parte de trás da pintura, escreva o título que escolheu para ela. Mostre sua obra para os colegas e aprecie a deles.



MARCO GUERRA E RAFAELA BUENO

25

HABILIDADES DA BNCC EF15AR02; EF15AR04

Orientações e comentários das atividades

2. c) Se for o caso, retome o conceito de cores complementares, para que respondam à pergunta.
2. d) Peça que comparem essa resposta com a que foi dada ao comentar seus sentimentos na observação da pintura do quarto de Van Gogh, neste capítulo.

Mãos à obra

Comente com os estudantes que, se preferirem, podem realizar um esboço antes de começar a pintura. Sugira que imaginem os elementos que gostariam de retratar e se inspirem nas obras apresentadas no livro; eles poderão pensar também em diferentes situações e elementos relacionados ao mar: crianças brincando na praia, peixes, o fundo do mar, entre outros. O objetivo da atividade não é realizar uma produção que se encaixe perfeitamente no gênero marinha, mas exercitar o aprendizado das cores e explorar materialidades, simbolizando seu repertório e aproximando suas vivências.

Sugestão de atividade complementar

Os estudantes também podem criar uma marinha usando tinta aquarela. Por ser uma tinta aguada, a aquarela deve ser usada com cuidado e aos poucos. Para evitar que as folhas de papel sulfite enruguem ou saiam do lugar durante a pintura, oriente-os a fixá-las na mesa com fita dupla face. Antes da aplicação da tinta, a folha deve ser umedecida com água, mas sem exagero. Disponha as tintas em potinhos separados e em quantidade suficiente. Quanto maior a quantidade de água, mais diluída ficará a tinta e mais fraca será a cor. Para retirar o excesso de água da folha, pode ser usado lenço de papel. Recomende que esperem a cor secar para depois aplicar uma outra. Isso evita borrões e a mistura indesejada de tons.

Musicando

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR14; EF15AR16

Explique aos estudantes que, da combinação de sons curtos e longos, acrescidos de silêncios e acentos, originam-se todos os padrões rítmicos. Esses padrões podem ser regulares, ou seja, bem definidos ou métricos, ou podem ser irregulares, isto é, aleatórios, não métricos.

Várias estratégias são empregadas para trabalhar a relação entre sons curtos e sons longos na educação musical. No entanto, muitas vezes essas atividades se limitam ao trabalho de reconhecimento e de reprodução sonora, de maneira mecânica, pouco musical.

Escuta e experimentação de sons

Quanto mais oportunidades de escuta e experimentação, em um amplo repertório de sonoridades, mais os estudantes poderão obter inspiração para as criações musicais, seja utilizando instrumentos convencionais, seja utilizando instrumentos alternativos, como a voz, a percussão corporal e o movimento – se esse for o desejo deles.

Os sons curtos e os longos podem se combinar de diversas maneiras: em sobreposições, justaposições, contrastes súbitos ou em mudanças gradativas. Podem dialogar, alternando-se de maneira equilibrada, com intervalos de silêncio; e podem se destacar uns sobre os outros, de fundo. Esses conceitos estão ligados a experimentação, improvisação e composição.



Musicando

Sons longos e sons curtos

Além da altura, que é uma característica do som que permite classificá-lo como grave ou como agudo, o som tem **duração**. Duração é a medida de quanto tempo um som dura, isto é, de quanto ele é prolongado.

Isso permite classificá-lo como **curto** ou como **longo**. A duração dos sons é medida em segundos.

Vamos testar?

- Classifique o som que está representado nas imagens de acordo com a legenda.

Som longo



Som curto



Campainha de porta.



Bater na porta.



Água pingando.



Água escorrendo.

Sugestão de atividade complementar

Organize a turma em duplas. Um dos integrantes da dupla deverá explorar sons curtos e longos. O outro deverá responder a essa proposta com movimentos. Os movimentos deverão ter a mesma duração que o som produzido pelo colega. Aos poucos, introduza novas instruções para que os estudantes aprofundem a exploração. Relembre outras qualidades de som e movimento que sejam do conhecimento deles para que possam experimentar. Proponha deslocamentos conduzidos pelo som, incluindo os planos alto, médio e baixo. Depois de um tempo, peça que se revezem nas tarefas, para que todos possam explorar som e movimento. Ao final, sugira que conversem com a sua dupla sobre a experiência.

Mãos à obra



Sua tarefa agora será compor uma frase sonora. Para isso, junte-se a três colegas e sigam o roteiro.

Antes da atividade

1. Primeiro, decidam se vão compor a frase usando sons produzidos com a voz ou se vão empregar um instrumento de sopro.
2. Depois, escolham quem começa a atividade e quem participa em seguida. Atenção, pois essa sequência deve ser mantida até o fim da atividade.
3. A sequência de sons deve levar em conta a seguinte instrução: a frase sonora deve ser composta de sons graves e longos intercalados com sons agudos e curtos.

Modo de fazer

4. Quem inicia a atividade deve produzir uma sequência de dois sons longos. Por exemplo, um grupo de quatro estudantes escolheu produzir sons com a voz. Aquele que iniciou a atividade cantou: “ôôôôô-ôôôôô!”.
5. O próximo estudante repetiu a sequência feita pelo colega e acrescentou mais dois sons vocais: “ôôôôô-ôôôôô-lá-lá!”.
6. O terceiro participante, então, repetiu a sequência produzida pelos dois colegas e acrescentou mais dois sons: “ôôôôô-ôôôôô-lá-lá-tuuuum-tuuuum!”.
7. O último participante, então, produziu a seguinte sequência: “ôôôôô-ôôôôô-lá-lá-tuuuum-tuuuum-pá-pá!”.
8. Depois de repetir algumas vezes a sequência de sons que criaram, experimentem reproduzi-la de forma mais rápida e, depois, de forma mais lenta.
9. Qual delas ficou com som mais agradável? Escolham uma delas e mostrem aos colegas a criação de vocês.



MARCIO GUERRA E RAFAELA BIENO

27

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR15; EF15AR17

Nesta atividade da seção **Mãos à obra**, retomamos o trabalho com frases rítmicas e os conceitos de som longo e som curto, que se relacionam diretamente à noção de música no sentido de organização intencional de sons.

Estimule os estudantes a explorar e produzir suas próprias músicas, apropriando-se do processo criativo. Alguns estudiosos mencionam que nas artes plásticas, por exemplo, a produção das crianças é mais respeitada do que na música. Segundo esses estudiosos, as pessoas, de modo geral, tendem a apreciar o valor de uma garatuja, já que um simples rabisco tem seu valor estético reconhecido. Os sons, que são produzidos com mais facilidade do que a garatuja, não possuem a mesma valorização.

Sugestão de atividade complementar

Providencie músicas e canções de diversos gêneros e apresente-as na sala de aula.

Comece a atividade comentando com os estudantes que bons escritores leem diversos gêneros literários e que bons compositores escutam e apreciam diferentes tipos de música.

Em seguida, coloque cada uma das músicas para que eles ouçam, digam de que trechos mais gostaram e expliquem o motivo.

Conclusão

Este capítulo do livro teve como objetivo apresentar aos estudantes a composição na pintura e a formação das cores como elementos fundamentais da linguagem visual. Também se propôs a trabalhar a apreciação de gêneros artísticos cujos temas se relacionam com a natureza. Espera-se que os estudantes dirijam um olhar atento de apreciação para as paisagens, incluindo as imagens de composição com elementos do cotidiano, e que materializem essa observação em suas produções. Também é esperado que reconheçam e compreendam a classificação das cores em primárias, secundárias e terciárias, e sua relação com o círculo cromático. Além disso, será necessário que tenham um primeiro contato com o conceito de composição realizando explorações espaciais, que serão desenvolvidas no capítulo seguinte.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades. Caso ainda persista alguma dificuldade ao final do processo, é sugerida a atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 1

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco
(EF15AR01)	O estudante reconhece os elementos da natureza como temática nos diferentes gêneros e contextos apresentados?			
(EF15AR02)	O estudante reconhece e explora o espaço como elemento constitutivo da linguagem visual em suas composições?			
(EF15AR04) e (EF15AR05)	O estudante explora diferentes materialidades de modo criativo e consciente nas atividades individuais e coletivas?			
(EF15AR05) e (EF15AR06)	O estudante colabora e dialoga com os colegas no desenvolvimento das atividades propostas no capítulo?			
(EF15AR26)	O estudante utiliza a fotografia como recurso criativo, compreendendo e explorando suas possibilidades em relação aos temas sugeridos?			
(EF15AR02)	O estudante reconhece as cores em sua composição como primárias, secundárias e terciárias e compreende o círculo cromático?			
(EF15AR14) e (EF15AR16)	O estudante compreende e registra elementos sonoros experimentando sons curtos e longos?			
(EF15AR15) e (EF15AR17)	O estudante mobiliza seus conhecimentos em música para compor, explorando materialidades e em diálogo com os colegas?			

Atividade de remediação

Esta atividade deve ser feita individualmente e poderá ser realizada em casa, ou na própria escola. Os estudantes deverão realizar uma atividade de observação da paisagem que inclua um ou mais elementos da natureza e, em seguida, fazer um desenho. Na atividade, devem ser exploradas pelo menos uma cor primária e uma secundária. Eles devem escolher um local e observar essa paisagem do ponto de vista do local escolhido. Durante toda a atividade, deverão retratar aquilo que veem. O mais importante a ser avaliado é o processo de observação do estudante e as soluções visuais criadas por ele no desenho, sem exigir que desenvolva uma técnica realista. Ao final, os estudantes devem relatar ao professor como foi esse processo, por que foi escolhido esse lugar e as cores utilizadas. Os desenhos podem ficar em exposição na escola ou ser compartilhados apenas com os familiares. Espera-se com esta atividade que os estudantes retomem os temas centrais do capítulo, desenvolvendo uma postura investigativa aliada à prática criativa, bem como demonstrem habilidade de dialogar sobre a própria criação, o repertório visual e o vocabulário.



MODERNA

Capítulo 2: A transformação do espaço

Introdução

Este capítulo complementa o que foi abordado no capítulo anterior desenvolvendo o conceito de espacialidade presente na escultura. Dentro desse contexto, serão apresentados as técnicas e os procedimentos tais como a modelagem e o entalhe. Em aproximação com o tema da natureza, os estudantes também serão apresentados a obras que propõem uma relação entre a arte e o meio ambiente.

As atividades propõem um diálogo crítico e reflexivo sobre os temas abordados, bem como a experimentação corporal e de materialidades. No final do capítulo, há uma proposta para que os estudantes criem um *vernissage*, reunindo suas produções.

Objetivos do capítulo

- Reconhecer e explorar o espaço como elemento da arte, utilizando exemplos e práticas relacionadas à escultura e ao movimento corporal.
- Refletir sobre as formas de circulação da produção artística e cultural, pensando na relação entre obra, instituições e público.
- Refletir sobre as relações entre arte, meio ambiente e transformação social, conhecendo artistas, argumentando e explorando materialidades.

Competências favorecidas

Competências gerais

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências específicas de Linguagens

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competências específicas de Arte

4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- **(EF15AR05)** Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.
- **(EF15AR06)** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
- **(EF15AR07)** Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).
- **(EF15AR09)** Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na

construção do movimento dançado.

- **(EF15AR12)** Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
2	12	Realização da atividade preparatória.	p. 28-29
	13	Leitura dialogada do texto “Arte que vem da natureza”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 30-32
	14	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 33
	15	Leitura dialogada do texto “Os museus e as mídias”. Realização das atividades do livro.	p. 34
	16	Leitura dialogada do texto “Arte em defesa do meio ambiente”. Realização das atividades do livro. Leitura dialogada da seção Conheça o artista . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 35-36
	17	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 37
	18	Finalização da atividade da seção Mãos à obra e exposição dos trabalhos. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 37
	19	Realização da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 38-39
	20	Finalização da atividade da seção Para fazer com os colegas .	p. 38-39
	21	Realização da avaliação processual.	p. 40-41

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Neste capítulo, os estudantes conhecerão o trabalho de artistas cuja obra estabelece relação com o espaço. A escultura será o foco, apresentando técnicas e procedimentos nas artes visuais que lidam com a materialidade na produção de obras tridimensionais. Eles vão apreciar o trabalho de Frans Krajcberg (1921-2017), artista polonês radicado no Brasil que se dedicou a produzir uma arte engajada, isto é, uma arte que denuncia uma ação ou defende uma causa. No caso de Krajcberg, a denúncia se dirige à devastação do meio ambiente. O capítulo traz também considerações sobre a circulação das obras de arte, ao abordar o contexto das exposições.

Explore com os estudantes a imagem de abertura, incentivando-os a criar hipóteses sobre o que levou o povo rapanui a esculpir uma obra com elementos tão grandiosos. Não se deve, no entanto, esperar respostas precisas neste momento. Deixe-os à vontade para olhar as esculturas, perceber os detalhes, criar empatia por elas, descobrir minúcias que apenas o olhar atento e curioso possibilita.

Chame a atenção para o formato e o tamanho das esculturas. Comente que se trata de objetos tridimensionais, ou seja, que possuem altura, largura e profundidade. Explique a diferença entre um objeto tridimensional e um bidimensional, como um desenho no papel, que tem altura e largura, mas não tem profundidade. Peça que observem também o tamanho das esculturas.

Capítulo

2

A transformação do espaço



Estas esculturas estão localizadas na Ilha de Páscoa, no Chile. Elas são chamadas de moais de Ahu Tongariki e provavelmente foram produzidas pelo povo rapanui entre os anos de 1250 e 1500. Os moais foram feitos em pedra e sua altura varia de 4,5 a 20 metros. Fotografia de 2010.

28

- Esclareça que as esculturas foram criadas na ilha de Páscoa, um território pertencente ao Chile. Promova uma reflexão sobre a relação que as estátuas estabelecem com o espaço e a natureza do entorno, chamando a atenção para o material e o local onde elas foram construídas.

O objetivo dos primeiros questionamentos é aguçar o olhar dos estudantes para a escultura como gênero de arte, levando em consideração a importância de dirigir detidamente o olhar para uma escultura e buscar compreender seu significado. Portanto, observar uma escultura, ainda que por meio de uma fotografia, pode representar o primeiro olhar mais crítico desses estudantes para esse tipo de arte, já que apreciar os diversos gêneros artísticos não costuma fazer parte do dia a dia.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Tenha em mãos, na sala de aula, um dicionário. Se preferir e houver disponibilidade, utilize dicionários *on-line*, nesta atividade. Depois da discussão inicial, peça aos estudantes que formem pequenos grupos.

Solicite que localizem na página 36 o texto “As obras tridimensionais de Frans Krajcberg”. Os estudantes deverão ler o texto em voz alta, fazendo um revezamento, para que todos do grupo tenham a oportunidade de participar. Depois, eles devem circular no livro as palavras que não conhecem ou cujo significado lhes gera dúvidas.

Eles deverão compartilhar com a turma as palavras selecionadas. Anote as palavras no quadro e convide alguns estudantes a ler em voz alta seu significado, no dicionário. Peça a um deles que comente e dê exemplos com base no que entendeu. Por exemplo, cite a palavra *tridimensionalidade* e peça que apontem objetos tridimensionais presentes na sala. Caso ainda haja dúvidas, auxiliem-os a entender o significado da palavra.

No final, peça aos membros de cada grupo que se reúnam e releiam novamente o texto. Solicite que comentem o que compreenderam da leitura. Retome essa conversa, quando o texto for trabalhado mais adiante no capítulo e verifique se a atividade auxiliou os estudantes a responder à pergunta que será feita na página seguinte.

O que eu vejo

 Converse com os colegas.

1. De que material estas esculturas são feitas?
2. Que outros materiais são utilizados pelos artistas para criar suas esculturas?
3. O que mais chamou sua atenção nestas esculturas? **Resposta pessoal.**

1. Essas esculturas são feitas de pedra.
2. Madeira, bronze, argila, mármore, entre outros materiais.



29

Orientações e comentários das atividades

1. Antes de ler com os estudantes a legenda da fotografia, proponha que respondam às perguntas. Eles provavelmente dirão que as esculturas são feitas de pedra.
2. A resposta depende do repertório dos estudantes. Eles poderão citar a madeira, o bronze, a argila, o mármore, entre outros materiais.
3. Estimule-os a expressar suas sensações ao observar os moais. Chame a atenção para o material no qual foram esculpidos e para o espaço em que estão instalados. Eles podem citar, por exemplo, o tamanho do moais, a forma, a semelhança na fisionomia e no corpo das esculturas.

Arte que vem da natureza

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

A informação de que as obras de arte podem ser bidimensionais ou tridimensionais pode causar curiosidade e dúvidas nos estudantes. Aproveite o momento para organizar uma roda de conversa com a turma. Peça a eles que citem obras de arte bidimensionais e tridimensionais das quais se lembram. Depois, comente que é interessante observar as obras de arte bidimensionais ou tridimensionais para perceber a diferença entre elas.

Mostre, em seguida, a escultura de grandes proporções reproduzida nesta página: o *Monumento às bandeiras*. Ele foi esculpido pelo artista Victor Brecheret (1894-1955) e representa os bandeirantes que exploraram o interior do Brasil durante os séculos XVII e XVIII.

Esse monumento foi inaugurado em 1953, durante as comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, no Parque do Ibirapuera.

A obra foi posicionada no eixo sudeste-noroeste, no mesmo sentido percorrido pelas bandeiras em busca de terras e riquezas no interior.

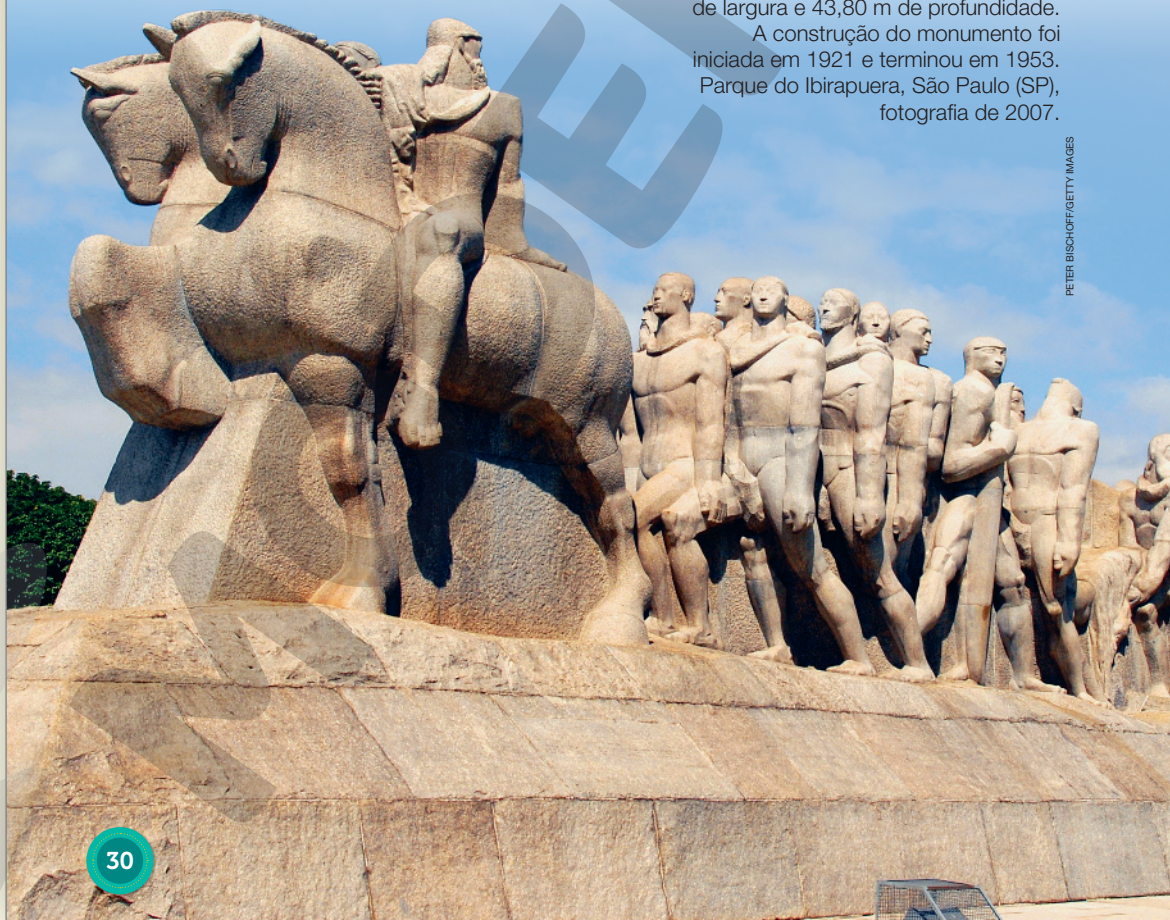
Na face do pedestal, há um mapa do Brasil, desenhado por Afonso de E. Taunay, (1876-1958), que mostra percursos efetuados pelos bandeirantes no interior do país.

Arte que vem da natureza

Obras de arte, como desenhos e pinturas, são representadas sobre uma superfície plana. Por possuírem apenas duas dimensões, altura e largura, são chamadas de **bidimensionais**.

Obras de arte que têm volume e três dimensões, isto é, altura, largura e profundidade, são chamadas de **tridimensionais**, como é o caso das esculturas. Veja a reprodução de uma escultura.

BRECHERET, Victor. Detalhe de *Monumento às bandeiras*. Escultura em granito, cerca de 11 m de altura, 8,40 m de largura e 43,80 m de profundidade. A construção do monumento foi iniciada em 1921 e terminou em 1953. Parque do Ibirapuera, São Paulo (SP), fotografia de 2007.



30

Sugestão de atividade complementar

Incentive os estudantes a pesquisar mais fotografias da escultura de Brecheret na internet, em ângulos diferentes, para que observem o monumento em sua totalidade, com o conjunto mais ao fundo formado por alguns homens e uma canoa de monções.

As canoas de monções utilizavam as vias fluviais e faziam regularmente a comunicação e o transporte de todo tipo de equipamento entre as cidades e os povoados já estabelecidos e os locais que ainda estavam sendo explorados pelos bandeirantes.

Escultura é a arte de transformar materiais na representação do corpo humano, de seres da natureza ou na criação de formas **abstratas**. Os materiais utilizados na elaboração de uma escultura podem ser retirados da natureza, como pedra, metal, madeira, argila, ou podem ser criados pelo ser humano, como o plástico.

Em materiais duros, como a pedra, os artistas **entalham** o que querem que fique em relevo. Materiais mais maleáveis, como a argila, também podem ser moldados em formas ou com as mãos.

Chamamos de relevo o que se destaca de uma superfície plana, formando uma parte mais elevada em relação a essa superfície. Em materiais como argila, madeira e pedra, o relevo pode ser produzido por meio de **entalhes**.



Escultor modelando com argila o busto de uma pessoa. São Petersburgo, Rússia, 2018.



GLOSSÁRIO

Abstrato: estilo artístico em que objetos, animais e vegetais são representados em pinturas ou esculturas por meio de formas não figurativas.

Entalhar: fazer, em madeira ou outro material, entalhe ou talho; esculpir.

Entalhe: corte ou golpe feito com a parte mais afiada de qualquer objeto cortante.

Busto: representação que mostra apenas cabeça, pescoço e parte dos ombros de uma pessoa.

Baixo-relevo: escultura feita sobre uma superfície em que se destaca menos da metade do seu volume real.

Exemplos de entalhes em esculturas em baixo-relevo. Acima, detalhe de leão entalhado na parede de um templo budista localizado em Luang Prabang, Laos, fotografia de 2019. Ao lado, detalhe de leão em mosaico (tijolos envidraçados e azulejos) no Portal de Ishtar em Istambul, Turquia, fotografia de 2014.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Informe aos estudantes que o entalhe é um dos principais procedimentos do escultor no momento em que executa sua obra. Pelo entalhe, o escultor produz a talha, um ornamento esculpido em madeira, mármore ou pedra, muito usado nas igrejas barrocas de Minas Gerais no século XVIII.

Na talha em madeira, é comum o artista pintar o ornamento, produzindo um efeito expressivo, principalmente quando a cor usada é o dourado. Quando a talha recebe um revestimento de tintas, ela é chamada de talha policromada.

Há exemplos de escultura primitiva enfeitando utensílios de pedra ou de osso. No entanto, o testemunho mais significativo dessa arte nas mãos de nossos antepassados é uma série de estatuetas com evidentes características femininas. Trata-se de figurinhas pequenas, que em geral cabem na palma da mão. Os estudiosos lhes deram o nome de Vênus pensando na deusa dos antigos romanos que favorecia o amor.

Mas parece que a Vênus das cavernas representava basicamente a mãe, a fertilidade. Ela tem seios fartos, nádegas grandes e traços faciais imprecisos. Essas estatuetas pré-históricas são geralmente de pedra, osso ou chifre. Várias delas foram encontradas na Europa, sendo a mais famosa a Vênus de Willendorf, cidade da Áustria. Feita de pedra e medindo onze centímetros de altura, está hoje no Museu de História Natural, em Viena.

FEIST, Hildegard. *Pequena viagem pelo mundo da arte*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003. p. 27.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR01

Escultura é a arte de transformar artisticamente materiais em seres, objetos ou formas tridimensionais.

Os materiais usados pelos escultores podem ser ferro, bronze, madeira, argila, mármore etc., e alguns modos de transformá-los em obras de arte são a moldagem, o cinzelamento e a fundição.

A escolha do material a ser utilizado na escultura é o que determina a técnica a ser utilizada:

Moldagem

Quando se molda material plástico, como a argila, até se obter a figura planejada.

Cinzelamento

Quando se retiram com a ajuda de instrumentos, como macete e cinzel, partes de um bloco de pedra ou de madeira para formar a figura planejada.

Fundição

Quando o metal fundido, ainda quente, é derramado em um molde, geralmente feito de outro material, no formato da figura que se quer obter.

Orientações e comentários das atividades

1. Estimule os estudantes a refletir sobre essa profissão. Comente que escultores e ceramistas também podem criar peças para decoração. Além disso, as técnicas de escultura também são utilizadas na confecção de peças de artesanato.
2. Pergunte a eles o que acharam das técnicas apresentadas. Chame a atenção para as diferentes possibilidades de cores e materiais utilizados.

O escultor precisa planejar com atenção os detalhes da obra que deseja esculpir. Às vezes, ele faz desenhos da peça que pretende desenvolver e só então passa esse desenho para o suporte e começa a esculpir. Além disso, ele usa ferramentas específicas para cada tipo de material a ser trabalhado.



Escultora usando macete e cinzel para entalhar mármore. Etara, Bulgária, 2018.



Artista com esteca de metal usada para alisar argila. Chiang Mai, Tailândia, 2018.



Escultura de madeira sendo finalizada com uma goiva. Siem Reap, Camboja, 2018.

GLOSSÁRIO

Macete: martelo usado por escultores.

Cinzel: instrumento que tem uma lâmina de metal resistente.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

Respostas pessoais.

- 1 Você gostaria de ser escultor? O que sabe sobre essa profissão?

- 2 Que tipo de escultura mais chamou sua atenção? Por quê?

Mãos à obra



Assim como as esculturas, o nosso corpo também ocupa um espaço tridimensional. Além disso, podemos nos mover em diferentes direções usando as nossas articulações, ampliando ou reduzindo esse espaço.

Em dupla, vocês farão uma atividade para explorar os movimentos do corpo e perceber o espaço que ele ocupa. Um componente da dupla será o escultor, que irá manipular os gestos do companheiro, e o outro será a escultura. Ouça as explicações do professor e siga as orientações abaixo.

1. Para começar, fechem os olhos e respirem lentamente, concentrando-se em perceber todas as partes do seu corpo. Reparem nas partes que vocês conseguem dobrar e esticar.
2. Depois de esticar e dobrar partes do próprio corpo, um dos componentes da dupla, o “escultor”, movimentará, com cuidado para não machucar, as articulações do colega que será a “escultura”, seguindo as instruções que forem dadas por ele.
3. Após o “escultor” testar diversas posições e movimentos, o colega que representa a escultura vai “congelar”.
4. Troquem as funções da dupla para inverter os papéis de escultor e escultura.

É importante que os escultores encerrem os movimentos ao mesmo tempo, assim vocês terão um conjunto de esculturas para observar.



ROBSON OLIVEIRA

33

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR09; EF15AR12

O objetivo desta atividade é explorar a espacialidade por meio do movimento, trabalhando elementos da linguagem da dança. Por isso deve ser realizada em um espaço amplo, como o pátio ou a quadra da escola.

Inspirados nas esculturas e na técnica da modelagem, os estudantes deverão explorar as articulações do próprio corpo e, em um segundo momento, manipular as articulações do corpo do colega.

Inicie a atividade propondo que fechem os olhos e se concentrem em suas próprias sensações. Instrua-os a relaxar, respirando lentamente e prestando atenção a cada parte do corpo. Depois, peça a eles que explorem os atos de dobrar e esticar para perceberem as partes do corpo que fazem esses movimentos. Pergunte se sabem o nome dessas partes (cotovelos, joelhos, punhos, dedos, tornozelos, coluna etc.). Explique para a turma que essas são as articulações do nosso corpo.

Depois de um tempo de exploração individual, organize os estudantes em duplas. Comente a proposta da atividade que sugere a exploração dos movimentos e a importância de ter cuidado e respeitar o corpo do outro. Oriente um dos participantes da dupla a falar quais articulações ou partes do corpo ele quer que o colega movimente. O outro integrante deverá ouvir a indicação e dobrá-la ou esticá-la, na direção que quiser. Estimule-os a prestar atenção ao modo como o corpo está sendo movimentado e como está ocupando o espaço a cada mudança.

- ▶ Após terem explorado os movimentos por um tempo, peça aos estudantes que estavam sendo “movimentados” que “congelem” da maneira como estão. Peça aos demais que circulem pelo espaço observando as “esculturas” humanas. Em seguida, repita a atividade, invertendo os papéis, para que todos participem e escolham seus movimentos.

Para terminar, organize uma roda de conversa em que todos poderão compartilhar suas experiências. Pergunte se sabiam o que são articulações e o que descobriram ao movimentá-las. Eles deverão refletir e comentar suas percepções sobre as diferenças entre se movimentar livremente e se movimentar a partir das indicações do colega. Pergunte para a turma como foi observar as “esculturas” humanas ao circular pelo espaço. Converse sobre as principais dificuldades da atividade e como eles fizeram para superá-las.

Os museus e as mídias

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR07

A exposição virtual *Castelo Rá-Tim-Bum | Live + Tour 360°* foi uma realização do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP) como parte da programação #MISEMCASA. Com diversos conteúdos em formatos digitais diferentes, a programação surgiu como alternativa no momento em que os museus, assim como diversos outros espaços de circulação de pessoas, tiveram sua programação presencial suspensa em razão da pandemia de covid-19, em 2020. Muitas instituições culturais buscaram soluções para manter seu funcionamento utilizando plataformas digitais para a circulação de suas obras e produções culturais. Espetáculos de dança e teatro também encontraram soluções parecidas, utilizando recursos audiovisuais para realizar apresentações ao vivo em espaço virtual.

Comente com os estudantes a importância da existência do público para a arte em geral e a dificuldade que muitos museus, cinemas, salas de concerto, companhias de dança e teatro costumam enfrentar para atrair o público. Explique para eles que muitos aspectos estão envolvidos na escolha do público em participar de um evento cultural e artístico. Cite alguns fatores que podem influenciar na ausência de público: falta de tempo, de acesso (transporte, por exemplo) ou de conhecimento sobre o tema, o valor do ingresso, entre outros. Comente também a importância de haver patrocinadores para a realização de exposições e espetáculos.

Orientações e comentários das atividades

1. Mencione que muitas pessoas que visitaram essa exposição tinham um vínculo com aquele ambiente e suas personagens desde a infância. Além disso, por abordar o universo de um programa infantil e ter um ambiente lúdico, a exposição também chamou a atenção de muitas crianças das novas gerações, que acompanharam seus familiares na visita.

Os museus e as mídias

Uma das formas de as pessoas conhecerem as obras de arte é pelas exposições realizadas nos museus. As obras, porém, não ficam restritas ao universo das pinturas, esculturas, fotografias e instalações. Esse é o caso da exposição *Castelo Rá-Tim-Bum*, que recriou em um museu os cenários de um programa infantil de TV dos anos 1990.

Essa exposição foi realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo (SP) entre 2014 e 2015, ficando em cartaz por aproximadamente seis meses, e recebeu cerca de 410 mil visitantes, o que fez do evento um recordista de público. Jovens e adultos enfrentavam grandes filas para ver os cenários onde viveram as personagens que os acompanharam durante a infância. A mostra também contou com uma temporada no CCBB do Rio de Janeiro (RJ) em 2016.

O sucesso da exposição foi tão grande que o museu criou uma visita virtual em 2020.



Entrada do castelo, cenário que faz parte da exposição virtual *Castelo Rá-Tim-Bum*, do MIS-SP, de 2020.

1 Qual é o motivo do sucesso dessa exposição?

Resposta pessoal.

2 Por que algumas exposições atraem mais público que outras?

Resposta pessoal.

3 Na sua opinião, a mídia tem um papel importante na cultura? Qual?

Respostas pessoais.

34

- ▶ 2. Reflita com os estudantes sobre a presença do público em diferentes espaços culturais. Pergunte se concordam com o fato de que uma exposição sobre um tema ou artista muito conhecido tem mais chances de atrair o público que outras envolvendo nomes não tão conhecidos. Pergunte a eles o que fariam para chamar a atenção de visitantes para exposições que não tenham esse atrativo.
- 3. Comente a importância e o alcance de diferentes mídias na divulgação de exposições de obras de arte, espetáculos culturais e formas de entretenimento. Peça a eles que reflitam como as mídias influenciam nos gostos, nas preferências e na percepção de mundo das pessoas. Pergunte que aspectos eles consideram positivos e negativos dessa influência.

LETICIA GODOY/MIS

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Arte em defesa do meio ambiente

Frans Krajcberg deixou a Polônia, sua terra natal, para viver e desenvolver sua arte no Brasil. A obra desse artista se inspira nas florestas brasileiras e reflete sua grande preocupação com o meio ambiente. Observe uma delas a seguir.



KRAJCBERG, Frans. *Conjunto de esculturas*. 1991. Pigmento natural sobre raízes, cipós e caules de palmeira, altura total: 3,10 m. Acervo do artista, Nova Viçosa (BA).

Para fazer suas obras de arte, Krajcberg usava partes de vegetais, que encontrava em caminhadas por florestas e praias, e o que sobrava de queimadas e desmatamentos, como raízes retorcidas e troncos queimados.

O conjunto de esculturas reproduzido na fotografia foi criado com esse tipo de material.

Seu trabalho artístico se tornou uma forma de denunciar a devastação do meio ambiente no Brasil, principalmente no Paraná e na Amazônia.

FRANS KRAJCBERG - ACERVO DO ARTISTA, NOVA VIÇOSA, BAHIA

Arte em defesa do meio ambiente

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Informe aos estudantes que artistas como Frans Krajcberg, que fazem de sua arte a bandeira de uma causa, são chamados de artistas engajados. Esses artistas não se contentam em fazer arte pela arte, ou seja, em produzir suas obras sem a preocupação com o que acontece no mundo à sua volta. É comum dizer que esses artistas têm uma “preocupação social”, pois denunciam situações de injustiça, de ameaças ou que ferem a dignidade do ser humano.

Peça aos estudantes que observem no livro o *Conjunto de esculturas*, de Frans Krajcberg. Pergunte a eles se repararam que a obra está exposta em um ambiente aberto. Comente que, para observar obras grandiosas como essa, seja em ambiente aberto, seja em ambiente fechado, caso de museus e salas de exposição, a maneira mais adequada é caminhar ao redor da obra, observando o volume, a disposição, a textura dos materiais, as formas e as cores utilizadas pelo artista.

Sugestão de atividade complementar

Oriente os estudantes a pesquisar outros artistas engajados a diversas causas e a conhecer as causas defendidas por eles. Em seguida, poderão compartilhar suas descobertas com a turma.

As obras tridimensionais de Frans Krajcberg

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Relembre com os estudantes a atividade preparatória do capítulo. Faça uma leitura dialogada do texto e peça que expliquem em voz alta o que compreenderam. Caso os estudantes apresentem dúvidas sobre a diferença entre bidimensionalidade e tridimensionalidade, ou se achar necessário consolidar os conceitos, proponha uma atividade utilizando folhas de papel sulfite.

Peça a eles que observem a folha e façam um desenho. Depois, peça a todos que observem os desenhos dos colegas. Então, cada estudante deverá transformar a mesma folha em um objeto tridimensional, ou seja, em uma “escultura”. Eles podem amassar, cortar e dobrar a folha, explorando essa materialidade de diferentes maneiras. Estimule-os a deixar as esculturas “em pé”.

Ao final, solicite aos estudantes que observem todas as produções e comentem as diferenças. Faça perguntas: “Alguma delas tem altura maior?”; “Qual delas tem a maior largura?”; “E quanto à profundidade?”; “Como o desenho inicial foi transformado?”.

Após os comentários sobre os trabalhos, verifique se os estudantes avançaram em seus conhecimentos sobre tridimensionalidade. O objetivo não é apenas demonstrar a apropriação do conceito, mas também promover uma experimentação prática de transformação do material e de observação de suas possibilidades.

Orientação e comentário da atividade

Permita aos estudantes que apresentem seus argumentos. Chame a atenção da turma para o fato de que a arte pretende mobilizar a sensibilidade e os afetos das pessoas. Com suas obras de arte, os artistas pretendem não somente informar, mas também transformar as relações das pessoas com o mundo.

As obras tridimensionais de Frans Krajcberg

Em muitas de suas obras, Frans Krajcberg também denunciou a devastação do meio ambiente causada pelo extrativismo mineral.

Observe ao lado uma dessas obras. Nela, o artista fez uma colagem com cristais de vários tamanhos, pesos e formas.

A combinação bidimensional de superfícies, que aqui é representada pela tábua de suporte usada no quadro, e tridimensional, representada pelas pedras coladas na tábua, é uma característica das obras de Krajcberg.



KRAJCBERG, Frans. *Quadro-relevo*. Sem data.
Cristais sobre madeira, 109 cm × 76 cm.
Coleção particular.

Converse com os colegas e, depois, registre sua resposta.

- Frans Krajcberg usava algumas de suas criações para denunciar a destruição do meio ambiente. Será que a arte é um bom meio para fazer denúncias desse tipo?

Resposta pessoal.

Conheça o artista

Frans Krajcberg nasceu na Polônia, em 1921. Ao perder toda a sua família na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mudou-se para a Alemanha, onde estudou em uma escola de belas-artses.

Em 1948, veio para o Brasil e, em 1951, participou da Primeira Bienal Internacional de São Paulo. Viveu em várias cidades brasileiras, entre elas Rio de Janeiro (RJ), Itabirito (MG) e Nova Viçosa (BA). Faleceu em 2017.



36

Frans Krajcberg

A história de Frans Krajcberg é um exemplo de superação e amor à arte. Ele foi um dos grandes representantes da arte contemporânea brasileira. Em 1948, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como pedreiro e faxineiro, mas nunca interrompeu o vínculo com a arte. Participou da montagem da 1ª Bienal de Arte de São Paulo e do Museu de Arte Moderna (MAM). Um ano depois, realizou sua primeira exposição individual no MAM.

Seus trabalhos de denúncia da devastação ambiental chamam a atenção do público pelo uso de troncos e galhos de árvores queimadas encontrados em locais desmatados.

Mãos à obra

Que tal criar um quadro-relevo inspirado na obra de Krajcberg?
Basta seguir o roteiro.

Materiais

- ✓ Cola branca
- ✓ Galhos e folhas secas, pedrinhas ou outros elementos descartados pela natureza
- ✓ Tampa de caixa de *pizza*, tampa de caixa de sapatos ou pedaço de tábua fina

Como fazer



Recolha de seu quintal ou condomínio, ou mesmo dos vasos de plantas de sua casa, galhos e folhas secas, pedrinhas ou outros elementos descartados pela natureza e leve para a sala de aula.



Distribua os objetos coletados sobre a tampa ou a madeira, experimentando posições diferentes até achar que eles formam uma composição harmoniosa. Deixe-os como estão e execute a próxima etapa.



Sem mexer nos objetos, despeje bastante cola branca sobre eles.



Ponha seu quadro-relevo em um local plano e deixe-o secar por 3 dias. Depois disso, ele estará pronto para ser exibido.

ILUSTRAÇÕES: MARCO GUERRA E RAFAELA BUENO

37

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR06

Relembre com a turma a conversa sobre a pergunta da página anterior. Incentive-os a pensar em maneiras de compor os materiais coletados, levando em conta temas que já foram discutidos. Apesar de a atividade ser individual, organize a turma em duplas ou pequenos grupos para que os estudantes troquem ideias e colaborem entre si.

Ao final, peça a cada um que apresente sua produção e explique o que está representado. Proponha uma conversa estimulando a turma a identificar aspectos positivos no trabalho dos colegas e dizer o que aprendeu com eles.

Recomende a todos que, ao coletar o material do solo, não toquem em insetos, pequenos animais e nem nas plantas. E, principalmente, não coloquem a mão em buracos ou levistem pedras no local, sem a proteção de luvas. Se houver material que possa ser coletado ao redor da escola, promova uma coleta em grupo. Reforce que só devem ser recolhidos materiais descartados pela natureza: folhas, pequenos galhos, gravetos e flores secas.

Oriente-os também a guardar cuidadosamente os trabalhos criados por eles, que farão parte do *vernissage*, a atividade final do capítulo.

Sugestão de atividade complementar

Para ampliar o conhecimento dos estudantes, comente que o trabalho de colagem com volume é chamado construção. Para elaborá-lo, eles podem usar materiais como caixas de papelão, botões, tampas, pedaços de madeira, pedras e galhos. Depois de coletar esse material, basta experimentar as possibilidades de construção, antes de fixar as peças. Nessa técnica, é importante também pensar em como juntar as partes, o que pode ser feito com cola, fita adesiva, fita de cetim, barbante ou grampo. Retome os conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade. Em interdisciplinaridade com Geografia, compare esse trabalho de colagem com a maquete (representação tridimensional), o croqui, a planta e o mapa (representações bidimensionais).

Para fazer com os colegas

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR05; EF15AR06;
EF15AR07

Prepare esta atividade com antecedência. O tema da exposição deve seguir o tema do capítulo 1 (**Um olhar para a natureza**), que abrange também o conteúdo do capítulo 2.

Como forma de ajustar o foco dos estudantes para a realização do *vernissage*, converse previamente sobre alguns pontos importantes. Pergunte quem já foi a uma exposição. Explique para a turma que existem exposições de variados temas: arte, plantas, fotografias, automóveis antigos, vestuário, cartazes etc.

Faça uma rápida contextualização histórica comentando que as primeiras “exposições” feitas pelos seres humanos (ainda que não tivessem esse nome, nem essa intenção) foram as pinturas rupestres. Com o tempo e a ampliação do conhecimento sobre o mundo e as coisas, houve a necessidade de classificá-las e organizá-las para que pudessem ficar em exposição. É essa a ideia original de criação de um museu.

Informe que a palavra *museu* teve origem na Grécia antiga e significa “templo das nove musas”. Os museus eram locais de estudo, porém, na Modernidade, principalmente depois do movimento conhecido como Renascimento, começaram a surgir inúmeras coleções de obras de arte e de objetos variados.

Comente também que o surgimento das tecnologias digitais possibilitou a muitos museus oferecerem visitas virtuais. Isso dá a muitas pessoas em todo o mundo a oportunidade de conhecer o acervo dos grandes museus, de diversos países, sem sair de casa. Além da visitação, alguns museus ministram cursos virtuais sobre arte. Oriente-os a consultar o *site* Guia dos Museus Brasileiros, no portal do Instituto Brasileiro de Museus, no endereço a seguir:

<<https://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros-3/>>
Acesso em: 26 jul. 2021.

Para fazer com os colegas



Agora, vocês farão um *vernissage*, isto é, uma exposição das obras que criaram ao longo dos capítulos 1 e 2 deste livro.

Uma exposição pode apresentar pinturas, desenhos, fotografias, esculturas, instalações, trabalhos em vídeo, entre outros, ou um único gênero de arte. Obras artísticas podem ser expostas em espaços culturais dedicados à arte ou em locais como *shoppings*, câmaras municipais e espaços em empresas.

Sigam o roteiro para desenvolver essa tarefa.

1. Em primeiro lugar, definam com o professor o local e a duração do evento. O título da exposição será “Arte e natureza” e deverá aparecer nos cartazes, folhetos e convites produzidos por vocês.
2. Uma exposição de arte costuma contar com equipes de profissionais que cuidam de cada etapa do desenvolvimento e da montagem. Então, depois de ler os tópicos a seguir, formem equipes para cuidar das etapas de montagem da exposição.
 - a) **Equipe de curadoria:** os curadores são os profissionais responsáveis pela concepção da exposição. Eles definem as obras que ficarão à mostra e de que maneira devem ser colocadas no espaço da exposição. Eles também escrevem textos sobre elas e planejam atividades que podem acontecer durante a exposição, como palestras, oficinas de arte e exibição de documentários.



Estudantes da Educação Infantil participam de oficina de arte na escola, desenhando e pintando com giz de cera e canetas coloridas.

- b) **Equipe de pesquisa:** em espaços culturais como museus e galerias de arte, há pessoas que pesquisam informações sobre o tema de cada exposição. Essa pesquisa serve para ajudar na elaboração dos textos que irão para o catálogo sobre a exposição, para os folhetos de divulgação do evento, para os convites e até para a imprensa.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR05; EF15AR06;
EF15AR07

- c) **Equipe educativa:** em instituições como museus e pinacotecas, essa equipe realiza atividades que ajudam o público a entender as obras em exposição. Às vezes, auxilia a equipe de curadoria na organização das atividades que acontecem durante o evento, como oficinas e palestras. Ela também pode oferecer **monitoria** aos visitantes.
- d) **Equipe de produção:** em museus e outras instituições, essa equipe é responsável por realizar o que foi planejado pela curadoria. Os membros dessa equipe pesquisam preços e cuidam da compra de materiais para montar a exposição. Também podem fazer pedidos de empréstimo de obras de arte para enriquecer o tema que está sendo trabalhado.
- e) **Equipe de montagem:** essa equipe prepara o local da exposição, colocando mesas e suportes onde as obras serão expostas, e também organiza as obras para que fiquem da maneira como os curadores orientaram. As pessoas dessa equipe podem tirar fotografias das obras já instaladas para serem usadas no catálogo e nos folhetos. Todas as equipes podem se juntar para essa finalidade.
- f) **Equipe de divulgação:** para que a exposição seja um sucesso, também é necessário elaborar os convites, os cartazes e os folhetos de divulgação. Para isso, deve ser formada uma equipe de divulgação, que providenciará esses materiais de acordo com o que for indicado pela curadoria.

GLOSSÁRIO

Monitoria: ajuda no ensino e na orientação.

Estudante do Ensino Fundamental aprecia exposição de arte em escola localizada em Bangkok, Tailândia, 2018.

Enfatize que para montar uma exposição de arte não basta simplesmente afixar as obras de arte na parede ou sobre apoios ou mesas. O sucesso de uma exposição pode estar relacionado a vários fatores, como a organização, a escolha adequada do tema, a orientação do espaço da exposição, a localização, as condições do local (iluminação, circulação de ar, espaço de circulação das pessoas), a duração, a divulgação, a qualificação da equipe e o entrosamento entre seus membros.

Para isso, a comunicação com o público da exposição deve ser clara e didática, com linguagem simples e direta, sem erros de ortografia e com letras legíveis. No caso da correção gramatical, alguns estudantes devem ser escolhidos para revisar o material escrito e avaliar a pertinência e a validade das informações.

Em relação ao público, é necessário garantir, por exemplo, um espaço adequado ao acesso de pessoas com deficiência. As peças precisam ser expostas com segurança. Se a mostra for ao ar livre, é preciso proteger as obras da chuva ou da excessiva exposição ao sol e aos ventos.

Como se comportar em uma exposição

Uma exposição é para ser apreciada sem pressa. O momento de apreciar um objeto ou um quadro que lhe chamou a atenção é sagrado. É todo seu. O que você vai sentir e pensar nesse momento é algo único. Uma experiência só sua. [...]

Quando você vai a um campo de futebol ou a uma quadra esportiva, pode torcer e gritar para incentivar seu time; quando vai a uma festa, provavelmente, vai conversar em voz alta e até dançar; mas quando vai a uma exposição, a um museu, deve caminhar devagar para apreciar tudo o que está exposto, e falar baixo. [...].

ROSA, Nereide Schilaro Santa; SCALÉA, Neusa Schilaro. *Vamos ao museu?* São Paulo: Moderna, 2013. p. 30.

Conclusão

O segundo capítulo enfoca o trabalho de vários artistas com a escultura, dando continuidade ao tema da natureza e desenvolvendo o conceito de espaço. Espera-se que os estudantes relacionem os conteúdos deste capítulo com os do anterior, reconhecendo as especificidades da escultura. Também é esperado que estabeleçam conexões entre questões artísticas e questões ambientais, com base nos exemplos e nas atividades propostas. Os estudantes devem explorar o espaço partindo do movimento e experimentar diferentes materialidades. No final, na proposta de organização de um *vernissage*, espera-se que os estudantes exercitem o diálogo como maneira de encontrar soluções conjuntas e demonstrem agir com autonomia para concretizar suas ideias.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante todo o ano letivo, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação serve como instrumento para auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades da turma. Se, ao final do processo, as dificuldades persistirem, é sugerida uma atividade de remediação, no término desta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 2

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco
(EF15AR01)	O estudante reconhece e compreende as diferentes possibilidades de trabalho com materialidades no espaço, em especial, nas esculturas apresentadas no capítulo?			
(EF15AR09) e (EF15AR12)	O estudante relaciona o elemento espacial com diferentes linguagens, sendo capaz de explorá-lo no movimento?			
(EF15AR01) e (EF15AR06)	O estudante reconhece relações entre as mídias e as instituições e linguagens artísticas, dialogando sobre o assunto com os colegas?			
(EF15AR01) e (EF15AR06)	O estudante reconhece relações entre a arte e o meio ambiente, dialogando sobre o assunto com os colegas?			
(EF15AR04) e (EF15AR05)	O estudante mobiliza os conteúdos apresentados no capítulo na criação de composições e trabalhos individuais e coletivos?			
(EF15AR05) e (EF15AR06)	O estudante se expressa e escuta os colegas com respeito, dialogando e ampliando seu vocabulário e senso crítico?			

Atividade de remediação

Esta atividade pode ser realizada individualmente ou em duplas. Os estudantes deverão criar esculturas utilizando objetos coletados (como gravetos e pequenas pedras) e/ou materiais recicláveis. Oriente e acompanhe a turma na coleta dos elementos para que seja realizada de maneira segura. As esculturas deverão ser desenvolvidas com a utilização dos materiais obtidos, podendo contar também com linhas e barbantes para dar firmeza ao trabalho. Peça aos estudantes que retomem os conteúdos do capítulo, em especial as esculturas de Frans Krajcberg, e comentem os exemplos do livro. Baseando-se nas criações do artista, eles poderão pensar na realização das próprias esculturas. Auxilie-os a encontrar soluções para suas ideias e estimule-os a testar diferentes possibilidades. É esperado que os estudantes retomem e consolidem os conteúdos, desenvolvendo um diálogo com suas ideias e explorando diferentes materiais na produção.



MODERNA

O que aprendemos

Avaliação processual

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR01; EF15AR02

1. Relembre os estudantes das aulas expositivas e dos exemplos de natureza-morta das obras de arte vistos no primeiro capítulo. Caso tenham dificuldade para responder à questão, recorrendo apenas à memória, sugira que localizem a resposta no livro. Aproveite para trabalhar a familiaridade dos estudantes com perguntas de múltipla escolha. Chame a atenção para as alternativas com a palavra “apenas” explicando que, mesmo que haja exemplos de natureza-morta na pintura e na escultura, a presença dessa palavra na frase significa que a alternativa exclui outras possibilidades, o que não se verifica na prática, já que há exemplos de natureza-morta tanto na pintura, quanto na escultura e na fotografia.
2. Peça aos estudantes que localizem a reprodução da obra no livro, utilizando as informações contidas no título. Eles devem procurar pelos elementos destacados: peras e nectarinas. Ao localizar a obra, devem ler a legenda. O conteúdo *legendas* foi introduzido no primeiro ano. É desejável que a leitura de legendas se torne um hábito para os estudantes, tanto na leitura das obras de arte presentes no livro, quanto em visitas a exposições. Espera-se que eles saibam identificar a legenda de cada obra e localizar as informações para responder à questão.
3. Caso eles tenham dificuldades em retomar a relação entre as cores primárias e secundárias, sugira que consultem o capítulo do livro em que o conteúdo é tratado.

O que aprendemos

Olá! Agora você fará algumas atividades e descobrirá que já aprendeu muitas coisas!

- 1 A natureza-morta é um gênero presente:
 - a) no teatro.
 - b) apenas na pintura.
 - c) apenas na escultura.
 - d) na pintura, em fotografias e na escultura.

- 2 Quais foram os materiais utilizados na obra *Natureza-morta com peras e nectarinas*, dos artistas Claes Oldenburg e Coosje van Bruggen?



CORTESIA DE OLDENBURG VAN BRUGGEN STUDIO
© 2002 CLAES OLDENBURG AND COOSJE VAN BRUGGEN - MUSEU ALTO DE ARTE, ATLANTA, EUA

Plástico reforçado com fibra e epóxi fundido e tinta automotiva.

- 3 Preencha os espaços com as cores que faltam e escreva as legendas.

- a)  +  =
azul + amarelo = verde
- b)  + = 
vermelho + azul = violeta
- c) +  = 
vermelho + amarelo = laranja




Explique para o professor como você descobriu as respostas.


40

Sugestão de atividade de remediação

Organize os estudantes em grupos. Separe livros com reproduções ou imprima imagens de obras de arte com legendas da internet. Escreva em uma folha diferentes perguntas relacionadas a informações possíveis de serem encontradas nas legendas: “Qual é o nome do artista que fez essa obra?”; “Em que local ela foi produzida?”; “Onde está em exposição?”; “Qual é o tamanho da obra?”; “De que material é feita?”; “Qual é o título da obra?”; entre outras perguntas. Recorte e dobre as questões e coloque em uma caixinha ou saquinho para realizar um sorteio. Cada grupo vai sortear uma pergunta e dar a resposta. No final da atividade, eles deverão mostrar para a turma como encontraram as informações das perguntas. Essa atividade pode ser repetida trocando as obras de cada grupo e fazendo outras rodadas de sorteio.

-  **4** No capítulo 2, você realizou uma atividade explorando diferentes posturas, como se fosse uma escultura, com a ajuda de um colega que ia movimentando partes do seu corpo. Agora, em dupla, relembrem essa atividade e criem uma nova sequência de movimentos, inspirada nas posturas executadas anteriormente. Depois, faça um desenho para registrar suas sensações durante essa experiência.

Desenho pessoal.

-  **5** Artistas como Frans Krajcberg usam sua obra para chamar a atenção para questões importantes, como a destruição do ambiente, e, dessa maneira, transformar a sociedade. Faça um desenho que chame atenção para algo que você gostaria de transformar.

Desenho pessoal.

HABILIDADES DA BNCC EF15AR04; EF15AR09

- 4.** Separe os estudantes em duplas e peça que relembrem algumas posturas que foram criadas na atividade da página 33. Se quiser, coloque uma música para acompanhar a movimentação deles. Peça que incluam essas posturas em uma sequência de movimentos como uma dança. Dê indicações para que eles se lembrem dos tipos de deslocamento que podem explorar: movimentos leves e pesados, lentos e rápidos, retos ou sinuosos. Verifique se exploram diferentes direções e amplitudes de movimento. Observe também como eles se apropriam da nova instrução na movimentação da dança.
- 5.** Proponha uma conversa com a turma levantando e discutindo possibilidades temáticas e estéticas. Avalie observando de que forma os estudantes escolheram os elementos para representar o tema do desenho e que recursos estéticos utilizaram: Foram usadas as cores exploradas no capítulo 1? Ocuparam todo o espaço da página? Deram preferência a formas abstratas?

O objetivo da avaliação não é julgar a maneira de fazer, mas compreender de que modo o estudante trabalha os elementos estéticos, realizando uma escolha pessoal. Peça a cada um que comente o próprio desenho, explicando seu processo criativo. Dialogue durante o comentário, de modo a ajudá-lo a se apropriar de suas escolhas e elaborá-las verbalmente.

Capítulo 3: Arte pré-colombiana

Introdução

O capítulo aborda as civilizações asteca, maia e inca, apresentando para os estudantes aspectos históricos, geográficos e artístico-culturais dos povos pré-colombianos. São explorados em fotografias e reproduções os objetos do cotidiano, a arquitetura, as pinturas murais e os instrumentos musicais.

As atividades têm como objetivo consolidar a apreensão de novos conteúdos e propor reflexões, valorizando a diversidade estético-cultural e a história dos povos.

No final do capítulo, os estudantes serão convidados a recriar e recontar lendas, com base na temática dos fenômenos naturais, ressignificando os aprendizados e explorando aspectos gestuais e narrativos.

Objetivos do capítulo

- Conhecer as civilizações asteca, maia e inca, identificando seus contextos cultural, artístico e geográfico.
- Identificar e apreciar algumas técnicas e procedimentos artísticos nas obras visuais dos povos pré-colombianos.
- Explorar procedimentos, narrativas e elementos de linguagens, inspirados na arte e na cultura pré-colombianas, ressignificando-os em seu contexto, de modo individual e coletivo.

Competências favorecidas

Competências gerais

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica de Linguagens

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competências específicas de Arte

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- **(EF15AR13)** Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
- **(EF15AR20)** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais

e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

- **(EF15AR21)** Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
- **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
3	22	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 42-43
	23	Leitura dialogada dos textos “As civilizações pré-colombianas” e “Maías, astecas e incas”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 44-48
	24	Leitura dialogada do texto “Astronomia nas civilizações pré-colombianas”. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 49-50
	25	Leitura dialogada do texto “Instrumentos musicais pré-colombianos”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 51-52
	26	Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 53
	27	Finalização da atividade da seção Mãos à obra com a apresentação da lenda.	p. 53

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR25

Neste capítulo, serão abordados elementos da cultura e da arte presentes nas sociedades pré-colombianas, em seu contexto histórico, social e geográfico, com o objetivo de aproximar os estudantes de matrizes culturais diversas e de outros modos de compreensão estética e artística. Também são trabalhados aspectos da oralidade, explorando conexões narrativas entre o passado e o presente.

Explique para os estudantes que os povos que serão estudados neste capítulo habitaram o continente americano há milhares de anos, antes da chegada dos colonizadores europeus. Peça que se reúnam em grupos e localizem no livro o mapa da página 44, com os países da América Latina. Eles deverão ler em voz alta o nome dos países destacados no mapa, revezando entre si, para que todos tenham a oportunidade de participar da leitura. Solicite aos grupos que anotem em uma folha avulsa, ou no caderno, o nome dos países desconhecidos por eles. Depois, peça que anotem o nome dos países conhecidos, ou dos quais já ouviram falar, e escrevam em poucas palavras o que sabem sobre eles (algum prato típico, uma música, um artista, etc.) ou em que contexto ouviram falar dele (na TV, no rádio, em algum comentário de alguém conhecido etc.).



LEGACYPIRE/SHUTTERSTOCK

Capítulo

3

Arte pré-colombiana

Ruínas da cidade inca de Machu Picchu, Peru. Fotografia de 2019.

42

- ▶ Ao final, peça a todos os grupos que compartilhem suas respostas e troquem informações. É importante aprender uns com os outros. Intervenha acrescentando ou corrigindo informações, sempre que necessário. Explique para a turma que, na época dos povos pré-colombianos, essas fronteiras não existiam. Esclareça também que muitos elementos presentes atualmente na cultura desses países têm suas raízes na história dos povos que vão estudar.



1. Mostra uma cidade em ruínas sendo visitada por muitas pessoas.
2. Ficam no alto das montanhas.
3. Espera-se que o estudante entenda que a cidade foi construída por algum povo muito antigo. A cidade está em ruínas por ter sido abandonada.

O que eu vejo

 Converse com os colegas.

1. O que esta imagem mostra?
2. Onde ficam as ruínas da imagem?
3. Quem construiu esta cidade? Por que será que ela está em ruínas?

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Peça aos estudantes que observem com atenção a imagem do entorno das ruínas de Machu Picchu e imaginem as possíveis técnicas utilizadas na construção dessa cidade. Oriente-os a responder às questões com base no próprio repertório, antes de ler a legenda. Comente que Machu Picchu está situada a 2.400 metros de altitude e é considerada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. As ruínas foram descobertas em 1911 por um arqueólogo estadunidense chamado Hiram Bingham (1875-1956).

Pergunte a eles se recordam outros monumentos ou patrimônios culturais estudados em outros anos. Por exemplo, fale dos mamulengos, estudados no 2º ano, e de danças como o fandango e o carimbó, estudadas no ano anterior. Reforce o conceito de patrimônio cultural como algo pertencente a um povo ou a uma comunidade, podendo ser material ou imaterial. Pergunte quais dos exemplos citados, incluindo as ruínas de Machu Picchu, são patrimônios materiais e quais são imateriais.

Orientações e comentários das atividades

1. Os estudantes devem responder às perguntas antes de ler a legenda da fotografia. Encaminhe de modo que percebam que se trata de uma cidade em ruínas construída no alto das montanhas.
2. Permita que se manifestem livremente. Ouça suas hipóteses. Comente que a cidade inca de Machu Picchu foi construída nas montanhas da cordilheira dos Andes e se localiza próximo da cidade de Cusco, no Peru.
3. Explique aos estudantes que a cidade foi construída pelo povo inca, uma civilização milenar, que habitava aquela região, antes da chegada dos europeus à América. Machu Picchu ficou em ruínas porque foi abandonada pelos incas com a chegada dos espanhóis àquele território.

Sugestão de atividade complementar

Além da imagem de Machu Picchu, se possível, disponibilize para os estudantes (ou oriente-os a pesquisar na internet) imagens de ruínas de outras civilizações espalhadas pelo mundo. Comece a aula mostrando algumas dessas imagens (ou as pesquisadas por eles) e proponha questões como: “O que vocês veem nas imagens?”; “O que elas têm em comum?”; “Em que época vocês acham que essas construções foram feitas?”; “Em que locais do mundo foram construídas?”; “Essas imagens despertam sua curiosidade ou algum outro tipo de sensação?”; “Vocês têm vontade de visitar esses lugares?”.

As civilizações pré-colombianas

HABILIDADE DA BNCC EF15AR25

Atente para o fato de que as culturas das civilizações pré-colombianas são pouco estudadas nas escolas brasileiras. É preciso que os estudantes as conheçam minimamente antes de compreenderem a arte desenvolvida por elas. Explique que essas civilizações são classificadas em dois grupos, segundo um critério geográfico: as da Mesoamérica e as dos Andes.

Informe aos estudantes que muitos pesquisadores denominam Mesoamérica a região que inclui os territórios atuais de Guatemala, El Salvador, Belize, sul do México e porções ocidentais de Nicarágua, Honduras e Costa Rica. Nessa região, surgiram povos bastante distintos, com conhecimentos complexos, como os olmecas, os maias e os astecas. Apesar da diversidade de crenças e culturas, há alguns elementos comuns entre esses povos, por exemplo, o milho como base da alimentação, a construção de pirâmides e o uso de calendários. Leve para a sala um mapa das Américas e peça aos estudantes que acompanhem no mapa do livro os locais mencionados.

As civilizações pré-colombianas

Antes da chegada dos colonizadores europeus, o continente americano era habitado por civilizações que já tinham conhecimentos avançados em várias áreas. Essas civilizações já haviam desenvolvido sistemas matemáticos, possuíam formas de escrita e calendários de enorme precisão e já haviam construído centros urbanos amplos, alguns maiores que cidades da Europa daquela época.

Esses povos foram chamados de **pré-colombianos** porque já habitavam as Américas antes da chegada de Cristóvão Colombo, em 1492.

Eles viveram em diversas partes do continente americano, como nos lugares onde atualmente estão México, Honduras, Equador, Peru etc. Observe no mapa a localização desses países e depois leia sobre a cultura e a arte de algumas dessas civilizações pré-colombianas.



Maias, astecas e incas

A **civilização maia** se desenvolveu na região das florestas tropicais dos atuais territórios de Guatemala, Honduras e península de Yucatán, no sul do México, entre 2500 a.C. e 1400 de nossa era.

Os maias dominavam complexos sistemas matemáticos e de escrita, e realizavam avançados cálculos astronômicos.

Além de construtores – ergueram pirâmides, palácios e templos –, os maias eram grandes artistas. Produziam esculturas e peças de cerâmica, e criaram cenas de **pintura mural** sobre vários temas: religiosos, culturais, históricos, momentos do cotidiano etc.



GLOSSÁRIO

Pintura mural: pintura, em geral de grandes proporções, realizada sobre muro ou parede.

Civilização maia. Detalhe de pintura mural que mostra músicos tocando em representação teatral. Século 9. Afresco. Templo localizado no sítio arqueológico Bonampak, no atual estado de Chiapas, México.

- 1 Observe com atenção a fotografia do mural, sem ler a legenda. O que está representado na pintura?

Homens tocando instrumentos musicais. Alguns estão com máscara.

- 2 Se você fosse representar uma cena ou um acontecimento em um mural para que ficasse registrado por muito tempo, qual seria? Faça um desenho representando sua escolha. Depois, reúna-se com os colegas para criar uma pintura mural na sala.

Desenho pessoal.

Maias, astecas e incas

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR04; EF15AR25

Informe aos estudantes que, antes da chegada dos europeus à América, as civilizações pré-colombianas mantinham assentamentos permanentes (inclusive urbanos), praticavam a agricultura e tinham uma especial preocupação com a arquitetura de suas edificações. Algumas delas já tinham desaparecido quando os europeus chegaram, e o que conhecemos delas hoje se deve ao trabalho de arqueólogos e a relatos históricos de civilizações contemporâneas. Os registros escritos dos maias, por exemplo, foram destruídos pelos cristãos, que os consideravam heréticos.

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção para os instrumentos e o rosto das figuras humanas na imagem. Pergunte aos estudantes se imaginam o que as máscaras representam. Mostre também os adereços. Depois, peça a eles que leiam a legenda da imagem, confirmando que se trata de uma representação teatral.
2. Sugira aos estudantes que comentem as atividades que realizam no dia a dia, tais como brincadeiras, refeições em família etc. Estimule-os a falar sobre acontecimentos esporádicos, como festas e comemorações ou apresentações artísticas e eventos esportivos que tenham importância para eles. Para a confecção do mural, tente reunir os grupos de acordo com os temas que surgirem.

Para a realização do mural, afixe algumas folhas de papel *Kraft* nas paredes, em altura compatível com o tamanho das crianças para que experimentem pintar de pé. Organize os estudantes em grupos para conversar entre si e decidir o tema do mural. Pode ser uma apresentação musical, inspirada no mural mostrado na página do livro, ou qualquer outro tema que eles queiram registrar com os desenhos, tais como brincadeiras, uma festa de aniversário, uma apresentação de teatro ou dança, um jogo de futebol etc. Peça aos grupos que façam um esboço da cena e, em seguida, organizem-se para pintar as partes do mural. Ao final, os grupos poderão circular pela sala para apreciar os murais realizados pela turma.

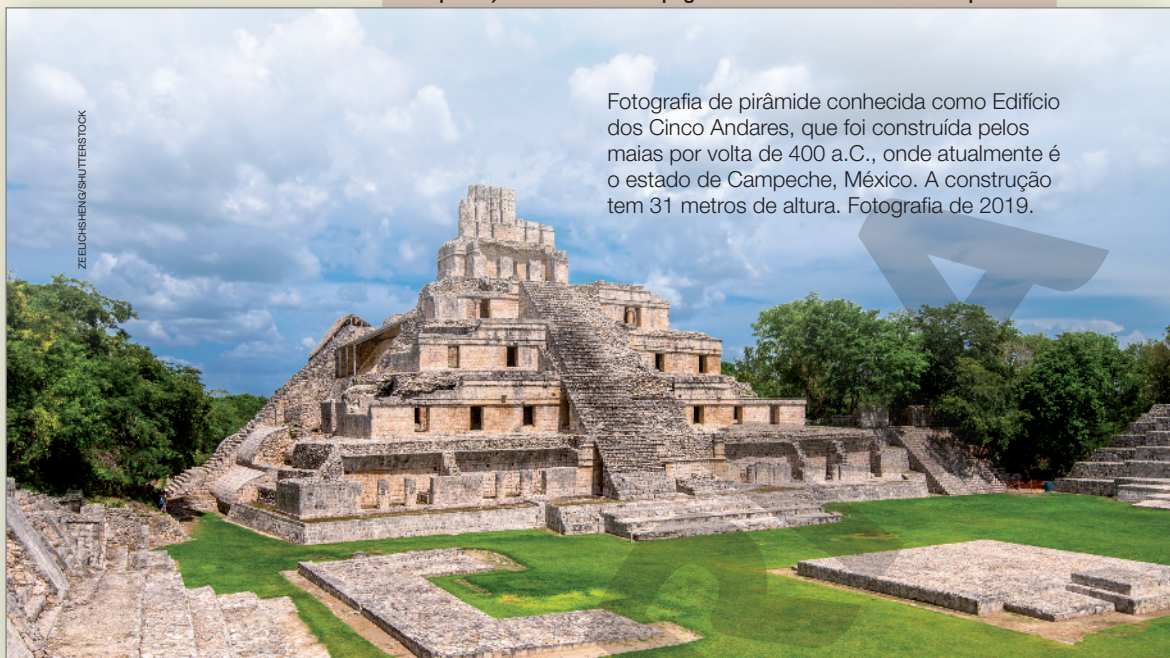
Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Explique aos estudantes que a terracota é uma argila cozida em forno, de cor semelhante à da terra, de baixa resistência mecânica (quebra-se com facilidade) e alta porosidade (apresenta grande quantidade de pequenos furos na superfície). É muito usada na produção de tijolos, telhas, cerâmicas, vasos e monumentos. O termo *terracota* é de origem italiana e também se refere aos objetos feitos desse material.

Essa técnica foi muito utilizada na manufatura de obras de arte em diversos períodos históricos, entre eles os períodos grego e chinês antigos. Mencione as famosas estátuas chinesas de terracota da dinastia Qin (221 a.C.-207 a.C.), conhecidas como *Guerreiros de Xi'an*. Esse conjunto de esculturas é formado por quase 7 mil peças que retratam soldados em tamanho natural, com suas armas e vestes militares, cada qual com fisionomia própria. Essa obra foi encomendada pelo imperador Qin Shi Huangdi. Se possível, leve a imagem de uma dessas esculturas para a sala de aula e mostre-a aos estudantes.



Fotografia de pirâmide conhecida como Edifício dos Cinco Andares, que foi construída pelos maias por volta de 400 a.C., onde atualmente é o estado de Campeche, México. A construção tem 31 metros de altura. Fotografia de 2019.

Aproximadamente no ano 1400, a civilização maia estava quase extinta.

Entre 1300 e 1600, os **astecas** formaram um império que ia da região onde hoje se localiza a Guatemala até o México. A capital desse império, chamada Tenochtitlán, foi fundada em 1325 e possuía uma população de milhares de habitantes.

Eles construíram enormes pirâmides, que eram utilizadas, entre outras finalidades, para cultos religiosos.

Os astecas, assim como os maias, desenvolveram conceitos matemáticos e de astronomia. Foram também excelentes artistas.

O império asteca começou a ser destruído com a invasão dos espanhóis, em 1519. Após o domínio espanhol, no lugar de Tenochtitlán foi construída a Cidade do México.

ON DIXON/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES - EDIMBURGO, REINO UNIDO



Civilização asteca. Pote em formato de cão da raça techichi. 300-900. Terracota, 11,5 cm de altura. Museu Real da Escócia, Edimburgo, Escócia.

46

BOLTIN PICTURE LIBRARY/BRIDGEMAN IMAGES/ KEYSTONE BRASIL - COLEÇÃO PARTICULAR



Civilização asteca. Pingente de ouro de Deus Pássaro Asteca. Cerca de 1500. Ouro, 5 cm de altura. Coleção particular.

GLOSSÁRIO

Terracota: material produzido com argila cozida em forno.

O cão techichi

O pote da fotografia é a representação de um cão da raça techichi. Esses cães eram criados pela civilização tolteca, que vivia no território do atual México antes dos astecas. Depois de algum tempo, também os astecas passaram a criar esses animais. Naquela época, era comum fabricar potes em formato de animais. Segundo estudiosos, os cães techichi deram origem aos cães da raça chihuahua, hoje conhecida no mundo todo e muito popular no cinema. Cães dessa espécie “protagonizam” os filmes da série *Perdido pra cachorro*, possivelmente conhecidos pelas crianças.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR04

Pirâmide do sítio arqueológico de Teopanzolco, na cidade de Cuernavaca, no atual estado de Morelos, México. Ela foi erguida pelos astecas entre os séculos 14 e 16. Tinha cerca de 30 metros de altura.

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES



- 1** Você já viu construções desse tipo antes? Onde?

Respostas pessoais.



- 2** Se você pudesse construir um edifício no formato que desejasse, como ele seria? Faça um desenho representando sua construção.

Desenho pessoal.

47

Faça uma pesquisa sobre estilos arquitetônicos diversos, incluindo construções modernas e contemporâneas, e apresente as informações para a turma. Converse com os estudantes sobre as diferentes funções de uma construção. Faça perguntas: “Além de abrigar, as construções apresentam um caráter estético?”; “Os monumentos, por exemplo, têm algum caráter simbólico?”; “Por que algumas construções se destacam pelo tamanho?”.

Estimule-os a pensar em uma função para a construção que será criada por eles. A construção teria função religiosa? Seria um museu? Um prédio empresarial? A construção abrigaria alguma instituição que cuide dos direitos humanos? A sede de uma entidade voltada para crianças?

O desenho é individual, porém será mais proveitoso organizar a turma em duplas ou pequenos grupos para que eles conversem entre si e colaborem com a criação uns dos outros.

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção dos estudantes para o formato em pirâmide das construções dos maias e astecas. Pergunte se já viram construções semelhantes. Apresente imagens com exemplos menos convencionais de modelos arquitetônicos de épocas diferentes: construções antigas, modernas e contemporâneas.
2. Retome os exemplos mostrados anteriormente e estimule os estudantes a usar a imaginação ao criar o edifício. Ressalte que é importante que o prédio tenha portas e janelas.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Muitas peças pré-colombianas eram feitas de metais preciosos, como o adereço de cabeça desta página. Em Bogotá, na Colômbia, existe o Museu do Ouro, que preserva artefatos que contam a história do ouro entre os povos pré-colombianos. Esse museu explica as técnicas de feitura de cada objeto e suas simbologias de maneira bastante rica e organizada.

Comente com os estudantes que na construção da fortaleza de Sacsayhuaman, em Cusco, no Peru, as pedras foram cortadas e encaixadas com tanta precisão que nem mesmo a lâmina de uma faca passa entre elas. Há suposições de que, além de fortaleza militar, o edifício poderia ter sido um centro religioso. A principal característica dessa edificação é o tamanho gigantesco dos blocos de pedra que a formam, alguns com mais de nove metros de altura. Estima-se que 20 mil homens tenham trabalhado em sua construção por cerca de cinquenta anos.

O **império inca** foi o maior da América pré-colombiana e se estabeleceu na região onde hoje estão Peru, Colômbia, Equador, Bolívia, Chile e Argentina, entre os anos 3000 a.C. e 1500. A capital do império era a cidade de Cusco.

Os incas ergueram belas cidades, mesmo habitando regiões montanhosas onde era grande a dificuldade para construir. Um exemplo disso é a cidade de Machu Picchu, cujas ruínas são mostradas na fotografia de abertura do capítulo.

Na arte, os incas destacaram-se por seus **artefatos** de ouro e prata, como esculturas de animais e de deuses.

Em 1533, os espanhóis dominaram Cusco. Eles se apoderaram de todos os objetos de ouro e prata da cidade. A partir dessa época, o império inca começou a desaparecer.



CARLOS E. SANTA MARIA/SHUTTERSTOCK - COLEÇÃO PARTICULAR

Civilização inca. Adereço de cabeça. 200-300. Ouro, 23 cm de altura. Coleção particular.



WERNER FORMAN/GETTY IMAGES - MUSEU DE ARTE DE DALLAS, DALLAS, EUA

Civilização inca. *Parat* (espécie de peitoral). 1430-1532. Tecido de lã de alpaca e placas de ouro, 46 cm de altura. Museu de Arte de Dallas, Dallas, EUA.

GLOSSÁRIO

Artefato: objeto feito à mão ou industrialmente.

Detalhe do encaixe de pedras gigantes em uma parede das ruínas da fortaleza inca Sacsayhuaman, em Cusco, Peru. Fotografia de 2019.



ELISE VONWINKLE/SHUTTERSTOCK

48

Sugestão de atividade complementar

Oriente os estudantes a pesquisar na internet imagens da Plaza de la Constitución, no centro histórico da Cidade do México. A praça mescla, nas construções, elementos da civilização asteca com traços incorporados dos europeus.

Astronomia nas civilizações pré-colombianas

As civilizações pré-colombianas foram além das belas construções arquitetônicas e da criação de refinados objetos de ouro e prata, e desenvolveram também avançados estudos astronômicos.

Maias

Os maias começaram a observar o céu e os fenômenos celestes movidos pela religiosidade. Essas observações lhes permitiram descobrir que a Terra completa seu ciclo ao redor do Sol em 365 dias. Isso ficou registrado em seus calendários.

Conseguiram também calcular a duração dos ciclos lunar e solar e sabiam prever a ocorrência de eclipses.



Conhecido como “O caracol”, esse observatório astronômico tem 13 metros de altura sem considerar a base. Está localizado no sítio arqueológico de Chichén Itzá, no atual estado de Yucatán, México. Os astrônomos maias usavam essa construção para observar os movimentos da Lua e do planeta Vênus. Fotografia de 2019.

Astecas

A astronomia dos astecas estava ligada ao que conhecemos atualmente como astrologia.

Um dos calendários astecas tinha 260 dias e não era baseado nos movimentos solares ou lunares, mas representava as divindades. Cada período de 13 dias era regido por uma divindade.

GLOSSÁRIO

Astrologia: estudo da influência dos astros na vida das pessoas.

Sugestão de atividade complementar

Proponha aos estudantes a elaboração de um calendário com uma maneira alternativa de marcar o tempo. Eles devem escolher os elementos que julgarem significativos para marcar os períodos de tempo. Por exemplo: podem marcar o tempo de quatro em quatro anos, de acordo com a realização da Copa do Mundo ou das Olimpíadas. Enfatize que o importante é haver lógica e organização no calendário que será criado.

Quando tiverem finalizado a produção, sugira que organizem uma exposição dos calendários criados por todos.

Astronomia nas civilizações pré-colombianas

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Informe aos estudantes que os astecas eram muito ligados à natureza; sendo assim, observavam com atenção os fenômenos naturais e, com base neles, criaram uma maneira de marcar o tempo.

Os astecas desenvolveram um calendário próprio e contavam o tempo de maneira diferente da que contamos na atualidade.

HABILIDADES DA BNCC**EF15AR01; EF15AR25****Sugestão de atividade complementar**

Comente com os estudantes que existem muitos mistérios sobre a história de Machu Picchu que despertam a curiosidade de pessoas do mundo inteiro. Essa curiosidade faz com que atravessem grandes distâncias para caminhar pelas trilhas incas, conhecer as ruínas da cidade e imaginar como viveu o povo que habitou aquele lugar.

Após as explicações sobre Machu Picchu, proponha aos estudantes que imaginem uma cidade desabitada e conversem sobre como teria sido o modo de vida nesse lugar. Em seguida, peça a cada um que crie um desenho com base nessa conversa. Reforce que o objetivo da atividade não é desenhar Machu Picchu e suas ruínas com precisão, mas registrar graficamente as primeiras ideias e sensações ao imaginar uma cidade sem habitantes.

Os astecas também tinham um calendário de 365 dias, chamado Xihpohualli ou Pedra do Sol, que era empregado nas práticas agrícolas e nos festivais religiosos.

Incas

A construção de Machu Picchu no alto das montanhas permitiu aos incas fazer variadas observações astronômicas.

Em Cusco, capital do império, encontra-se a Intihuatana, uma espécie de altar entalhado em pedra. Ela servia de instrumento científico para as observações astronômicas e cálculos meteorológicos.

Os incas usavam as observações da Via Láctea, que chamavam de “rio celestial”, para prever o clima e conheciam com precisão os **solstícios**.

A Intihuatana tem 1 m de altura e 2 m de diâmetro. Na parte superior, há uma pedra retangular. Ela é voltada para o nascer do Sol e projeta sombras em relação ao movimento do Sol e às diferentes estações do ano. Fotografia de 2017.



AR STUDIO/SHUTTERSTOCK – MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, CIDADE DO MÉXICO, MÉXICO

Civilização asteca. Pedra do Sol. 1502-1520. Baixo-relevo em pedra (basalto), 3,58 m de diâmetro. Museu Nacional de Arqueologia, Cidade do México, México.

GLOSSÁRIO

Solstício: cada uma das duas ocasiões do ano em que o Sol alcança o maior grau de afastamento angular da linha do Equador.



PAULA JONES/GETTY IMAGES

Instrumentos musicais pré-colombianos

Outra arte desenvolvida pelos maias, astecas e incas foi a música. Pelas pinturas e baixos-relevos que restaram, podemos observar os instrumentos musicais que essas civilizações conheciam.

Alguns desses instrumentos foram encontrados e pesquisados. Desse modo, foi possível saber os sons que produziam, mas até agora nenhuma **notação musical** foi encontrada para que as melodias pudessem ser reproduzidas.

A música desempenhava um importante papel nos rituais, nas apresentações teatrais e nas cerimônias públicas.

GLOSSÁRIO

Notação musical:

é a representação gráfica dos sons, como em uma partitura.



Civilização maia. Detalhe de pintura mural (afresco) do ano 900, no sítio arqueológico de Bonampak, estado de Chiapas, México. A imagem mostra músicos tocando em uma manifestação religiosa. A pessoa que se encontra quase no centro da cena está tocando um tambor de terracota. Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México, México.

Os instrumentos musicais encontrados em sítios arqueológicos eram trombetas feitas de terracota ou de chifre de animais; maracás de cabaça; tambores de cerâmica, de madeira e couro de animais; flautas, ocarinas e flautas-apito de chifre, de casco de tartaruga e de cerâmica.

51

Sugestão de atividade complementar

Promova na sala de aula uma sessão audiovisual com alguns vídeos do grupo musical Raíces de América, que gravou canções latino-americanas nos anos 1980. O objetivo é que os estudantes tomem contato com as sonoridades latinas e se familiarizem com elas. Os instrumentos utilizados pelo grupo herdaram muitas características dos instrumentos pré-colombianos que eles conheceram no capítulo. Dê preferência aos vídeos de *shows*, para que visualizem no palco os instrumentos tocados pelos músicos. O grupo Raíces de América era formado por músicos de várias nacionalidades latino-americanas, incluindo brasileiros, e teve várias formações, fato que originou temáticas históricas em muitas de suas canções.

Instrumentos musicais pré-colombianos

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR13; EF15AR25

Faça uma leitura dialogada do texto e pergunte aos estudantes em que outros momentos eles já ouviram falar de notação ou registro musical. Espera-se que eles mencionem as atividades da seção **Muscando** em que são convidados a criar legendas para diferentes sons como uma maneira de registrá-los. Além disso, espera-se que se lembrem de outras atividades dos livros anteriores, em que criaram desenhos para registrar sonoridades. Os estudantes terão contato com notação musical convencional no 5º ano. Contudo, é interessante que se familiarizem com as possibilidades de registro não convencional e comecem a refletir sobre o tema, de modo a facilitar a compreensão do conteúdo que será trabalhado posteriormente.

Projeto Sons de América

Em 2005, um grupo de pesquisadores chilenos e argentinos criou um projeto chamado Sons de América para analisar os sons pré-colombianos e fazer o registro audiovisual desses sons. O grupo viajou por vários países latino-americanos, entre eles México, Guatemala, Chile, Bolívia e Peru, mas seus membros dizem ter sido no Equador, onde criaram uma sede do projeto, que encontraram os instrumentos mais interessantes e em perfeito estado de conservação.

Além de valorizar a cultura antiga do continente latino-americano, o objetivo do projeto foi fazer o registro de instrumentos que só existiram naquela região, como as garrafas-apito. É comum os membros de uma comunidade, uma cultura ou um país tomarem a iniciativa de preservar suas raízes culturais.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR13; EF15AR25

Comente com os estudantes que a *lutheria* é a arte de fabricar e consertar instrumentos musicais. O profissional que desempenha essa função é o *luthier*, a quem cabe analisar o tipo de material que será utilizado no instrumento e escolher a técnica a ser empregada para a sua confecção, manutenção ou restauração, além de saber qual é o melhor acabamento para cada um deles.

Para tornar-se um *luthier*, é preciso fazer um curso técnico com duração de três anos, que atualmente é ministrado apenas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A existência de cursos profissionalizantes nessa área é ainda muito nova e há poucos profissionais formados no mercado. Embora seja uma profissão técnica, o curso de *luthier* abrange disciplinas de diversas áreas, como química, música, arte, desenho, história da arte, educação, além de outras habilidades técnicas, como eletricidade, eletrônica, computação, entalhe e restauração.

O *luthier* em geral trabalha na manutenção e no restauro de instrumentos musicais, mas esse profissional pode atuar também como consultor, vendedor ou prestador de serviços em lojas ou importadoras de instrumentos.

Os instrumentos mostrados a seguir foram feitos de terracota, que é a argila moldada e às vezes colorida com alguns minerais ou **sumo** de plantas e, depois, queimada em alta temperatura para se tornar mais resistente.



ART RESOURCE/PHOTO SCALA, FLORENÇA - MUSEU DE ARTE METROPOLITANO, NOVA YORK, EUA

Flauta-apito pré-colombiana. 700-900. Terracota, 20,6 cm de altura. Museu de Arte Metropolitano, Nova York, EUA.



PHOTO SCALA, FLORENÇA - MUSEU DE ARTE METROPOLITANO, NOVA YORK, EUA

Flauta-apito pré-colombiana. 900-1521. Terracota, 5,3 cm de diâmetro. Museu de Arte Metropolitano, Nova York, EUA.



PHOTO SCALA, FLORENÇA - MUSEU DE ARTE METROPOLITANO, NOVA YORK, EUA

Flauta-apito pré-colombiana. 300-1200. Terracota, 7,4 cm de altura. Museu de Arte Metropolitano, Nova York, EUA.

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1 Você já tinha ouvido falar dos maias, astecas e incas? O que chamou mais sua atenção nas construções realizadas por eles reproduzidas neste livro?

Respostas pessoais.



- 2 Se você fosse um *luthier* e precisasse fabricar uma flauta-apito parecida com as reproduzidas nas fotografias, que formato escolheria? Desenhe.

Desenho pessoal.

GLOSSÁRIO

Sumo: suco, caldo.

Luthier: pessoa especializada na fabricação e no reparo de instrumentos musicais.

52

Orientações e comentários das atividades

1. Incentive os estudantes a comentar as ruínas das cidades incas, maias e astecas. Estimule-os a imaginar como seriam aqueles lugares quando eram habitados. Faça perguntas: "Com que materiais os edifícios eram construídos?"; "A disposição interna das construções seria como a das atuais, com sala, cozinha, quarto, banheiro?"; "Será que os revestimentos das paredes tinham cor?". Chame a atenção também para os murais e os objetos produzidos por essas civilizações. Peça que identifiquem os principais temas representados nos murais.
2. Os estudantes deverão reconhecer o formato de animal das flautas-apito. Pergunte quais são seus animais favoritos. Diga que podem se basear nas características desses animais para criar seres imaginários, se desejarem.

Mãos à obra



Os maias, astecas e incas, assim como outros povos antigos, criaram mitos e lendas para compreender o surgimento do mundo e descrever os fenômenos da natureza.

Que tal formar um grupo e pesquisar mitos e lendas de diferentes povos latino-americanos que falem sobre os astros e fenômenos naturais? Assim vocês poderão criar uma lenda e contar para a turma. O professor ajudará com as orientações.



O professor apresentará várias lendas e toda a turma escolherá uma delas para ser lida em voz alta por ele. Todos deverão prestar muita atenção na leitura.



Reúna-se com seu grupo para conversar sobre a lenda e criar uma nova. Façam anotações e escrevam a história, criando também as personagens.



Utilizem papéis e outros materiais para confeccionar máscaras que representem as personagens da lenda. Depois de colorir e recortar, as máscaras serão utilizadas para contar a história.



Depois de tudo pronto, apresentem a lenda para toda a turma.

ROBSON OLIVEIRA

53

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR20; EF15AR21

Pesquise com antecedência lendas e mitos de diferentes povos latino-americanos que façam referência a astros ou outros elementos naturais. Escolha uma delas para ler para a turma. Após a leitura, pergunte quais são as personagens que aparecem, peça que identifiquem os principais acontecimentos e descrevam o cenário. Comente que esses elementos sempre devem aparecer quando contamos uma história.

Nas lendas, animais e outros seres costumam interagir com os seres humanos. Chame a atenção da turma para isso. Pergunte se na lenda escolhida os animais têm características humanas, por exemplo: “Eles falam? Têm sentimentos?”.

Organize a turma em grupos e sugira a cada grupo que escolha um astro, fenômeno ou elemento da natureza para contar uma história sobre ele. Eles podem escolher o Sol, a Lua, um animal, a água, uma planta, a Terra etc. Outras personagens podem aparecer, mas um desses elementos deverá ser o protagonista da história. Peça a cada grupo que crie por escrito uma história curta, contando a trajetória da personagem escolhida ou um acontecimento em que ela esteja envolvida.

Depois, disponibilize papéis coloridos, jornais e revistas para recortar, e material para colorir e pintar. Peça aos grupos que façam máscaras das personagens da história, que serão usadas na representação. As máscaras podem ser fixadas no rosto com um elástico preso às laterais. Estimule-os a destacar a cor e uma característica marcante da personagem. Solicite que façam esboços, antes da confecção das máscaras, para que planejem como vão usar os materiais e para que você possa auxiliá-los em suas escolhas.

- Disponibilize um tempo aos estudantes para que brinquem e improvisem usando as máscaras. Peça a eles que pesquisem como essa personagem anda, como fala, que gestos faz. Eles poderão criar uma voz para definir a personagem que vão representar. Peça aos integrantes do grupo que se revezem no uso das máscaras de modo que todos participem. Depois de um tempo improvisando, cada grupo deverá se organizar e definir os papéis. Sugira a um integrante do grupo que fique responsável por narrar a lenda, dando deixas (indicações para entrada das personagens) e fazendo a descrição do cenário.

Ao final, faça uma roda de conversa para que eles possam comentar os aspectos positivos das apresentações. Pergunte o que aprenderam com essa atividade e o que acharam de criar suas próprias lendas.

Conclusão

O capítulo explora questões culturais, sociais e históricas dos povos pré-colombianos maias, astecas e incas. Em conexão com os temas do volume, destacam-se as relações entre esses povos e a natureza, expressas em objetos culturais diversos. É esperado que os estudantes consolidem os conteúdos e estabeleçam conexões com outras culturas, de modo a valorizar tanto as aproximações quanto as diferenças em relação a seu contexto. É também desejado que os estudantes desenvolvam a capacidade de observar e ouvir histórias, usando seus conhecimentos e suas vivências como ponto de partida para criações autorais, tanto individuais quanto coletivas.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante todo o ano letivo, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividade presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação a seguir poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades dos estudantes. No caso de ainda haver dificuldades no final do processo, é sugerida uma atividade de remediação, no final desta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 3

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco
(EF15AR01)	O estudante reconhece os objetos culturais das civilizações apresentadas no capítulo, valorizando a diversidade?			
(EF15AR25)	O estudante compreende e valoriza os objetos culturais apresentados como patrimônio cultural?			
(EF15AR13)	O estudante identifica as funções da música em diferentes contextos (artísticos, sociais, religiosos etc), relacionando com seu próprio repertório?			
(EF15AR04)	O estudante mobiliza o repertório pessoal em suas produções, fazendo comparações com os conteúdos apresentados?			
(EF15AR21)	O estudante utiliza as histórias ouvidas ou lidas como ponto de partida para a criação cênica?			
(EF15AR20)	O estudante trabalha de modo colaborativo no desenvolvimento de gestualidades e narrativas orais, aprendendo também com os colegas?			

Atividade de remediação

Esta atividade deve ser feita em grupo. Os estudantes deverão escolher uma lenda latino-americana e realizar uma pintura mural que represente um momento importante da história. Pesquise e imprima o texto de algumas lendas e disponibilize-os para leitura e escolha dos grupos. Ofereça materiais disponíveis na escola, como papéis, canetas hidrográficas, lápis coloridos, giz de cera e tintas. O suporte da pintura pode ser uma folha de papel *Kraft* ou um papelão grande reaproveitado de alguma caixa. Os estudantes deverão dialogar com o grupo para obter soluções conjuntas. Oriente-os a fazer um esboço para facilitar esse processo. Para terminar, peça a cada grupo que recontem a lenda escolhida e faça comentários sobre a pintura. Espera-se que na execução da atividade os estudantes retomem um dos temas do capítulo, explorando a linguagem visual e estabelecendo um diálogo de maneira propositiva, ao mesmo tempo que acolhem as sugestões dos colegas.



MODERNA

Capítulo 4: Arte pré-colonial

Introdução

O capítulo aborda aspectos das civilizações pré-coloniais no território brasileiro, com a divulgação de registros arqueológicos e técnicas utilizadas em pinturas e esculturas. É apresentada a história do Parque Nacional Serra da Capivara, mostrando a importância do trabalho de preservação para o conhecimento e a valorização dessas culturas.

As atividades têm como objetivo consolidar os conteúdos e propor explorações inspiradas na pintura rupestre, de maneira lúdica, fazendo utilização de materiais naturais e do movimento como elemento da linguagem visual.

No final do capítulo, a seção **Musicando** apresenta o conceito de ritmo e propõe uma exploração coletiva envolvendo ritmo.

Objetivos do capítulo

- Conhecer a arte rupestre e outros aspectos das civilizações pré-coloniais brasileiras.
- Explorar elementos das linguagens em diálogo com as produções artístico-culturais das civilizações pré-coloniais.
- Refletir sobre a importância do patrimônio histórico-cultural e a relevância das culturas indígenas no contexto atual.

Competências favorecidas

Competências gerais

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competência específica de Linguagens

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competências específicas de Arte

3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR02)** Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
- **(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

- **(EF15AR14)** Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
- **(EF15AR15)** Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
- **(EF15AR17)** Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
- **(EF15AR22)** Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
- **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
4	28	Realização da atividade preparatória.	p. 54-55
	29	Leitura dialogada dos textos “Civilizações pré-coloniais” e “Parque Nacional Serra da Capivara”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 56-59
	30	Leitura dialogada do texto “Tintas pré-coloniais”. Realização da atividade da seção Mãos à obra . Realização de atividade complementar (opcional).	p. 60-62
	31	Finalização da atividade da seção Mãos à obra com a exposição dos trabalhos.	p. 62
	32	Leitura dialogada dos textos “As civilizações pré-coloniais brasileiras”, “A cerâmica pré-colonial brasileira” e “A cerâmica marajoara”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 63-66
	33	Leitura dialogada dos textos “A cerâmica santarém”, “A magia dos sapos” e “Sapos na arte”. Realização das atividades do livro. Realização da atividade da seção Mãos à obra .	p. 67-68
	34	Leitura dialogada e realização da atividade da seção Musicando .	p. 69

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR25

Este capítulo dá continuidade ao assunto tratado no anterior, abordando as civilizações pré-coloniais que ocuparam o território onde hoje se localiza o Brasil. São abordadas as pinturas rupestres em sítios arqueológicos no país e as descobertas mais recentes referentes aos povos que habitavam o local na época da colonização europeia. A apresentação de vestígios de civilizações antigas, como pinturas rupestres, artefatos encontrados e técnicas preservadas, tem por objetivo valorizar a diversidade cultural e de matrizes estéticas de povos antigos.

Inspirados nos exemplos, os estudantes serão convidados a explorar elementos dos desenhos, como o movimento, e da pintura, como as tintas feitas de pigmentos naturais.

Pergunte aos estudantes se já ouviram falar da arte rupestre. Comente que o termo *rupestre* se refere a “rocha”, “pedra”. Pergunte, então, se conseguem reconhecer esse material na fotografia e se já viram outros exemplos de arte feita de materiais obtidos da natureza. Estimule-os a se recordarem dos exemplos vistos no capítulo 2 deste volume, em especial, a obra de Frans Krajcberg. Peça que reflitam sobre as semelhanças e diferenças entre as obras, utilizando o próprio repertório e vocabulário.

Capítulo

4

Arte pré-colonial



ANDRÉ DIBPULSAR IMAGENS

54

Comente que, segundo pesquisadores, os petroglifos da fotografia foram feitos por povos extintos em um período entre 2 mil e 5 mil anos atrás. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no Brasil existem mais de 24 mil sítios arqueológicos, localizados em diferentes estados. O Iphan considera sítio arqueológico o local onde se encontram vestígios de ocupação humana, como os que são identificados como cemitérios e locais de estadia prolongada desses povos.



Detalhe de petróglifos da Pedra do Ingá, localizada no sítio arqueológico de Itacoatiara, no município de Ingá, estado da Paraíba. Esse monumento tem 50 metros de comprimento por até 3,8 metros de altura. Fotografia de 2014.

O que eu vejo



Converse com os colegas.

Respostas pessoais.

1. Você já ouviu falar de sítios arqueológicos?
2. Você consegue identificar os desenhos esculpido (petróglifos) nesta imagem? Que desenhos você vê?
3. Na sua opinião, por que as civilizações antigas faziam desenhos como estes?

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Peça aos estudantes que respondam às perguntas da página de abertura e, depois, formem grupos. Cada grupo deverá folhear o livro e olhar com atenção as imagens do capítulo, sem ler os textos e as legendas, neste momento. Eles devem, então, escolher uma das imagens e inventar uma história para ela. Faça perguntas que possam ajudá-los a criar a história: “Como esse objeto foi feito?”; “Quem fez, uma pessoa ou um grupo?”; “Por que ele foi feito?”; “Ele tinha uma função prática, artística ou cerimonial?”. Peça aos grupos que registrem a história no caderno ou em uma folha avulsa, que, nesse caso, será recolhida e guardada. No final, eles devem compartilhar as histórias com a turma. A ideia não é adivinhar a história oficial, mas estimular a observação, a imaginação, a criação de narrativas e a oralidade, utilizando uma proposta lúdica.

Orientações e comentários das atividades

1. Depois de ouvir as respostas, explique aos estudantes que sítios arqueológicos são lugares com vestígios de ocupação de civilizações antigas.
2. Após observarem a imagem, liste as hipóteses dos estudantes e comente que os pesquisadores concluíram que na pedra estão grafadas imagens que representam animais, frutas e seres humanos.
3. Após os estudantes levantarem hipóteses sobre os desenhos, comente que, por não haver escrita naquela época, os desenhos serviam para registrar os fatos.

Civilizações pré-coloniais

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Converse com a turma sobre a profissão de arqueólogo. O profissional formado nessa área pode trabalhar em diferentes campos: museus, igrejas, galerias de arte e bibliotecas, prestando consultoria em ações relacionadas à educação, escavando e recolhendo materiais para pesquisa, fazendo acompanhamento arqueológico em grandes empreendimentos ou atuando com análise e pesquisa em laboratórios. Além disso, o bacharel em conservação e restauro pode trabalhar na preservação de edifícios e obras artísticas. O curso, tecnológico ou universitário, tem duração de 3 ou 4 anos, respectivamente, e é oferecido em nove instituições do país. Em alguns casos, o enfoque do curso é a arte rupestre e a preservação patrimonial. As disciplinas práticas ocorrem em parques naturais e sítios arqueológicos.

Civilizações pré-coloniais

O Brasil foi habitado por várias civilizações antes da chegada dos colonizadores europeus. Por isso, elas são chamadas de **civilizações pré-coloniais**. Essas civilizações tinham o próprio modo de viver e desenvolveram ferramentas, cerâmica, esculturas etc.

Os **arqueólogos** trabalham para tentar descobrir como era o lugar onde essas civilizações se desenvolveram e como era o modo de vida das pessoas naquela época.

As civilizações pré-coloniais pintavam ou entalhavam em pedras o que viam, o que existia ao redor delas e as atividades que faziam. A palavra *rupestre* refere-se a rocha, pedra.

GLOSSÁRIO

Arqueólogo: profissional que estuda a história e a cultura de povos antigos por meio de vestígios encontrados.



Reprodução de pintura rupestre que retrata cena de dança. Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI). Fotografia de 2010.



Arqueólogos trabalhando em fósseis de costelas, vértebras, tíbias e partes da cintura escapular de dinossauros, ainda presas às rochas originais, durante escavações no Bairro São Bento, na cidade de Uberaba (MG), 2015.

56

Sugestão de atividade

Sugira uma visita a museus, sítios arqueológicos ou outros locais que valorizem a história e a arte, sobretudo a arqueologia. Na cidade de Santo André, no estado de São Paulo, por exemplo, o Sabina Escola Parque do Conhecimento possui uma seção dedicada à arqueologia. Nela, as crianças podem brincar de arqueólogos, descobrindo fósseis no solo. Já em outros estados brasileiros, há também museus voltados à arqueologia. Caso haja interesse em fazer uma excursão a algum desses locais, é aconselhável que os professores conheçam antecipadamente o espaço e verifiquem em que trechos vale focar a visita. Também é importante preparar um roteiro para orientar os estudantes antes de ir.

- 1** A fotografia da pintura rupestre na página anterior representa uma cena de dança. Observe-a e responda: o que indica que as figuras estão em movimento?

A posição dos braços e das pernas. É possível notar braços abertos e pernas também abertas, ou flexionadas, como se as figuras estivessem pulando.



- 2** Faça um desenho representando uma pessoa em movimento.

Desenho pessoal.

Parque Nacional Serra da Capivara

O Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, Piauí, foi criado em 1979 para preservar um dos mais importantes **patrimônios** rupestres do Brasil.

A arqueóloga Niède Guidon foi uma das pessoas responsáveis pela criação do parque. Ela dedicou mais de 40 anos de sua vida à preservação e ao estudo dos achados nos sítios arqueológicos do local.

GLOSSÁRIO

Patrimônio: conjunto de bens, herança.



A arqueóloga Niède Guidon (1933-) em 2016.

Parque Nacional Serra da Capivara

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR02; EF15AR04;

EF15AR25

Orientações e comentários das atividades

- Os estudantes deverão observar com atenção as figuras da pintura rupestre e reconhecer figuras humanas. Espere-se que eles descrevam os corpos com cabeça, tronco e membros. Pergunte se os desenhos indicam movimento e o que os faz pensar assim. Chame a atenção para braços e pernas abertos, alguns flexionados e em diferentes posições. Comente com os estudantes que essa forma de representação em que vemos o contorno do corpo, preenchido ou não com cor, chama-se *silhueta*. Pergunte a eles se já viram outros desenhos de silhueta e se já fizeram desenhos desse tipo.
- Antes de desenharem, estimule os estudantes a pensar em ações e movimentos do corpo realizados no cotidiano, tais como jogar bola, pular corda, dançar, sentar-se, entre outros. Peça que pensem no modo como o movimento acontece nessas ações. Pergunte, dando exemplos: “Quando alguém chuta uma bola, como está esse corpo no momento do chute?”; “E quando pula corda?”. O desenho deverá representar o corpo em movimento.

No momento da atividade, eles podem optar por desenhar uma silhueta, como na pintura rupestre, ou representar o corpo humano de outras formas, desenhando o rosto e as roupas, por exemplo. Comente com a turma que o objetivo da atividade é explorar a representação do movimento no desenho. Eles não devem se preocupar em fazer um desenho realista nem acertar a proporção entre as partes do corpo. Se eles tiverem dificuldades para criar representações do corpo em movimento, sugira que trabalhem em duplas. Oriente um dos integrantes a representar as ações; por

- ▶ exemplo, acenar, atravessar uma rua, cozinhar, entre outras. Peça a ele que faça uma pausa, no meio da ação. Então, o outro integrante fará o desenho observando a posição do colega. As duplas deverão revezar para que as ações possam ser desenhadas.

Niède Guidon

A arqueóloga Niède Guidon foi diretora-presidente da Fundação Museu do Homem Americano até 2018, e professora da Universidade Federal de Pernambuco; além de exercer essas funções, fez parte da Missão Arqueológica Franco-Brasileira e concentrou seus trabalhos na Serra da Capivara. Guidon foi responsável pela descoberta do esqueleto humano mais antigo do país. Atualmente está aposentada.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Comente com os estudantes que o Parque Nacional Serra da Capivara e o sítio arqueológico Itacoatiara, onde se encontra a Pedra do Ingá, são considerados os sítios arqueológicos mais importantes do Brasil. O Parque Nacional Serra da Capivara fica no Piauí, em uma área de 130 mil hectares, e é um grande exemplo de conservação do patrimônio histórico e artístico nacional, estabelecido como patrimônio mundial pela Unesco em 1991. A Serra da Capivara, apesar de ser uma das áreas mais protegidas do Brasil, sob a guarda do Iphan, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), do Fumdham e do Instituto Chico Mendes, tem enfrentado alguns problemas, como a prática desordenada de agricultura e as queimadas na região, que afetam o ecossistema local.

Em 1986, no Parque Nacional Serra da Capivara, foi criada a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham) para auxiliar nos trabalhos arqueológicos.



Urnas funerárias expostas no Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato (PI), 2016.

A Fumdham tem uma escola que prepara estudantes para trabalhar nas diversas atividades ligadas à visita dos sítios arqueológicos e também na produção de cerâmica artesanal, que faz parte da cultura piauiense.



Na escola de cerâmica da Fumdham, os mais experientes ensinam o ofício de ceramista aos aprendizes. Fotografia de 2015.

Uma das formas de preservar os sítios arqueológicos da região é empregar a população local como guia no parque. Essa é também uma das principais fontes de renda do entorno.

O parque está aberto à visitação e é protegido pela Unesco como patrimônio mundial.

GLOSSÁRIO

Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



Visitação noturna no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI), 2017.

Agora, converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1** Você já conhecia o trabalho dos arqueólogos? O que mais chamou sua atenção no trabalho desses profissionais?

Respostas pessoais.

- 2** Você gostaria de ter essa profissão? Por quê?

Respostas pessoais.

- 3** Na sua opinião, o que podemos aprender com as civilizações pré-coloniais?

Resposta pessoal.

59

- **3.** Relembre aos estudantes que cada civilização possui seus saberes. Além das tecnologias desenvolvidas por elas para construção, confecção de objetos, agricultura etc., cite o conhecimento e a relação próxima que os povos antigos estabeleciam com a natureza. Pergunte a eles se acham que é possível aprender técnicas sustentáveis com essas populações.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Antes de solicitar o registro, converse com os estudantes sobre as questões propostas e verifique os conhecimentos prévios das crianças e de que maneira avançaram em relação aos estudos e pesquisas feitos até o momento. Verifique se existe a possibilidade de um arqueólogo de alguma universidade de seu estado ir até a escola e promover uma conversa informal com a turma, em que poderá tirar dúvidas, sanar curiosidades e esclarecer as dificuldades e destacar as possibilidades relacionadas à profissão.

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que essa profissão exige muita pesquisa e conhecimento técnico. Faz parte do trabalho do arqueólogo ir a campo, ou seja, visitar e explorar os lugares onde são encontrados materiais fósseis ou representativos de antigas civilizações, que precisam ser estudados e preservados.
2. Comente com eles que essa profissão exige muitos sacrifícios, por exemplo, passar meses nos locais de pesquisa, às vezes em condições precárias, sem conforto e com o mínimo para sobreviver, em relação a água e comida. Sem o trabalho dos arqueólogos, porém, não seria possível conhecer o passado de muitas civilizações, e a evolução da humanidade. Reflita com eles sobre a importância da preservação do patrimônio material e imaterial para a sociedade atual. Reforce que para preservar os objetos é importante não somente protegê-los, mas também estudá-los, catalogá-los e divulgá-los, para que eles permaneçam e sejam conhecidos pelas civilizações futuras.

Tintas pré-coloniais

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR25

Comente com os estudantes que, no Brasil, a maior parte da arte rupestre preservada está localizada no Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte e na Paraíba, onde o clima seco e a vegetação local contribuem para sua preservação. Em geral, as pinturas remanescentes tratam temas cotidianos, como caça, trabalho, fertilidade, objetos domésticos etc., e utilizam as cores preta (vinda do carvão), vermelha e amarela (do óxido de ferro e da cera de abelha). As técnicas empregadas variam, apresentando, às vezes, sobreposição de figuras.

O registro rupestre é a primeira manifestação estética da Pré-história brasileira. No Brasil, tratar essas representações como arte é, ainda, um tema polêmico, diferentemente de outros países onde essas representações são consideradas arte. As cavernas com pinturas geralmente não eram habitadas, mas locais de passagem, de cerimônias festivas ou santuários.

Arte rupestre é o termo usado para referir-se às representações pré-históricas realizadas em tetos, paredes e outras superfícies de cavernas ou rochas. Há dois tipos de arte rupestre: a pintura e a gravura rupestres. A primeira caracteriza-se pela utilização de pigmentos para compor a representação; a segunda, por ser entalhada nas pedras. A arte rupestre é a primeira demonstração da capacidade humana de abstrair e representar conceitos reais pela manipulação mental.

Tintas pré-coloniais

Na época em que o ser humano produzia pinturas rupestres não existiam tintas industrializadas. Elas eram naturais, produzidas com ossos queimados, sangue e gordura de animais, carvão, sumo de plantas e minerais coloridos, que eram moídos até serem transformados em pó.

Os pincéis eram feitos de pelos e penas. Muitas vezes, até os dedos e a mão inteira eram usados como pincel.

As pinturas rupestres cujas imagens são reproduzidas nesta página foram criadas dessa maneira.



BETO GELLI

Pintura rupestre na Pedra da Inscrição, localizada no Parque Nacional de Sete Cidades, Piracuruca (PI). Fotografia de 2016.



BETO GELLI

Pintura rupestre na Lapa dos Desenhos, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Januária (MG). Fotografia de 2019.

GLOSSÁRIO

Lapa: gruta.



DIÁRIO DO FÉRRIBO BARBOSA

Pintura rupestre na Gruta do Pilão, Parque Estadual de Monte Alegre (PA). Fotografia de 2019.

Mãos à obra



Que tal fazer uma pintura com tintas naturais como as usadas em pinturas rupestres?

Para isso, forme um grupo com três colegas.

Materiais

- ✓ Terra, carvão, folhas de espinafre, sementes de urucum e beterraba (para dar cor à tinta)
- ✓ Cola branca para diluir em água (para fixar a cor)
- ✓ Vinagre ou óleo de cravo (para a tinta não estragar)
- ✓ Lápis
- ✓ Uma cartolina para cada grupo
- ✓ Um copo plástico por grupo (para preparar cada cor de tinta)
- ✓ Água
- ✓ Recipiente plástico
- ✓ Colheres de sopa
- ✓ Glicerina para deixar a tinta fluida (opcional)
- ✓ Um pincel para cada estudante
- ✓ Folhas de jornal

Como fazer

1



Forrem uma mesa grande, ou duas carteiras juntas, com jornal e arrumem os materiais sobre ela.

2



No recipiente plástico, diluam a cola branca com água, em partes iguais, e coloquem um pouco dessa mistura no copo plástico de cada grupo.

61

Sugestão de atividade complementar

Sugira aos estudantes que façam uma pesquisa sobre Frans Krajcberg e suas obras. Nascido na Polônia e naturalizado brasileiro, ele foi artista plástico, gravador, escultor e fotógrafo, e utilizava tintas naturais para criar suas obras. Algumas informações adicionais sobre a vida e a obra de Krajcberg estão presentes no capítulo 2 deste volume.

Mãos à obra

HABILIDADES DA BNCC EF15AR04

Os pigmentos podem ser adaptados de acordo com o que estiver disponível; por exemplo, podem ser usados carvão moído; temperos, como colorau ou cúrcuma em pó; beterraba ralada crua ou em caldo concentrado do vegetal cozido. Se preferir, em vez de distribuir cartolinas por grupo, entregue a cada estudante ou a cada dupla folhas de papel mais firme ou, ainda, a pintura poderá ser feita de forma coletiva em papel pardo. Caso queira propiciar novas experiências artísticas aos estudantes, aproveite todas as sugestões dadas.

Comente que, para fazer tinta, são necessários pigmentos para obtenção da cor (terra, planta, frutas, temperos etc.), resinas para fixar a cor (gema, leite, mingau, cola etc.), aditivos para deixar a tinta deslizante (glicerina, glicose de milho) e fungicidas, como óleo de cravo, para que a tinta não se estrague se não for utilizada imediatamente.

Ao reunir copos e recipientes plásticos para a atividade, dê preferência ao reuso de materiais recicláveis.

Orientações

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR04

Vale ressaltar que, além de usar as tintas, os estudantes terão a possibilidade de prepará-las, e não apenas recebê-las prontas. Eles poderão testar outros tons e consistências para verificar como preferem pintar e que diferença isso pode fazer na produção final. Por exemplo, se utilizarem uma tinta muito líquida em um papel fino, podem rasgá-lo ou deixá-lo muito umedecido e, conseqüentemente, a pintura demora a secar. Os tons mais sóbrios são conseguidos por meio de pigmentos naturais, como terra, obtidos diretamente da natureza; já os pigmentos de tons mais vívidos são feitos com corantes alimentícios, artificiais ou sintéticos, conseguidos por meio de processos químicos. Explique aos estudantes que as tintas produzidas com terra não têm problemas de conservação nem desbotam, mesmo se expostas ao sol intenso. Contudo, para que a tinta fique com melhor consistência, é recomendado coar a terra com uma peneira grossa e, depois, com uma mais fina.

Quando organizar a exposição dos trabalhos, garanta que os estudantes possam explicar ao público a técnica e os materiais utilizados. Eles também podem dar título às obras e deixar ao lado delas uma folha de sulfite ou um papel em branco para que os apreciadores escrevam sensações que as obras lhes transmitiram.



Em seguida, escolham um pigmento para seu grupo e coloquem uma colher dele no copo com a mistura de cola. Mexam com um pincel até obterem uma cor uniforme.



Acrescentem uma colher de sopa de vinagre no copo de cada grupo. E, se optaram por usar glicerina, coloquem também uma colher de sopa na mistura de cada grupo e mexam novamente até diluir bem esses produtos.



Com as tintas prontas, planejem o que vão desenhar na cartolina e esbocem o desenho com o lápis. Ou façam o desenho com a própria tinta. Depois, pintem.



Exponham os trabalhos dos grupos em um mural da escola para que colegas de outras turmas, funcionários da escola, pais e responsáveis possam apreciá-los.

ILUSTRAÇÕES: ALAN CARVALHO

As civilizações pré-coloniais brasileiras

Os arqueólogos dividem as antigas civilizações que habitaram o nosso país em três grupos, de acordo com o local onde viviam, os hábitos que tinham e os artefatos que produziam. Esses grupos foram chamados pelos europeus de “índios”.

Os **povos caçadores-coletores** habitavam áreas do Nordeste ao Sul, aproximadamente entre 60 e 2,5 mil anos atrás. Boa parte deles vivia em cavernas ou florestas. Esses povos criaram a arte rupestre.

Há 6 mil anos, os **povos do litoral** habitaram a costa do Brasil, desde onde atualmente se localiza o estado do Espírito Santo até o atual estado do Rio Grande do Sul. Além de outros alimentos, eles comiam os moluscos que coletavam. As conchas desses animais e os objetos que não usavam mais eram empilhados em montes enormes chamados de **sambaquis**. A palavra *sambaqui*, de origem indígena, significa “amontoado de conchas”.

GLOSSÁRIO

Zoólito: nome dado a diferentes tipos de artefato de pedra produzidos para cortar, raspar e moer alimentos.

Sambaqui Garopaba do Sul, em Jaguaruna (SC), 2017. No detalhe, conchas encontradas no local.



Zoólito em forma de peixe. Sem data. Pedra, 19 cm de altura × 26 cm de comprimento. Sambaqui do Rio Grande do Sul. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ).

ROMULO FALDINI/TEMPO COMPOSTO - MUSEU NACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

FABIO COLOMBINI



FABIO COLOMBINI

As civilizações pré-coloniais brasileiras

HABILIDADES DA BNCC
EF15AR01; EF15AR25

Comente com os estudantes que as descobertas arqueológicas apontam que, há 20 mil anos, todos os humanos eram caçadores-coletores; em geral, nômades, pois não tinham residência fixa e os recursos locais rapidamente se esgotavam. A diferença entre os povos caçadores-coletores e os do litoral é que estes tinham a dieta baseada no que coletavam do mar. Os caçadores-coletores ocupavam um território que hoje corresponde a uma área que vai do Sul ao Nordeste brasileiro e retratavam, por meio da arte rupestre, a caça, a dança e a guerra. Os povos agricultores ocuparam várias regiões do que hoje é o Brasil entre 3,5 mil e 1,5 mil anos atrás, aproximadamente. Plantavam mandioca e produziam cerâmica. Foram esses os povos que entraram em contato com os portugueses, no momento de sua chegada às terras que atualmente correspondem ao Brasil. Alguns deles foram escravizados e boa parte morreu por doenças trazidas pelos europeus e para as quais não tinham defesas orgânicas.

Muito embora boa parte desses povos tenha sido extinta e outra parte tenha perdido território devido à colonização, ainda há muitos povos indígenas no Brasil em diferentes regiões.

A cerâmica pré-colonial brasileira

HABILIDADES DA BNCC EF15AR01; EF15AR25

A argila é um material de origem mineral, formado por partículas muito pequenas de argilominerais, como alumínio, ferro, sódio, potássio, cálcio e magnésio. Na natureza, a argila pode ser encontrada associada a outros minerais e materiais, o que lhe confere colorações distintas: branca, verde, vermelha, amarela, rosa, preta, marrom e cinza. Além do uso em modelagem de cerâmica, atualmente muitos tipos de argila são utilizados em tratamentos estéticos e na construção civil.

Sugestão de atividade complementar

Com os estudantes, pesquise na internet vídeos de artesãos confeccionando peças de cerâmica, além de vídeos de fábricas de cerâmica, para que vejam os processos de produção. Se houver, em sua região, artesãos que trabalhem com cerâmica, possibilite à turma um contato com esses profissionais para que observe essa técnica de perto.

Entre 3500 a.C. e 1500, os **povos agricultores** ocuparam várias regiões do país e construíram cabanas para morar. Eles produziam cerâmica e corantes naturais, e sabiam usar ervas medicinais.

A cerâmica pré-colonial brasileira

A arte da cerâmica faz parte da cultura dos povos desde a Antiguidade.

Cerâmica é a arte e a técnica da fabricação de objetos que usa a argila como matéria-prima. Alguns desses objetos são de uso comum, como potes para água e pratos, ou decorativos, enquanto outros são utilizados em rituais religiosos, entre outras funções.

A argila é um material fácil de ser moldado e endurece com o calor.

A cor, a porosidade e a dureza de uma peça podem mudar de acordo com os elementos minerais que estiverem na composição da argila.

Esses elementos também determinam a temperatura em que a peça pode ser cozida para não sofrer rachaduras.

Dependendo da variação da temperatura, as cerâmicas podem ter consistência e aparência diferentes. Observe as peças de cerâmica a seguir.

GLOSSÁRIO

Porosidade: quantidade de pequenos furos existentes em uma superfície.



1. À temperatura de 800 a 1 100 °C produz-se a terracota, uma cerâmica porosa e dura ao tato, que quebra com facilidade.
2. Entre 1 100 e 1 300 °C são produzidas peças de cerâmica quase sem porosidade, duras, lisas e que têm maior durabilidade que a terracota.
3. À temperatura de 1 300 a 1 500 °C são produzidas cerâmicas ainda mais duras; a superfície delas pode ficar vitrificada, pois a areia que compõe a argila se transforma em vidro.

A cerâmica marajoara

Os povos agricultores do Brasil produziram artefatos de cerâmica de grande beleza.

Uma das cerâmicas mais conhecidas foi a produzida pelo povo marajoara durante o período de 400 a 1400, na ilha de Marajó, localizada na foz do rio Amazonas, no estado do Pará.

Os marajoaras produziam vasilhas, potes, apitos, chocalhos, tangas, urnas funerárias, além de outras peças.



Tanga marajoara. 400-800. Cerâmica, 15 cm de altura. Museu de História Natural de Nova York, Nova York, EUA. Fotografia de 2013.

FABIO COLOMBINI – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE NOVA YORK, NOVA YORK, EUA.

Os marajoaras tingiam as peças, ainda úmidas, aplicando uma mistura de argila diluída em água e pigmentos. Por exemplo, para colorir a peça de vermelho, usavam urucum moído.



A técnica de tingimento de peças de argila crua é chamada de **engobe**. Ela ainda é utilizada, mas atualmente são empregados pigmentos industrializados no processo. Na fotografia, a artesã aplica engobe marrom em um vaso de argila recém-moldado no torno.

IVAREBKA MEDINA/ALAMY/FOTORENA



Urna funerária marajoara. 1000-1250. Cerâmica, 90 cm de altura. Museu de História Natural de Nova York, Nova York, EUA.

FABIO COLOMBINI – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE NOVA YORK, NOVA YORK, EUA.

A cerâmica marajoara

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Sugestão de atividade complementar

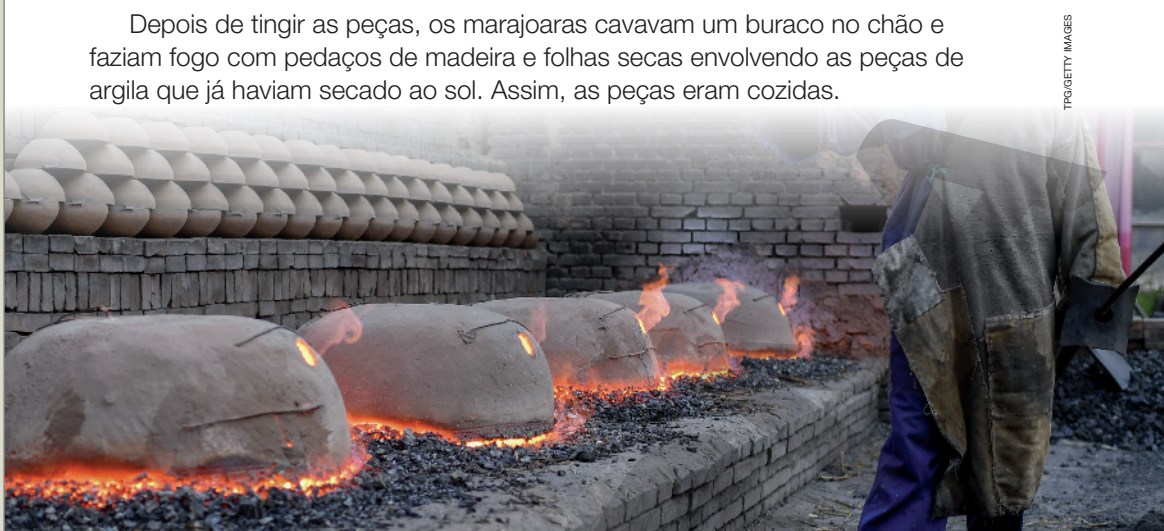
Proponha aos estudantes a criação de um vaso em estilo marajoara moldado em argila. Eles podem observar as imagens do livro para se inspirarem. No entanto, sugerimos que pesquise e leve para a sala imagens de vasos marajoaras para que eles possam observar os padrões decorativos.

Para esta atividade serão necessários: meio bloco de argila para cada estudante; pedaços de cabo de vassoura ou rolos de abrir massa; copo plástico com água; lápis ou tampa de caneta para marcar a argila; jornais ou um pedaço de plástico grosso para forrar as carteiras tinta guache; cola branca líquida; e papel absorvente para limpeza. Oriente-os com os passos a seguir.

- Com um rolo, estiquem um pedaço de massa de argila. Deem-lhe um formato arredondado, de disco, deixando-o com a espessura de um dedo. Se a argila estiver muito dura, umedeçam-na com um pouco de água.
- Marquem a base do vaso fazendo um círculo na parte central do disco. A partir dela, com as mãos, formem as laterais, até deixar a peça com o formato desejado.
- Decorem o vaso fazendo riscos com a ponta do lápis, imitando o estilo marajoara. Após a modelagem do objeto, é preciso deixá-lo secar.
- Quando o vaso estiver seco, pintem-no com tinta guache. Depois que a tinta estiver seca, passem cola branca líquida por cima para impermeabilizá-la.

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção para os padrões pintados ou gravados nas cerâmicas. Explique aos estudantes que esses padrões são formados por linhas, pontos ou formas que se repetem. Se possível, mostre outros padrões gráficos indígenas, para ampliar o repertório.
2. Pesquise na internet, com toda a turma, mais peças de cerâmica marajoara antes de os estudantes fazerem os desenhos. Chame a atenção para as formas e os traçados dos desenhos. Estimule-os a criar os próprios padrões, combinando elementos do desenho. Eles podem optar por usar uma ou mais cores.



A queima de cerâmica em fogueiras é usada ainda hoje. Na fotografia, vemos fornos de queima de peças de cerâmica na província de Hebei, China, 2019.

Para manter a tradição da cultura marajoara, na ilha de Marajó há diversos ateliês de cerâmica onde são reproduzidas peças copiadas das originais.

- 1  Converse com os colegas e, depois, registre sua resposta. O que mais chamou sua atenção nas cerâmicas marajoaras?

Resposta pessoal.



- 2 Faça um desenho inspirado nas cerâmicas marajoaras, criando padrões de linhas, pontos e formas.

Desenho pessoal.

Pesquise com antecedência alguns exemplos de grafismos indígenas de diferentes etnias e mostre-os para a turma. Poderão ser incluídas também outras obras, espaços arquitetônicos ou monumentos que apresentem padrões. Um dos exemplos são as artes gráficas kusiwa, produzidas pelos Wajãpi e consideradas patrimônio imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Para saber mais sobre os grafismos e a cultura dos Wajãpi, acesse a página do Iphan: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/54>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

A cerâmica santarém

Outra cerâmica pré-colonial muito famosa foi produzida pelos santaréns que viveram ao longo do rio Tapajós, onde hoje fica a cidade de Santarém, no estado do Pará. Essa população começou a se instalar no local a partir do ano 1200 a.C.

Os colonizadores que chegaram à região que hoje é Santarém, em 1542, chamavam os santaréns de tupaiús ou tapajós.

A luta contra os portugueses pela posse das terras fez os santaréns desaparecerem.



ROMILLO FIALDINI/TEMPO
COMPOSTO - MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI, BELÉM, PARA

GLOSSÁRIO

Zoomorfo: que apresenta forma de animal.

Vaso zoomorfo santarém de duplo gargalo. 1000-1400. Cerâmica, 13,5 cm de altura × 24 cm de comprimento. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (PA).

A magia dos sapos

O muiraquitã é uma pequena escultura em forma de sapo feita em pedra. Esse artefato, originário da cultura santarém e considerado um amuleto sagrado, é mundialmente conhecido e admirado.

Conta a lenda que os muiraquitãs eram produzidos pelas icamiabas, guerreiras indígenas do Amazonas. Em certa noite de lua cheia, elas mergulhavam em um lago para recolher, do fundo, um tipo de argila especial e com ela modelavam o muiraquitã enquanto ainda estavam embaixo da água. Quando emergiam, a argila endurecia em contato com o ar.

Segundo a crença, esses amuletos, que eram usados como pingentes, protegiam dos perigos as pessoas que os portavam.



Muiraquitã dos santaréns. Local de origem: Óbidos (PA). Sem data. Jadeíte, 3,4 cm de altura. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ).

ROMILLO FIALDINI/TEMPO COMPOSTO - MUSEU NACIONAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

A cerâmica santarém

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR02; EF15AR04

O povo Santarém dedicava-se sobretudo à produção de cerâmica. As peças de cerâmica santarém são consideradas bastante sofisticadas para a época em que foram produzidas e apresentam figuras humanas ou de animais em relevo, além de cariátides (figuras humanas que “sustentam” ou apoiam os vasos).

A magia dos sapos

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR03; EF15AR25

Os muiraquitãs, que comumente apresentam forma de rã, eram feitos de pedras de coloração esverdeada, como a jadeíta, a nefrita e a amazonita. São considerados poderosos amuletos que trazem sorte a quem os carrega. Santarém foi o centro de produção dessas peças.

O talismã das Amazonas

[...] A fama e o exotismo do amuleto o tornaram cobiçado desde os primórdios da colonização da Amazônia, nos séculos XVII e XVIII, quando foram encontrados pela primeira vez nas proximidades dos Rios Nhamundá e Tapajós. Poucos são os exemplares que podem ser apreciados atualmente, principalmente em sua região originária. [...]

Segundo a lenda mais comum, os verdadeiros Muiraquitãs são filhos da Lua retirados do fundo de um imaginário lago denominado Espelho da Lua, na proximidade das nascentes do Rio Nhamundá, perto do qual habitavam as índias Icamiabas, nação das legendárias mulheres guerreiras que os europeus chamaram de Amazonas. [...]

CAVALCANTE, Rogério. *Manoel Urbano ontem e hoje*. 2. ed. Rio Branco: Editora do Autor, 2014. p. 186.

Sapos na arte

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR03; EF15AR22;
EF15AR25

Orientações e comentários das atividades

1. Retome com os estudantes a imagem do vaso zoomorfo de cerâmica santarém. Caso tenham dúvidas para responder à questão, solicite que retomem o texto, chamando atenção para o vocabulário em destaque no **Glossário**.
2. Permita que compartilhem as próprias experiências, cantando ou contando a história antes de fazer o registro. Pergunte à turma quem já conhecia a canção ou a história. Caso não se lembrem de nenhuma canção ou filme, pergunte quem conhece a canção "O sapo não lava o pé" e os filmes *A princesa e o sapo* e *Muppets*, entre outros.

Mãos à obra

Os estudantes deverão explorar movimentos de animais. No primeiro momento, indique o que todos devem representar, por exemplo, um pássaro. Lembre-os de que há pássaros diferentes: grandes e pequenos, com bicos maiores e menores, com pernas compridas e curtas etc., para que eles explorem essas diferentes possibilidades. Depois de exercitarem por um tempo, sugira um encontro entre os pássaros, formando duplas. Solicite a um dos estudantes que observe os movimentos e os sons produzidos pelo colega e os imite. Depois, que inverta e faça movimentos para que sejam imitados pelo outro integrante da dupla. Dessa maneira, eles devem ampliar o repertório de movimentos, além de reconhecer e apreciar o outro em seu potencial criativo. Repita a atividade, do início até esta etapa, alterando os animais.

Após a experimentação, cada estudante deverá escolher um animal. Peça que selecionem uma característica marcante da movimentação ou do corpo, para criar uma personagem. ▶

Sapos na arte

Os sapos costumam ser retratados em pinturas e esculturas e aparecem como personagens em contos de fadas, cantigas infantis, desenhos animados e no cinema.

O grafite reproduzido abaixo faz parte do projeto *Paredes de Viena*, que oferece áreas para jovens grafiteiros mostrarem seu talento. Nesse grafite, o artista representou um sapo da Amazônia que é da mesma espécie dos que são reproduzidos nos muiraquitãs.

MANTCKA. Detalhe de *Sapo entre latas de tinta*. 2013. Muro de tijolos e tinta spray, 6 m de altura × 10 m de comprimento. Viena, Áustria. Fotografia de 2015.



EOROV/SHUTTERSTOCK

Converse com os colegas e, depois, registre suas respostas.

- 1 As peças zoomorfas da cerâmica santarém têm forma de:

a) <input type="checkbox"/>	peçoas.	c) <input checked="" type="checkbox"/>	animais.
b) <input type="checkbox"/>	objetos geométricos.	d) <input type="checkbox"/>	plantas.

- 2 Você conhece alguma canção ou algum filme que tenha um sapo como personagem? Qual?

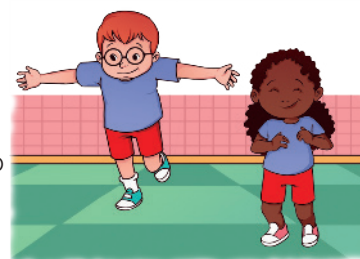
Respostas pessoais.

Mãos à obra



Que tal experimentar imitar os movimentos de diferentes animais?

1. Forme uma dupla para trabalhar.
2. Vocês deverão criar uma personagem imitando os movimentos do animal que escolherem.
3. Sigam as orientações do professor.



ROBSON OLIVEIRA

68

- ▶ Eles podem escolher representar apenas o bico do pássaro, ou as asas grandes ou pequenas, ou o movimento das pernas. Outros movimentos podem surgir, mas eles devem manter o foco no elemento que escolheram.

Organize uma roda e peça a cada personagem que se apresente, podendo usar a fala e realizando a movimentação escolhida. Se eles se sentirem à vontade, peça a cada personagem que conte um pouquinho de si. Incentive-os a manter a movimentação enquanto falam.

Depois que todos se apresentarem, converse com os estudantes sobre a maneira como os animais aparecem nas histórias. Pergunte a eles se já viram atores representando animais no teatro. Se possível, mostre trechos de vídeos de peças teatrais com personagens que sejam animais.



Musicando

O ritmo

Uma música é composta de sons e silêncios. Às vezes, ela é composta apenas dos sons de instrumentos musicais. Outras vezes, é composta de uma mistura da voz de um ou mais cantores, de sons de instrumentos, ou de outros sons produzidos pelo corpo ou por objetos do cotidiano.

Na música, o **ritmo** é a forma como os sons e o silêncio se organizam no tempo.

Para perceber o ritmo da música, é necessário prestar atenção no modo como os sons estão ordenados em determinados intervalos de tempo. Podem aparecer sons longos, sons curtos ou pausas (momentos de silêncio).

Podemos produzir um ritmo com sons do nosso corpo, batendo palmas, por exemplo.

Vamos testar?

- 1 Primeiro, experimentaremos diversos ritmos, individualmente, batendo palmas.
- 2 O professor contará os tempos, de um a quatro, e indicará em que momento vocês deverão bater palmas.
- 3 Depois de treinar individualmente, forme um grupo com três colegas.
- 4 Cada grupo deverá criar e ensaiar uma sequência rítmica.
- 5 Quando a sequência rítmica criada pelo grupo estiver pronta, mostrem para o restante da turma.



ROBSON OLIVEI

69

Musicando

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR14; EF15AR15;
EF15AR17

O objetivo da atividade é apresentar o conceito de ritmo propondo uma experimentação com palmas. Verifique a cada etapa se os estudantes estão acompanhando. Somente passe para a etapa seguinte se eles não apresentarem dificuldades na etapa anterior. Disponibilize um tempo para a exploração e criação em grupo. No momento da criação oriente-os, focando na etapa que eles conseguiram executar com mais facilidade.

Para começar, organize uma roda com todos os estudantes. Primeiro, conte até quatro, repetidas vezes, em intervalos de tempo iguais. Esse tipo de marcação será uma simplificação didática do compasso quaternário, determinando uma frequência regular de tempos, que se repetem a cada ciclo.

Peça que batam palmas em cada um dos números (1, 2, 3 e 4). Oriente-os a realizar a indicação todos juntos, repetidas vezes, em sequência. Quando estiverem acompanhando o pulso, dê indicações diferentes para trabalhar os ritmos.

Você pode indicar, por exemplo, que todos batam palmas no 1 e no 3, fazendo uma pausa no 2 e no 4. Depois, sugira que batam palmas no 1, no 3 e no 4, fazendo a pausa no 2. Depois peça que batam palmas no 1 e no 2, pausando no 3 e no 4. A cada indicação é importante valorizar o silêncio das pausas. Também é importante repetir a sequência algumas vezes, tanto para que eles trabalhem a coordenação motora quanto para que percebam a sensação daquele ritmo.

- Explique para a turma que esses tempos podem ser divididos nos mesmos intervalos de tempo. Ou seja, no intervalo em que havia uma palma pode haver duas ou mais. Experimente com eles essa subdivisão. Peça a todos que batam duas palmas a cada tempo. Ao total, serão oito palmas em cada ciclo de quatro tempos. Conte devagar e bata palmas junto com eles, para que consigam acompanhar.

Depois de explorar os ritmos com os estudantes, organize-os em pequenos grupos e peça a cada um que crie uma sequência rítmica simples. Ajude-os durante o processo de criação. No final, reúna-os em roda novamente, e peça a cada grupo que apresente o ritmo criado por eles. A cada apresentação o grupo ensina aos demais o ritmo inventado por ele e todos os componentes da roda participam conjuntamente.

Conclusão

Este capítulo abordou a presença dos povos pré-coloniais no que hoje é o território brasileiro. A apresentação do Parque Nacional Serra da Capivara, incluindo fotografias das pinturas rupestres e das cerâmicas, pretende estimular os estudantes a valorizar a história dos povos antigos e compreender a importância da preservação e do trabalho arqueológico. Espera-se que eles consolidem os conteúdos realizando as atividades propostas, dialogando sobre o aprendizado e a aquisição de novos conhecimentos e fazendo a utilização em suas produções. Também é esperado que eles reconheçam o movimento nas pinturas rupestres como elemento visual e consigam explorá-lo em suas criações. Além disso, os estudantes deverão experimentar materialidades no momento da produção e na utilização de tintas naturais confeccionadas por eles.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante todo o ano letivo, apoiada nas atividades do capítulo e nas sugestões de atividades complementares do Manual do Professor. A ficha de avaliação poderá auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades da turma. Caso alguma dificuldade ainda persista no final do processo, é sugerida uma atividade de remediação, no final desta conclusão.

Ficha de avaliação — Capítulo 4

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco
(EF15AR01)	O estudante reconhece as pinturas rupestres e cerâmicas pré-coloniais como expressões humanas estéticas e culturais?			
(EF15AR02)	O estudante identifica o movimento como elemento visual nas pinturas rupestres e mobiliza esse conhecimento em suas criações?			
(EF15AR03) e (EF15AR25)	O estudante valoriza os objetos culturais apresentados no capítulo como parte do patrimônio cultural do Brasil, reconhecendo sua matriz indígena?			
(EF15AR04)	O estudante mobiliza os conteúdos apresentados no capítulo em suas criações individuais e coletivas, experimentando tintas naturais como possibilidade de material?			
(EF15AR22)	O estudante mobiliza conhecimentos prévios e os conteúdos apresentados na exploração de movimentos para a criação de personagens, conforme a proposta do capítulo?			
(EF15AR14) e (EF15AR15)	O estudante compreende o ritmo como elemento presente na música, explorando-o dentro de suas possibilidades?			
(EF15AR15) e (EF15AR17)	O estudante mobiliza o conhecimento sobre ritmo desenvolvido em seu repertório pessoal e em sala de aula na criação coletiva?			

Atividade de remediação

Esta atividade deve ser feita individualmente, mas pode contar com a colaboração dos colegas. Os estudantes deverão escolher e representar um objeto pessoal que gostariam de preservar para a posteridade. Promova uma conversa e peça que comentem sobre os objetos que cada um utiliza no cotidiano. Depois, solicite que reflitam e citem a importância que esses objetos têm para eles individualmente, abordando sua função e seu significado. Oriente-os a pensar no que gostariam que ficasse registrado sobre eles ser conhecido pelas pessoas que viverão no futuro. Cada estudante escolherá um objeto e fará um desenho ou uma pintura sobre o objeto escolhido. Pode ser apenas a representação do objeto ou a maneira como é utilizado. Realize uma exposição na escola para compartilhar as produções com a comunidade escolar e os familiares. Com esta atividade, é esperado que os estudantes reflitam sobre a importância e o significado da preservação, aproximando-os dos conteúdos abordados ao longo do capítulo.



MODERNA

Capítulo 5: Arte indígena brasileira

Introdução

Este capítulo apresenta aspectos das culturas dos diferentes povos indígenas brasileiros da atualidade. Objetos e práticas são apresentados com o objetivo de valorizar a diversidade dos povos e ressaltar elementos considerados patrimônio imaterial dessas culturas.

As atividades propõem uma aproximação dos estudantes com os conteúdos abordados, relacionando-os com seu repertório pessoal e abordando o tema da identidade.

No final, uma atividade de criação cênica tem por objetivo integrar os conteúdos e práticas trabalhados nos três últimos capítulos do livro, encerrando o ano.

Objetivos do capítulo

- Conhecer elementos da cultura indígena brasileira.
- Refletir sobre identidade, promovendo o autoconhecimento e a valorização da diversidade.
- Experimentar práticas artísticas de modo colaborativo, ressignificando e se apropriando dos temas estudados.

Competências favorecidas

Competências gerais

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência específica de Linguagens

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Competências específicas de Arte

4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Habilidades favorecidas

- **(EF15AR01)** Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
- **(EF15AR03)** Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
- **(EF15AR04)** Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- **(EF15AR20)** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
- **(EF15AR21)** Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

- **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
- **(EF15AR26)** Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo	Aula	Roteiro de aula	Páginas
5	35	Realização da atividade preparatória. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 70-71
	36	Leitura dialogada do texto “Tradições culturais indígenas”. Realização das atividades do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 72-74
	37	Leitura dialogada dos textos: “Pintura corporal”, “Música e dança” e “Instrumentos musicais”. Realização da atividade do livro. Realização de atividade complementar (opcional).	p. 75-76
	38	Realização da atividade da seção Para fazer com os colegas.	p. 77
	39	Finalização e apresentação da atividade da seção Para fazer com os colegas.	p. 77
	40	Realização de avaliação processual e avaliação de resultado.	p. 78-81

Abertura

Atividade preparatória

HABILIDADE DA BNCC EF15AR01

Neste capítulo, o conteúdo se refere a alguns povos indígenas do Brasil, ao contato com essa cultura, identidade e compreensão de mundo. O objetivo é desenvolver a valorização da diversidade e ao mesmo tempo o pertencimento, reconhecendo a importância das contribuições indígenas para a cultura brasileira. Organize uma roda de conversa e comece perguntando se há estudantes indígenas na sala ou se há alguém que tenha parentes indígenas. Peça que compartilhem suas histórias e vivências.

Solicite que observem a imagem de abertura e leiam a legenda antes de responder às questões. Deixe-os à vontade para descobrir detalhes e criar suas hipóteses. O momento é de apurar o olhar da turma para os elementos que fazem parte do universo indígena.

Depois de responderem às perguntas, organize os estudantes em pequenos grupos para realizar a atividade. Distribua folhas de papel sulfite ou cartolina, recortadas em formato de cartões. Eles deverão buscar no capítulo imagens de objetos (cestaria, adornos, instrumentos musicais) e práticas indígenas (dança, pintura corporal). Solicite ao grupo que escolha de cinco a dez itens para confeccionar um jogo da memória, fazendo um desenho em cada cartão e escrevendo o nome correspondente em um outro. Peça que leiam as legendas das fotografias para que possam identificar os desenhos com os nomes. No final, disponibilize um tempo para o jogo. Se achar conveniente, proponha aos grupos que troquem os cartões, ou então que misturem todos os cartões, formando um único jogo da memória, com um conjunto maior de peças.

Capítulo

5

Arte indígena brasileira

JANNES - GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO



70

- ▶ Para jogar, as cartas devem ser embaralhadas e distribuídas em uma mesa com os desenhos e as palavras virados para baixo. Cada participante deve, inicialmente, virar duas cartas. Caso as cartas sejam correspondentes, o participante as guarda consigo e pode jogar mais uma vez. Se acertar, continua jogando; se errar, dá a vez para o próximo jogador. As cartas devem ser desviradas e colocadas no mesmo lugar em que estavam, para que o próximo participante possa usar a memória para localizá-las.


Antropólogos

Com seu trabalho, os antropólogos buscam entender os costumes e os valores simbólicos das sociedades. Leia o que o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1922-1997) escreveu sobre os indígenas que habitavam nosso litoral na época da chegada dos portugueses ao continente:

Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais. Somavam, talvez, 1 milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes. Não era pouca gente, porque Portugal àquela época teria a mesma população ou pouco mais. [...]

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 28.


O que eu vejo

 Converse com os colegas.

1. O que mostra a reprodução desta obra de arte?
2. Você reconhece elementos de arte indígena nesta pintura? Quais?
3. Você já viu peças de arte indígena brasileira? Quais?

1. Uma aldeia indígena ou indígenas executando tarefas do dia a dia.
2. Poderão ser identificados cocares, pintura corporal, cerâmicas.
3. Respostas pessoais.

JANNES. *Colheita do milho*. 2005. Acrílico sobre tela, 30 cm x 50 cm. Galeria Jacques Ardies, São Paulo (SP).

Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que leiam as legendas das fotografias no livro e identifiquem os nomes das etnias indígenas. Depois, organize-os em pequenos grupos para que pesquisem mais informações sobre elas. Cada grupo deverá ficar responsável por uma etnia e, depois da pesquisa, apresentar para a turma o que descobriu. Se possível, auxilie-os a selecionar algumas imagens para compartilhar, seja imprimindo e produzindo cartazes, seja apresentando-as em formato digital.

Tradições culturais indígenas

Cerâmica

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Informe aos estudantes que nem todos os povos indígenas produzem objetos de cerâmica – os Timbira, por exemplo. Já as indígenas Karajá confeccionam até bonecas de cerâmica, que trazem tatuagens e ornamentos pelo corpo. Recentemente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) considerou as bonecas *ritxokos* patrimônio imaterial do Brasil.

Outros grupos que se destacam como ceramistas são os Kadiwéu, com seus desenhos impressos por incisão, e os Waurá, que produzem utensílios de barro de borda larga decorados com desenhos de aves e mamíferos.

As peças de cerâmica marajoara e santarém, pelo seu poder natural de conservação, nos dão uma amostra dos costumes de povos indígenas desaparecidos. Se julgar oportuno, oriente os estudantes a fazer, em grupos, uma pesquisa sobre essas culturas.

Comente que existe uma grande variação na forma como o nome das etnias indígenas aparece grafado em livros e na imprensa. Apesar dessa variação, recomenda-se que se tome como padrão a grafia sem plural e com inicial maiúscula. Essa forma é adotada, por exemplo, em uma obra de referência sobre o assunto: *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*, de Aryon Dall’Igna Rodrigues. No entanto, a grafia do nome de uma língua indígena deve ficar em minúscula: a língua xavante.

Arte indígena

As comunidades indígenas encontradas pelos portugueses em 1500 na região onde hoje é o Brasil receberam o nome de sociedades pré-cabralinas, pois viviam ali antes da chegada de Pedro Álvares Cabral. ▶

Tradições culturais indígenas

Mesmo depois do ano de 1500, quando teve início a colonização portuguesa, os povos indígenas nativos do Brasil mantiveram as tradições culturais herdadas de seus antepassados.

Entre essas tradições, destacam-se a arte de produzir objetos de cerâmica, os trançados de palha e enfeites para o corpo, incluindo a pintura corporal.

Dentro da grande diversidade de culturas indígenas do Brasil, cada uma tem seu próprio modo de produzir esses artefatos.

Os materiais usados nesses trabalhos são coletados na natureza: madeira, sementes, frutos secos, fibra de palmeiras, cipós, argila, ossos, couro, carapaças, garras, dentes, conchas e penas de animais.



MARIO FREDLANDER PULSAR IMAGENS - COLEÇÃO PARTICULAR

Boneca *ritxoko* da etnia Karajá. Sem data. Cerâmica, 13,5 cm de altura. Coleção particular.

LUCIOLA ZVARIK/PULSAR IMAGENS



Índigena Waurá da aldeia Piyulaga colocando peças de cerâmica para queima em forno artesanal. Gaúcha do Norte (MT), 2019.

72

Cerâmica

A cerâmica dos indígenas brasileiros ainda hoje é produzida com base na antiga técnica das civilizações pré-coloniais, que usavam roletes de argila para desenvolver suas peças.

Os artefatos de cerâmica são fabricados principalmente pelas mulheres, que criam potes, alguidares, esculturas e até brinquedos. Elas também continuam utilizando antigas técnicas para pintar e cozer ao fogo essas peças.

GLOSSÁRIO

Alguidar: vaso de barro ou de metal, com a borda bem maior que o fundo, parecido com uma bacia.

- ▶ Essas comunidades não concebiam a arte da mesma maneira que os europeus. Apesar disso, os objetos e artefatos produzidos pelos indígenas são considerados arte porque eles empregavam uma técnica com um propósito e também atribuíam valores simbólicos a esses objetos.

Para ilustrar, peça aos estudantes um exemplo de obra de arte que não seja indígena. Então, pergunte: “Foi utilizada pelo artista alguma técnica na produção dessa obra?”; “O artista demonstrou algum propósito ao executar a obra?”; “Essa obra tem valor simbólico, ou seja, representa algo além do material de que é feita ou do uso a que se destina?”. As respostas não precisam ser afirmativas, como se espera, mas devem ser comentadas e podem proporcionar uma roda de conversa proveitosa.

Cestaria

Os cestos produzidos pelos indígenas atualmente são para uso doméstico, sendo empregados para armazenar ou transportar alimentos, coar líquidos e peneirar farinha.

A cestaria é feita por mulheres e homens, que mantêm a tradição dos desenhos dos trançados e dos diferentes usos e formatos dos cestos.

Indígena Mbyá Guarani
confeccionando cesto.
Aldeia Kalipety,
São Paulo (SP), 2017.



Arte plumária

Cocares, cintos, brincos e outras peças feitas com penas e plumas de aves geralmente são produzidas pelos homens, que fazem a coleta e a seleção desse material.

Para compor esse tipo de peça, as penas e as plumas são amarradas umas às outras com fibras vegetais e às vezes usadas com couro de animais, folhas e sementes.



A. PACELI / CONTRASTO / ACQUA / GETTY
IMAGES – COLEÇÃO PARTICULAR

Cocar feito pelos Kamaiurá, Xingu (MT).
Sem data. Cocar de penas e fibra
de palmeira, 34,3 cm × 43,9 cm.
Coleção particular. Fotografia de 2014.



FABIO COLOMBINI

Brincos feitos pelos Kalapalo,
Xingu (MT). Sem data. Brincos
de penas, plumas, madeira e
fibra de palmeira, 15 cm de
comprimento. Fotografia de 2011.

Cestaria

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Explique aos estudantes que um dos motivos pelos quais os indígenas brasileiros desenvolveram a arte de trançar e tecer – cestas, redes para pescar ou para dormir, peneiras, esteiras, bolsas, tipoias, cintos, saias, tangas – foi a grande disponibilidade de matérias-primas que possibilitavam essa atividade: cipós, folhas, palmas, fibras. Três comunidades, entre outras, se destacam nessa arte: os Pareci, os Wayana e os Tukuna.

Arte plumária

Já a arte plumária, produzida pelos indígenas brasileiros com penas de pássaros e fibras vegetais, aproxima-se da noção de arte com a qual estamos acostumados, por ter como objetivo principal a busca da beleza. Chame atenção para o fato de que, além de ter a função de adornar o corpo, e artefatos como colares, brincos e cocares, a arte plumária é usada em rituais para identificar a comunidade ou o clã de quem a utiliza.

São também exemplos de arte plumária os cintos, braceletes, diademas e mantos (ou mantelletes), muitos dos quais feitos da combinação com trançados. Um exemplo de arte plumária desse tipo são os conhecidos cocares indígenas, cuja base é feita de trançado com as penas sobrepostas em volta.

Sugestão de atividade complementar

Oriente os estudantes a pesquisar na internet a imagem de um manto tupinambá emplumado. Atualmente, existem apenas cinco dessas peças no mundo e todas se encontram em museus europeus.

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR04

Orientações e comentários das atividades

1. Chame a atenção dos estudantes para o modo como os adornos indígenas são utilizados: os cocares, na cabeça; os brincos, nas orelhas; os braceletes, nos punhos etc. Faça um paralelo com os itens que fazem parte da cultura atual do vestuário não indígena. Pergunte a eles se gostam ou conhecem alguém que gosta de usar boné, ou outro tipo de chapéu, colares, brincos ou pulseiras.
2. Alguns itens do vestuário considerados adornos podem ter funções objetivas. Bonés e chapéus, por exemplo, podem proteger o rosto do sol. Esclareça que os adornos fazem parte da identidade de uma pessoa, ou seja, como ela se reconhece, se sente e se compreende no mundo. Os adornos também podem comunicar que aquela pessoa faz parte de um grupo que usa determinadas roupas ou acessórios.
3. Promova uma reflexão sobre a maneira como os estudantes gostam de se vestir, ou os acessórios que gostam de usar. Comente que essa é uma forma de manifestar-se culturalmente. Estimule-os a reconhecer-se e valorizar suas próprias escolhas, assim como apreciar e respeitar as escolhas dos outros, sejam colegas de turma, sejam pessoas de grupos culturais mais distantes.

Os adornos indígenas são muito variados e têm funções estéticas, simbólicas e ritualísticas. Assim como em todos os povos, o modo de se vestir é um componente importante da cultura e estabelece também uma função identitária. É importante refletir com os estudantes sobre a maneira como eles se vestem e o quanto o ato de se vestir comunica e reflete a própria identidade.

Cintos, braceletes e brincos são objetos da arte plumária considerados **adornos**, isto é, eles têm a função de enfeite entre os povos indígenas.

1. Que objetos ou peças de vestuário podem ser considerados adornos na sua comunidade?

Resposta pessoal.

2. Na sua opinião, que outra função têm os adornos, além de enfeitar?

Resposta pessoal.



3. Reflita sobre as roupas e os acessórios que você gosta ou gostaria de usar. Você acha que eles fazem parte da sua identidade? Faça um desenho para representar o que você pensou.

Desenho pessoal.

- ▶ Estimule-os também a pensar como esse ato cria identificações de um indivíduo com o grupo ao qual pertence, como um grupo social que faz parte de uma mesma classe econômica, os apreciadores de um estilo de música, os torcedores de um time esportivo, entre outros.

A ideia não é afirmar que os adornos indígenas cumprem exatamente a mesma função que o vestuário em outras culturas, mas pensar aproximações e diferenças. Ao refletir sobre a identidade, sua aproximação com determinados grupos e a diferença em relação aos demais, os estudantes poderão, além de conhecer-se, também aprender a respeitar e valorizar a diversidade humana.

Pintura corporal

Para pintar o corpo, os indígenas utilizam tintas naturais, preparadas com folhas e frutos.

As cores mais usadas são a vermelha, feita com o urucum moído, e a preta, extraída do jenipapo.

Há tribos que utilizam cores diferentes em crianças e em adultos. Os desenhos também têm diversos significados. Por exemplo, existem desenhos feitos para comemorações e outros usados exclusivamente em rituais.



Indígena da etnia Waurá com cabelos pintados e pintura corporal como preparativo para o Quarup. Aldeia Piyulaga, Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Música e dança

A música e a dança têm um papel importante na vida social das tribos indígenas. Eles cantam, dançam e tocam nos rituais e também para celebrar fatos do dia a dia. São várias as ocasiões de festejo: as boas colheitas e pescarias, a chegada dos adolescentes à idade adulta e os rituais para homenagear os mortos ou espantar doenças e malefícios.

Entre os rituais e danças mais conhecidos dos indígenas brasileiros estão o Toré e o Quarup.



Indígenas Pankararu trajados como as personagens místicas conhecidas por praiás, durante o Toré. Aldeia Brejo dos Padres, Tacaratu (PE), 2014.

Pintura corporal

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Comente com os estudantes que a pintura corporal exerce muitas funções. Uma delas, talvez a mais fácil de supor, é a busca da beleza, agregando ao corpo a alegria e a vivacidade das cores da natureza. Além disso, a pintura contribui para espantar os insetos e proteger a pele dos raios solares. No entanto, uma das principais funções da pintura corporal, de caráter eminentemente simbólico, é afastar os maus espíritos e situar o indivíduo no grupo social. Nesse caso, a pintura corporal determina o momento por que passa o membro da comunidade, que pode ser de transição (rito de passagem), reclusão, luto, casamento, nascimento (pintar o corpo de uma criança indígena é o primeiro ato que representa sua socialização no grupo), entre outros.

Sugestão de atividade complementar

Aproveite o tema da música e da dança para apresentar aos estudantes a obra da cantora, compositora e pesquisadora da cultura indígena brasileira Marlui Miranda (1949-). Nascida em Fortaleza, no Ceará, ela tem diversas canções gravadas com temas indígenas, que podem ser encontradas na internet.

Solicite aos estudantes que, em grupos, realizem uma pesquisa sobre a trajetória e a música de Marlui Miranda. Durante a apresentação do trabalho, podem ser colocadas como fundo musical algumas das canções pesquisadas por eles.

Orientações

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR25

Comente com os estudantes que o Parque Indígena do Xingu, território onde se realiza o ritual do Quarup, foi criado em 1961 por iniciativa dos irmãos Villas-Bôas – Orlando (1914-2002), Cláudio (1916-1998) e Leonardo (1918-1961). Essa foi a primeira terra indígena reconhecida pelo governo federal, que abriga 16 etnias e é considerada pela Unesco a região de maior variedade linguística do país.

Observe a visão original das autoras do livro *Arte na educação escolar* a respeito da relação dos indígenas com a música.

[...] O indígena sempre se sensibilizou perante a música, seja ela nativa ou a do português, isto desde as suas primeiras manifestações.

A música do indígena tinha a cor do cotidiano. A todo ritual haveria de existir uma musicalidade muito específica. Os fatos exigiam uma celebração e assim a música entrava como componente natural deste mesmo ritual. Mas, se o rito indígena levaria uma carga musical, os colonizadores também celebraram a ocupação do solo brasileiro com seu ritual de fé cristã, através do ofício da Santa Missa. Esta também não estaria desprovida de um forte componente musical: os hinos. Confrontam-se, pois, neste momento, os dois ritos. [...]

FERRAZ, Maria Heloisa C. de; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 131.



Indígenas Waurá celebrando o Quarup. Aldeia Piyulaga, Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Instrumentos musicais

Os indígenas também produzem os próprios instrumentos musicais, como flautas, trombetas, tambores e chocalhos.

Flautas de diversas etnias indígenas (medidas aproximadas, da esquerda para a direita - flautas: 55 cm, 34 cm, 37 cm e 26 cm; flautas nasais: de 5 a 10 cm de diâmetro; flauta de Pã: 35 cm; flauta tríplice de bambu: 19 cm). Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP). Sem data.



Os instrumentos musicais não estão reproduzidos na proporção real.

Converse com os colegas e, depois, registre sua resposta.

- De tudo o que aprendeu sobre a arte indígena, do que você mais gostou? Por quê?

Resposta pessoal.

Para fazer com os colegas



Agora, vamos criar uma representação teatral inspirada naquilo que aprendemos até aqui, retomando os conteúdos e lembrando nossas experiências.

Ouçã o professor e siga as orientações do roteiro.

1. O professor organizará uma roda com a turma para que vocês conversem sobre os temas que mais chamaram atenção de todos nos três últimos capítulos deste livro. Lembrem-se das lendas que ouviram e das histórias que criaram.
2. Depois de participar da roda, forme um grupo. Decidam que história querem contar. Conversem sobre qual situação ou quais acontecimentos vocês representarão, quais são as personagens que vivem essa situação e em que lugar se passa a história.
3. Escolham uma intervenção que envolva o uso de uma tecnologia e que deverá ocorrer durante a apresentação. Vocês podem usar sons gravados como elementos da narração ou da sonoplastia, ou podem inserir, em vídeo, uma personagem que entrará em cena.
4. Com diferentes materiais, de preferência que possam ser reutilizados, criem máscaras ou adereços para suas personagens.
5. Ensaie a peça quantas vezes for necessário, utilizando os adereços e as gravações em áudio ou vídeo.
6. Apresentem para a turma a sua criação e apreciem a criação dos demais colegas.
7. Após a apresentação de todos os grupos, conversem sobre as descobertas que fizeram com este trabalho.

77

► bracelete ou um colar, pode ser suficiente para identificar uma personagem, deixando o público livre para usar a imaginação.

Com o material em mãos, disponibilize um tempo para os ensaios. Oriente-os a fazer combinados sobre a sequência dos acontecimentos, deixando espaço para a improvisação. A ideia não é decorar um texto e criar marcações de movimentos, mas experimentar uma estrutura que ajude no improviso.

Organize a turma de maneira que haja tempo para a apresentação de todos os grupos. No final, organize uma roda de conversa sobre as experiências, o aprendizado e as dificuldades de cada um. Pergunte se houve colaboração entre os integrantes de cada grupo e também com os outros grupos.

Para fazer com os colegas

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR20; EF15AR21;
EF15AR26

Inicie a atividade com uma conversa sobre o que foi estudado e lembre as produções e criações da turma durante o ano letivo. Estimule os estudantes a refletir sobre a importância dos temas e peça que estabeleçam relações com suas vivências cotidianas, histórias que conhecem, personagens com os quais se identificam.

Depois, forme grupos e escolha uma história para representar. Relembre alguns elementos que constituem a linguagem do teatro, tais como situação dramática, personagens e cenário.

Peça a eles que imaginem como podem utilizar recursos tecnológicos em suas representações. Prepare com antecedência os equipamentos disponíveis. Estimule-os a refletir sobre o modo como esses recursos podem ajudar a contar essa história. Uma gravação pode contar o passado ou mostrar algo que acontece fora da cena. Um áudio pode servir para representar um ser invisível e dar voz a ele. Um vídeo pode ajudar na criação de um ser fantástico. Depois de orientá-los, solicite a cada grupo que escolha apenas uma possibilidade. Auxilie os grupos a realizar as gravações.

Se os estudantes não tiverem muita familiaridade com teatro ou com a utilização de meios tecnológicos, é possível que apresentem dificuldades em utilizar esses recursos. Nesse caso, faça sugestões específicas para cada grupo e explique o efeito que ocorrerá no final. Se possível, sugira mais de uma possibilidade, para que possam escolher a que acharem mais interessante.

Quando for a hora de escolher as máscaras e os adereços, solicite que revejam o que foi produzido em atividades anteriores e decidam o que pode ser reaproveitado.

Incentive-os a buscar soluções simples. Relembre que, no teatro, um simples adereço, como um

Conclusão

O capítulo traz referências de diferentes povos indígenas do Brasil, enfatizando objetos e práticas culturais e as respectivas estéticas. Espera-se que os estudantes reconheçam a importância dos povos, bem como a presença da matriz indígena na cultura brasileira. É esperado também que apreciem e valorizem a diversidade, que compreendam e estabeleçam relações entre diferentes contextos e mobilizem seu conhecimento para a criação nas linguagens artísticas. Para terminar, espera-se que os estudantes retomem os aprendizados dos dois capítulos anteriores, este incluído, e consigam exercitar a criação de maneira autônoma e propositiva.

A avaliação formativa deve ser realizada de maneira contínua durante o ano letivo, apoiada pelas atividades do capítulo e pelas sugestões de atividades presentes no Manual do Professor. A ficha de avaliação pode contribuir para auxiliar no mapeamento das aprendizagens e dificuldades que surgirem. No caso de persistirem dificuldades no final do processo, é sugerida a realização da atividade de remediação, presente nesta conclusão.

Ficha de avaliação – Capítulo 5

Habilidades	Objetivos	Bem	Parcialmente	Pouco
(EF15AR01)	O estudante identifica e valoriza os diferentes elementos estéticos e culturais presentes nas artes indígenas?			
(EF15AR25)	O estudante reconhece objetos e práticas da cultura indígena como patrimônio cultural brasileiro?			
(EF15AR03)	O estudante relaciona os conteúdos do capítulo com seu repertório, reconhecendo a influência da matriz indígena em diferentes expressões artísticas?			
(EF15AR04)	O estudante mobiliza os conteúdos apresentados em suas práticas em sala de aula de maneira criativa e consciente?			
(EF15AR20) e (EF15AR21)	O estudante relaciona e mobiliza os conteúdos abordados nos três últimos capítulos para a criação de uma cena de modo criativo e colaborativo?			
(EF15AR26)	O estudante utiliza de maneira criativa os recursos tecnológicos disponíveis, de acordo com seu repertório e possibilidades, para a criação de uma cena?			

Atividade de remediação

Esta atividade pode ser feita individualmente ou em duplas, conforme as necessidades da turma. Os estudantes deverão produzir um adorno para si, utilizando materiais recicláveis. Solicite que retomem o capítulo observando atentamente as fotografias. Peça que comentem o que acharam mais interessante sobre a cultura indígena. A ideia é que eles criem objetos inspirados pelos exemplos, sem intenção de copiar as imagens. Eles devem observar as cores, os formatos, os materiais e o uso dos adornos indígenas e tomar esses elementos como ponto de partida, podendo relacionar com o próprio repertório. Oriente-os e auxilie-os durante toda a atividade. Faça furos ou cortes nos adornos que sejam mais difíceis de executar, para evitar que os estudantes se machuquem. No final, peça a eles que retomem os conteúdos do capítulo, consolidando seus conhecimentos e utilizando-os como ponto de partida para suas criações.



MODERNA

O que aprendemos

Avaliação processual

HABILIDADES DA BNCC

EF15AR01; EF15AR03;
EF15AR13

1. Uma das possibilidades é que os estudantes relacionem a pintura mural a outras manifestações artísticas que utilizem suportes parecidos, estudadas em anos anteriores. Contudo, a pergunta é aberta e eles podem relacionar a obra com base no tema (a música, por exemplo) ou em elementos, como as formas animais. Até mesmo as cores podem ser objeto de comparação. Observe se eles conseguem estabelecer relações entre a pintura mural e os painéis e os grafites, que também são produzidos em espaços grandiosos, e justificar sua resposta.
2. Peça aos estudantes que localizem o assunto e identifiquem a resposta no livro. Na segunda parte da questão, eles devem imaginar situações semelhantes na atualidade, mesmo que não sejam exatamente iguais ao contexto das sociedades pré-colombianas.

Estimule-os a pensar em situações que façam parte do cotidiano, reconhecendo as diferentes funções sociais da música. Peça a eles que estabeleçam relações entre esse tema e o que estudaram no ano anterior, refletindo sobre o modo como a música pode fazer parte da nossa identidade.

O que aprendemos

Olá! Agora você fará algumas atividades e descobrirá que já aprendeu muitas coisas!

- 1 A civilização maia produziu grandes pinturas murais. Você já viu alguma obra de arte na atualidade que se parece com as pinturas murais? Justifique sua resposta.



DAVID L. FRYAN/THE BOSTON GLOBE/GETTY IMAGES

Sugestão de resposta: Painéis e grafites, pois são realizados em muros ou em extensas paredes, como nos prédios de grandes cidades.

- 2 Nas sociedades pré-colombianas a música era muito importante. Que funções a música tinha naquela época? E na sociedade atual, a música tem as mesmas funções?

A música tinha funções rituais, artísticas e sociais. Essas funções ainda estão presentes na sociedade atual.

- Dê exemplos de eventos em que a música é um elemento importante.

Sugestões de resposta: Festas de aniversário, eventos esportivos, eventos religiosos etc.

Avaliação processual

3 A argila é um material utilizado por diversos povos desde a Antiguidade. Assinale a alternativa que **não** corresponde a esse material.

- a) É fácil de ser moldado.
- b) É facilmente encontrado na natureza.
- c) É um material sintético (feito em laboratório ou indústria).
- d) Apresenta cores diferentes.

DEEMITAY/SHUTTERSTOCK



4 Como as cerâmicas marajoaras eram tingidas?

Era aplicada uma mistura de argila diluída em água e pigmentos naturais,
como o urucum, nas peças ainda úmidas.



5 No capítulo 3, você criou uma história inspirada nas lendas que ouviu. Relembre a criação do seu grupo e faça um desenho que represente as personagens que vocês inventaram.

Desenho pessoal.

HABILIDADE DA BNCC

EF15AR04

3. As alternativas a e d são localizáveis no texto e podem ser eliminadas. Para escolher entre as alternativas b e c, os estudantes deverão mobilizar seus conhecimentos e realizar uma inferência direta. Caso tenham dificuldades nesta etapa, pergunte a eles se a argila é um material natural ou é produzido em laboratório. Depois, pergunte se esse material é facilmente encontrado na natureza. Dessa maneira, espera-se que eles sejam capazes de chegar à alternativa correta.
4. Caso os estudantes não consigam responder recorrendo apenas à memória, peça que procurem no texto do livro a resposta sobre as cerâmicas marajoaras.
5. Observe se os estudantes se lembram e se apropriaram do enredo das lendas que originaram as histórias. Estimule-os a pensar sobre os elementos usados para compor as personagens (roupas, adereços, traços de animais etc.), sobre as cores que querem utilizar no desenho e o que elas representam, e se desejam criar um cenário ou desenhar outros elementos. Fique atento ao modo como ocupam o espaço destinado ao desenho na página.

Para terminar**Avaliação de resultado****HABILIDADES DA BNCC**


EF15AR01; EF15AR02;

EF15AR04

1. Inicie esta etapa propondo à turma uma conversa para relemburar as experiências e aprendizagens desenvolvidas durante o ano. Selecione algumas produções realizadas pelos estudantes, ou fotografias das atividades registrando esses momentos, e mostre para a turma. Retome o assunto das cores e pergunte a eles como relacionam as cores com as sensações, as emoções e os sentimentos; peça que transportem essa percepção para o desenho. Destine um tempo para que cada um se concentre no próprio desenho. Ao avaliar os trabalhos, verifique se eles usaram as cores de modo intencional e por que escolheram determinados elementos para representar as sensações e os sentimentos. Se achar conveniente, escolha alguns estudantes e peça que contem no que pensaram ao criar seus desenhos.
2. Verifique se os estudantes utilizaram as legendas para buscar informações referentes à obra, citando o título e reconhecendo o nome do artista. Observe também se eles procuraram outras informações, possivelmente presentes no livro, como a biografia do artista ou o contexto da obra. Analise se eles são capazes de localizar e organizar essas informações. Caso seja necessário, pergunte sobre o autor ou a obra ajudando-os a localizar as respostas no texto. Peça aos estudantes que inicialmente respondam em voz alta e depois registrem suas respostas por escrito.

**Para
terminar**

Para encerrar o trabalho com este livro, faça as atividades a seguir com atenção.

- 1  No início do ano, foram estudadas as cores primárias, secundárias e terciárias. Também foi feita uma reflexão sobre como as cores são capazes de gerar emoções nas pessoas. Pense sobre como você se sente ao terminar o ano e faça um desenho utilizando as cores que representam essa sensação para você.

Desenho pessoal.

- 2 Qual obra de arte você mais gostou de conhecer neste ano? Escreva o nome da obra, o nome do artista e faça um comentário sobre ela.

Respostas pessoais.

- 3** Neste ano, você também conheceu diferentes povos que, desde a Antiguidade, criam objetos e pinturas com materiais encontrados na natureza. Em algumas atividades, você também explorou materiais naturais. Que materiais foram esses? Escreva um comentário refletindo sobre suas experiências.

Respostas pessoais.

-  Faça um desenho que represente esses materiais.

Desenho pessoal.

- 4** Leia as perguntas com atenção e responda marcando com um X.

	Sim	Não	Às vezes
Foi prazeroso aprender novos conteúdos este ano?			
O grau de dificuldade na execução das tarefas aumentou?			
Percebi mudanças significativas no desempenho das atividades corporais?			
Meu relacionamento com o grupo evoluiu positivamente?			
Houve cooperação entre os colegas na execução das tarefas mais difíceis?			

HABILIDADES DA BNCC EF15AR04; EF15AR06

- 3.** É esperado que os estudantes se lembrem dos pigmentos naturais utilizados para realizar a atividade de pintura no capítulo 4 e dos materiais coletados para a colagem no capítulo 2. Na segunda parte da pergunta, os estudantes podem responder ressaltando as dificuldades e as descobertas no processo criativo ou estabelecer relações entre aquilo que produziram e os conteúdos aprendidos no livro. Essas respostas podem expressar desde as relações com as questões históricas e patrimoniais, até o cuidado com a natureza e o meio ambiente. A pergunta é aberta; portanto, a avaliação deve levar em conta se o estudante estabelece relações entre sua prática e os conteúdos aprendidos e se é capaz de verbalizar essas relações. Caso responda com frases muito curtas, limitando-se a dizer se gostou ou não gostou, estimule-o a desenvolver o diálogo, perguntando a ele por que gostou, ou não, bem como encaminhando de modo a levá-lo a lembrar-se de detalhes do processo criativo.

- 4.** Se necessário, auxilie os estudantes na leitura e na compreensão das questões.

A autoavaliação a cada ano é importante porque possibilita a cada um deles perceber sua evolução durante o ano letivo, não só no desenvolvimento físico como também no que diz respeito à aprendizagem, tendo em vista que, no próximo ano, atingirão uma etapa escolar mais avançada.

Vamos ler

Meu livro de Arte – Tudo sobre as cores

Rosie Dickins.

São Paulo: Usborne, 2015.

Esse livro apresenta uma introdução divertida ao mundo da arte. O leitor vai descobrir como os pigmentos e as tintas surgiram e como foram utilizadas por artistas famosos. Para despertar o interesse do leitor, são apresentadas diversas obras de arte, além de curiosidades e fatos divertidos sobre a história da arte mundial.



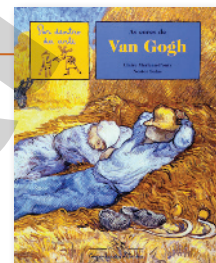
REPRODUÇÃO

As cores de Van Gogh

Claire Merleau-Ponty.

São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

O artista Vincent Van Gogh morreu sem ver sua arte reconhecida como é atualmente. Mas pintou 879 quadros, que posteriormente se tornaram extremamente famosos. Esse livro apresenta aos leitores vários desses quadros e muita informação sobre o artista e a época em que ele viveu.



REPRODUÇÃO

Uma cor, duas cores, todas elas

Lalau e Laurabeatriz.

São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

Nesse livro, o leitor encontrará poemas ilustrados que falam de cada cor. Azul é a cor da Terra. Vermelho é a cor do fogo. Amarelo é a cor do sol.

Cada cor tem sua beleza, cada uma desperta nossa imaginação. E, juntas, elas alegam ainda mais a nossa vida.



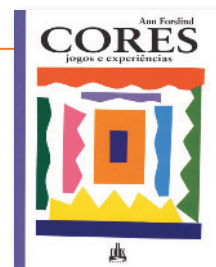
REPRODUÇÃO

Cores, jogos e experiências

Ann Forslind.

São Paulo: Callis, 2011.

De onde vêm as cores? O que acontece quando elas se misturam? Esse livro responde a essas perguntas e faz o leitor entrar no mundo das cores por meio de descobertas e experiências apaixonantes.



REPRODUÇÃO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Érica e os girassóis

James Mayhew.

São Paulo: Moderna, 2002.

Essa é uma verdadeira aventura em um museu de arte. Tudo começa quando Érica, uma garota cheia de imaginação, tenta pegar algumas sementes de girassol do quadro de Van Gogh.

A menina de uma pintura ao lado sai da tela e tenta ajudá-la, mas tudo se complica quando um cachorrinho entra na história. Você vai se divertir muito com o livro e ainda aprender coisas novas nesse passeio ao museu.



REPRODUÇÃO

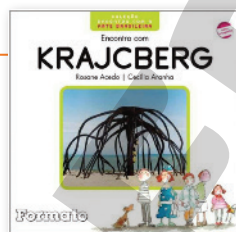
Encontro com Krajcberg

Rosane Acedo e Cecília Aranha.

São Paulo: Formato, 2019.

Esse livro coloca o leitor em contato com a vida e a obra do artista polonês Frans Krajcberg.

Ele morou no sul da Bahia desde a década de 1970 até 2017, quando morreu, e lá manteve o ateliê. O artista denunciou, por meio das obras que criou, o descaso com as florestas e a incapacidade da sociedade de proteger seu patrimônio natural e humano.



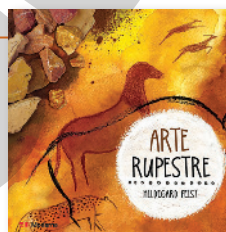
REPRODUÇÃO

Arte rupestre

Hildegard Feist.

São Paulo: Moderna, 2010.

Nesse livro, a autora trata da arte rupestre, daquelas imagens desenhadas, pintadas ou gravadas por homens pré-históricos em pedras e cavernas. Muitos desenhos que eles fizeram sobreviveram ao tempo e hoje podem ser observados. Para essa obra foram selecionadas algumas das mais famosas e mais impressionantes artes rupestres.



REPRODUÇÃO

Vamos ler

Rupi! O menino das cavernas

Timothy Bush.

São Paulo: Brinque-Book, 2002.

Nesse livro, você vai conhecer a história de Rupi, um menino das cavernas que, por não ter habilidade para caçar, enfrenta preconceitos da tribo dele. Um dia, porém, Rupi descobre que seus desenhos são mágicos e consegue, com isso, ganhar o respeito e a admiração de todos, levando a tribo a uma nova forma de subsistência.



REPRODUÇÃO

A Pré-História passo a passo

Colette Swinnen.

São Paulo: Claro Enigma, 2014.

Como surgiu a espécie humana? Quem foi Neanderthal? Desde a aparição do primeiro homem na Terra até o surgimento do *Homo sapiens*, passaram-se milhões de anos. Esse livro apresenta, de maneira simples e completa, esse vasto e rico período da História e as ciências que o estudam.



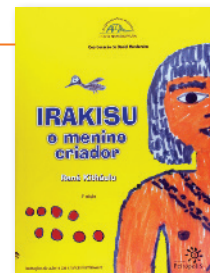
REPRODUÇÃO

Irakisu – o menino criador

Renê Kithãulu.

São Paulo: Peirópolis, 2002.

Os mitos estão muito presentes nas sociedades indígenas. Esse livro traz algumas histórias dos povos tradicionais e que revelam a verdadeira dimensão do existir.



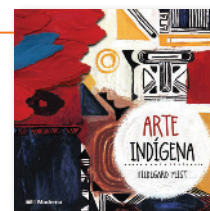
REPRODUÇÃO

Arte indígena

Hildegard Feist.

São Paulo: Moderna, 2010.

Esse livro traz expressões artísticas tradicionais de vários povos indígenas. A autora selecionou alguns exemplos bem interessantes, bonitos e significativos da arte plumária, da pintura corporal, da cerâmica e de outras manifestações artísticas dos indígenas brasileiros.



REPRODUÇÃO

Sou indígena e sou criança

César Obeid.

São Paulo: Moderna, 2014.

Nesse livro, o leitor vai conhecer a história de uma criança indígena brasileira que faz muitas coisas que toda criança faz, mas com uma diferença: a criança indígena não perdeu o contato com a natureza, não tirou o pé da terra e sabe escutar os sinais da floresta.



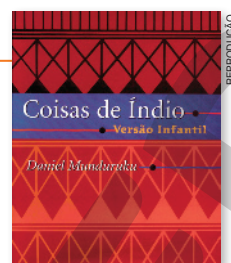
REPRODUÇÃO

Coisas de índio – versão infantil

Daniel Munduruku.

São Paulo: Callis, 2003.

Esse livro apresenta um relato sobre as comunidades indígenas do Brasil e possibilita ao leitor sensível compreender toda a riqueza e a pluralidade das coisas de nossos indígenas.



REPRODUÇÃO

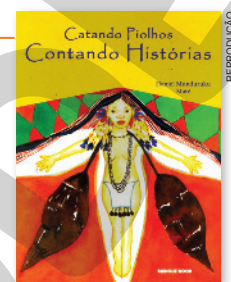
Catando piolhos, contando histórias

Daniel Munduruku.

São Paulo: Brinque-Book, 2006.

Essa obra traz memórias de infância de um menino indígena que fala das tradições do povo Munduruku.

As histórias eram transmitidas oralmente em momentos felizes na aldeia, quando ele, sentado no colo dos mais velhos ou ao lado da fogueira, ouvia histórias enquanto catavam piolhos nos cabelos dele e lhe faziam carinho na cabeça.



REPRODUÇÃO

O que é, o que é? – O pajé e as crianças numa aldeia guarani

Luis Donisete Benzi Grupioni.

São Paulo: Moderna, 2014.

Nesse livro, o autor mostra como é o Mbaravija, ou adivinhação. Nessa arte tradicional, os indígenas mais velhos de uma aldeia fazem perguntas aos que estão em volta deles para estimular a busca por respostas.



REPRODUÇÃO



Referências bibliográficas comentadas

ARAÚJO, E. *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. 1. ed. São Paulo: Imesp, 2010.

O livro oferece um panorama sobre a participação dos afrodescendentes na arte brasileira.

ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

A obra aborda diversas teorias que embasam o trabalho com arte-educação.

BEDRAN, B. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Rico estudo sobre a importância das narrativas orais para o desenvolvimento da criatividade.

BOEIRAS, G. (org.). *Maravilhas do Brasil: festas populares*. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

O livro retrata a riqueza das comemorações religiosas e folclóricas brasileiras através de 110 fotografias.

BRITO, T. A. de. *Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança*. 2. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

Nesse livro, a autora oferece reflexões teóricas e sugestões práticas sobre o trabalho com a educação musical.

BRUIT, H. H. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

Estudo acerca do frei Bartolomé de Las Casas, figura que exerceu enorme influência no império espanhol durante o período de colonização das Américas.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Nessa série de conferências, Ítalo Calvino exalta o papel insubstituível e formador da literatura diante da crise contemporânea da linguagem.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2010.

A obra reúne verbetes sobre superstições, crenças, mitos, danças e lendas adotadas e vividas pelo povo brasileiro em seu cotidiano.

CAVALLEIRO, E. (org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

Nesse livro, diversos pesquisadores procuram reconhecer o racismo presente no cotidiano escolar e propor alternativas pedagógicas para enfrentá-lo.

COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. *Quebrando*

preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2014. (Série Traçados.)

A obra procura desconstruir preconceitos e estereótipos sobre os indígenas e propor atividades que auxiliem o professor nos diferentes níveis de ensino.

CURRAN, M. J. *Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas*. 1. ed. Bloomington: Trafford Publishing, 2014.

Essa publicação se constitui um material bastante completo sobre a arte do cordel, apresentando uma pesquisa extensa e minuciosa sobre o tema.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

Nesse livro, Dewey descreve a vivência educativa como um processo que implica continuidade, interação e reconstrução da experiência.

FEIST, H. *Pequena viagem pelo mundo da Arquitetura*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

Nesse livro, a autora apresenta as obras arquitetônicas mais inovadoras da História, assim como as técnicas que revolucionaram a arte da Arquitetura ao longo do tempo.

FERREIRA, M. *Como usar a música na sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

A obra serve como um guia para professores que desejam potencializar a criatividade e o prazer musical de seus estudantes.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

Nesse livro, o autor reflete sobre os diferentes aspectos envolvidos no ato de ensinar e sobre o que este exige de educadores e educandos.

GASPAR, M. *A arte rupestre no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Coleção Descobrimos o Brasil.)

Esse volume apresenta um panorama da arte rupestre brasileira.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

Essa obra clássica serve como uma ótima introdução aos mais variados assuntos do mundo da Arte.

IAVELBERG, R. *O desenho cultivado da criança: prá-*

tica e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

A obra aborda o desenho criativo como objeto simbólico e cultural.

KOUDELA, I. D. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

O livro é uma boa referência para todo aquele que deseja aprofundar seus estudos em teatro-educação.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus, 2011.

A obra explora a relação entre as motivações do movimento e o funcionamento corporal.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Importante estudo sobre os processos de alfabetização e letramento.

MARQUES, I. A. *Dançando na escola: textos e contextos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

O livro busca propor a difusão de um ensino de dança mais crítico e transformador.

MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Clássico estudo sobre a linguagem do cinema.

MARTINS, A.; KOK, G. *Artes indígenas*. São Paulo: Claro Enigma, 2014. (Coleção Roteiros visuais no Brasil).

O livro apresenta um panorama sobre a história e a cultura dos povos indígenas brasileiros por meio do estudo de suas manifestações artísticas.

MASSIN, J.; MASSIN, B. *História da música ocidental*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

A obra trata da história da música ocidental com uma linguagem acessível, porém sem perder o rigor técnico.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

Nesse livro, os autores procuram analisar os impactos e as possibilidades do uso das tecnologias no processo educativo.

PAVIS, P. *Dicionário de Teatro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Essa obra se constitui uma referência valiosa para o conhecimento e o ensino de teatro.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos.)

Obra introdutória ao tema dos patrimônios culturais intangíveis.

PILLAR, A. D. (org.). *A educação do olhar*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

O livro trata do papel dos professores como educadores do olhar dos estudantes na tarefa de ler imagens.

PROENÇA, G. *História da Arte*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011.

Esse livro apresenta os principais movimentos artísticos, tendências e artistas, além de técnicas e materiais utilizados na confecção de obras artísticas.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

Nessa obra, Milton Santos expõe sua teoria sobre o espaço geográfico.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

O livro propõe um modo especial de olhar para o mundo e descobrir as surpreendentes relações com a música que ele oferece.

SHAW, S. *Stop Motion: técnicas manuais para a animação de modelos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Além de oferecer uma visão detalhada da animação em *stop motion*, o livro conta com um verdadeiro guia para produzir filmes bem-sucedidos com essa técnica.

SILVA, J. F. *Avaliação formativa: pressupostos teóricos e práticos*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

Nessa obra, o autor discorre sobre orientações metodológicas e instrumentos de avaliação adequados à concepção de avaliação formativa.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Nesses ensaios, Sontag analisa o significado e a evolução das fotografias desde o aparecimento do daguerreótipo, no século XIX.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Manual útil para os diversos profissionais envolvidos com teatro, incluindo educadores.

TATIT, A.; MACHADO, M. S. M. *300 propostas de artes visuais*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

O livro apresenta propostas simples e acessíveis para o trabalho com artes visuais.

TINHORÃO, J. R. *Pequena história da Música Popular Brasileira: segundo seus gêneros*. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

O livro é um estudo completo acerca das origens e da configuração de cada um dos movimentos musicais que formam a cultura brasileira.

VASCONCELLOS, L. P. *Dicionário de Teatro*. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Um guia completo sobre termos do teatro antigo e contemporâneo.

VISCONTI, M.; BIAGIONI, M. Z. *Guia para educação e prática musical em escolas*. 1. ed. São Paulo: Associação Brasileira de Música, 2002.

Esse guia, dirigido a professores do Ensino Fundamental, apresenta diversas atividades e sugestões de práticas para o trabalho com educação musical.

YVOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Nessa obra, Vygotsky analisa as relações entre pensamento e linguagem, o que resulta em uma teoria original sobre o desenvolvimento intelectual.

SITES E VÍDEOS

ACERVO Digital do Museu Afro-Brasil. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/acervo-digital>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Nesse *site* do Museu Afro-Brasil, é possível pesquisar artistas no acervo e ver reproduções das obras, que abrangem os universos das culturas africanas, indígenas e afro-brasileira.

BLOG da Emia. Disponível em: <<https://emiasp.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

No *blog* dessa escola pública de artes localizada em São Paulo (SP), é possível ter contato com relatos, fotografias e sugestões de atividades.

EXPOSIÇÃO Castelo Rá-Tim-Bum Live + Tour 360°. Disponível em: <<http://www.fotosintese360.com.br/tour/ratimbum>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Tour virtual da mostra *Castelo Rá-Tim-Bum – A exposição*, realizada pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo entre 2014 e 2015, em homenagem ao aclamado programa infantil dos anos 1990.

PORTAL do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

O *site* reúne informações sobre diversos temas abordados na coleção, como patrimônio arqueológico e patrimônio imaterial brasileiro.

TAKORAMA Festival Internacional de Cinema. Disponível em: <<https://www.takorama.org/pt>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Nesse *site*, é possível assistir a 15 curtas-metragens de animação infantojuvenis a respeito do tema “solidariedade”. Também há *lives* sobre educação e roteiros de atividades para baixar.



MODERNA

MODERNA



ISBN 978-65-5779-748-8



9 786557 797488